

Eber F. Oliveira

MOBILIDADE INTERNACIONAL DISCENTE:  
PERFIS E MOTIVAÇÕES  
DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO NA UFMG

Belo Horizonte

2018

Eber F. Oliveira

MOBILIDADE INTERNACIONAL DISCENTE:  
PERFIS E MOTIVAÇÕES DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO NA UFMG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Sociologia da Educação

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alice Nogueira

Belo Horizonte  
Faculdade de Educação da UFMG  
2018

O48m  
T

Oliveira, Eber Feliciano de, 1986-  
Mobilidade internacional discente [manuscrito] : perfis e motivações do  
estudante estrangeiro na UFMG / Eber F. Oliveira. - Belo Horizonte, 2018.  
139 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

Orientadora : Maria Alice Nogueira.

Bibliografia : f. 107-115.

Anexos: f. 126-139.

Apêndices: f. 116-125.

1. Educação -- Teses. 2. Intercambio de estudantes -- Teses.  
3. Intercambio educacional -- Teses. 4. Programas de intercambio de  
estudantes -- Teses. 5. Ensino superior -- Teses. 6. Educação internacional --  
Teses. 7. Educação e globalização -- Teses. 8. Estudantes universitarios --  
Teses. 9. Estudantes universitarios -- Escolha da escola -- Teses.

I. Título. II. Nogueira, Maria Alice de Lima Gomes, 1949-.

III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 378.198

**Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação intitulada: “Mobilidade internacional discente: perfis e motivações do estudante estrangeiro na UFMG” de autoria do mestrando Eber F. de Oliveira analisada pela banca examinadora, constituída pelos seguintes professores:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alice Nogueira - FaE/UFMG - Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Míriam Lúcia dos Santos Jorge - FaE/UFMG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Barbosa Torres Gomes – CEFET-MG

---

Prof. Dr. Cláudio Marques Martins Nogueira - FaE/UFMG (Suplente)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Alves Amorim - FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (Suplente)

Belo Horizonte, 30 de Agosto de 2018

## AGRADECIMENTOS

À orientadora, Maria Alice Nogueira, pela absoluta dedicação, paciência e pelos tantos ensinamentos. A precisão e o rigor científico que absorvi ao longo desta pesquisa vão certamente ecoar por muitos anos à frente.

A minha esposa, Morgana, pelo apoio incondicional, pela companhia inestimável, pelas observações científicas, por ser um ouvido atento em momentos de angústia e por lembrar constantemente a necessidade de manter a perseverança e a dedicação em todas as áreas da vida.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo L. Peixoto pelo parecer da pesquisa e pelas considerações valiosas feitas por meio dele.

Às professoras Míriam Lúcia dos Santos Jorge e Catarina Barbosa Torres Gomes pela atenção e disponibilidade para participar da banca de defesa desta dissertação.

À amiga Ana Paula Pedersoli Pereira pelo apoio e por todas as valiosas contribuições.

Aos colegas de pesquisa, Mariana Gadoni Canaan, Sarah Vilaça e Tulio Silva, pelo auxílio em momentos de dúvida e pelas observações tão generosas feitas ao meu trabalho.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Pereira Xavier pelos conhecimentos compartilhados sobre análise estatística, que contribuíram sobremaneira para as análises dos dados desta dissertação.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria de Oliveira Galvão por inspirar admiração e respeito pelo exercício da docência, pelo rigor metodológico e pela filosofia da ciência.

Aos estudantes estrangeiros que, de forma generosa, dispuseram de seu tempo para a realização da pesquisa.

À DRI e à DRCA pela disponibilização dos dados utilizados nesta investigação.

À pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, seus técnicos administrativos e corpo docente pelo suporte oferecido durante toda a realização da pesquisa. Um especial agradecimento às servidoras Daniele Cristina e Rosemary Madeira pelo apoio constante em várias etapas da pesquisa.

Aos amigos Jefferson Silva do Rego e Eduardo Alves pela amizade compartilhada há tantos anos.

Aos meus pais e familiares pelo incentivo permanente.

Quero estender meus agradecimentos a todas as pessoas que, ainda que não mencionadas neste texto, colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização dessa dissertação.

“Se você deseja ser um genuíno buscador da verdade, é necessário que, ao menos uma vez na vida, duvide, tanto quanto possível, de todas as coisas”.

(René Descartes)

## RESUMO

No diálogo com os estudos sobre a internacionalização do ensino superior e com as abordagens sociológicas acerca da mobilidade internacional discente, buscou-se traçar o perfil social e acadêmico dos estudantes estrangeiros matriculados na UFMG – por meio de convênios e acordos internacionais – em nível de graduação no ano de 2017. Buscou-se ainda investigar os motivos por eles declarados para a participação em programas de mobilidade internacional. A pesquisa fundamentou-se em dados secundários obtidos junto à Diretoria de Relações Internacionais da UFMG, assim como em dados primários resultantes da aplicação de questionário (N=92) e da realização de entrevistas com um pequeno grupo de alunos estrangeiros (N=8). No que concerne ao perfil dos estudantes estrangeiros, verificou-se uma predominância de estudantes do sexo masculino, com idade variando majoritariamente entre 21 e 24 anos, sem atividade remunerada e provenientes, em sua maioria, dos países ditos do “Sul”, com prevalência dos continentes da África e da América Latina/Caribe. Quanto às áreas do conhecimento, verificou-se uma prevalência feminina nas Ciências Humanas, Letras e Artes. No plano das motivações, os resultados evidenciaram que os estudantes oriundos de países desenvolvidos – ditos do “Norte” – consideram a estadia no exterior como uma oportunidade de desenvolvimento de disposições de autonomia pessoal e de descoberta de outras culturas, além de propiciar o aprimoramento da proficiência em outro idioma. Já os estudantes vindos de países menos desenvolvidos, buscam, na experiência de mobilidade internacional, sobretudo, uma ocasião de qualificação acadêmica e de ampliação de suas condições futuras de empregabilidade. Para esses últimos, o valor e a reputação do diploma emitido pela UFMG em seus países de origem foram fatores mobilizadores importantes na decisão de partir para o exterior.

**Palavras-chave:** Mobilidade internacional discente. Internacionalização do ensino superior.

## ABSTRACT

In the dialogue between the studies on the internationalization of higher education and the sociological approaches to international student mobility, we sought to outline the social and academic profile of foreign students enrolled at UFMG – through international agreements and exchange programs – at the undergraduate level in the year 2017. It was also sought to further investigate the reasons they declared for participation in international mobility programs. The research was based on secondary data obtained from the UFMG International Relations Office, as well as on primary data resulting from the application of a questionnaire (N=92) and interviews with a small group of foreign students (N=8). Regarding the profile of foreign students, there was a predominance of male students, ranging in age mainly from 21 to 24 years old, with no gainful activity, mostly from the "South" countries, with the prevalence of continents of Africa and Latin America / Caribbean. As for the areas of scientific knowledge, there was a female prevalence in Human Sciences, Languages and Arts. In terms of motivations, the results showed that students from developed countries – from the "North" – consider the stay abroad as an opportunity to develop dispositions of personal autonomy and discovery of other cultures, as well as a means to improve the proficiency in another language. On the other hand, students coming from less developed countries seek in the experience of international mobility, above all, an opportunity for academic qualification and expansion of their future conditions of employability. For the latter, the value and reputation of the diploma issued by the UFMG in their countries of origin were important mobilizing factors in the decision to go abroad.

**Keywords:** International student mobility. Internationalization of higher education.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – As 20 principais nacionalidades que chegaram à Europa pelo programa <i>Erasmus Mundus</i> , 2004 a 2014.....	26
Gráfico 2 – Distribuição dos estudantes estrangeiros móveis pelos principais países remetentes e receptores de estudantes, 2014-2015.....	27
Gráfico 3 – Evolução do número de estudantes estrangeiros acolhidos na França, EUA, Alemanha e Reino Unido, 1975-2001.....	39
Gráfico 4 – Distribuição de estudantes estrangeiros no ensino superior por país de destino, 2013.....	40
Gráfico 5 – Circulação internacional de estudantes móveis em 2009.....	41
Gráfico 6 – Circulação internacional de estudantes móveis na Europa em 2009.....	42
Gráfico 7 – Modelo do processo de tomada de decisão do estudante estrangeiro.....	46
Gráfico 8 – As principais razões para os estudantes <i>Erasmus</i> irem para o exterior, 2010.....	49
Gráfico 9 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por sexo de acordo com regiões geográficas de origem, UFMG – 2017.....	57
Gráfico 10 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por sexo e áreas do conhecimento, UFMG – 2017.....	59
Gráfico 11 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por faixas de idade, UFMG – 2017.....	61
Gráfico 12 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por faixas de idade e região geográfica de origem, UFMG – 2017.....	62
Gráfico 13 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a raça e região geográfica de origem, UFMG – 2017.....	63
Gráfico 14 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a proficiência em língua inglesa, UFMG – 2017.....	74
Gráfico 15 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a proficiência em língua portuguesa antes de chegar ao Brasil, UFMG – 2017.....	75
Gráfico 16 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a proficiência em língua portuguesa durante a estadia no Brasil, UFMG – 2017.....	75
Gráfico 17 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por áreas do conhecimento, UFMG – 2017.....	78
Gráfico 18 – Cursos agrupados em áreas do conhecimento por países do Norte e Sul, UFMG – 2017.....	79

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Evolução cronológica do Processo de Bolonha, 1999-2009.....	21
Quadro 2 – Motivações para a mobilidade internacional discente.....	45
Quadro 3 – Motivações para a escolha do país de destino.....	47
Quadro 4 – Descrição dos entrevistados.....	81

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mobilidade estudantil do programa <i>Erasmus</i> , 2013-2014.....	23
Tabela 2 – Projetos de cooperação do programa <i>Erasmus</i> para o ensino superior, 2013.....	24
Tabela 3 – Programas e organizações de ensino superior participantes dos <i>Erasmus Mundus</i> , 2004-2014.....	25
Tabela 4 – Estudantes estrangeiros em mobilidade internacional de nível superior no Brasil e nos sete países que mais recebem alunos estrangeiros, 2002-2004/2009-2012.....	29
Tabela 5 – Estudantes estrangeiros acolhidos pelo Brasil por continente, 2002-2004/2009-2012.....	29
Tabela 6 – Estudantes estrangeiros matriculados no ensino superior no Brasil, 2010.....	30
Tabela 7 – Número de estudantes africanos participantes do PEC-G no Brasil, 2000-2016.....	31
Tabela 8 – Número de estudantes latino americanos/caribenhos participantes do PEC-G no Brasil, 2000-2016.....	33
Tabela 9 – Número de estudantes asiáticos participantes do PEC-G no Brasil, 2000-2016.....	34
Tabela 10 – Total de alunos estrangeiros na UFMG, 2014-2017.....	35
Tabela 11 – Número de estudantes estrangeiros de graduação na UFMG segundo os programas e acordos de mobilidade internacional discente, 2014-2017.....	36
Tabela 12 – Número de estrangeiros matriculados em turmas de Português como Língua Adicional (PLA), 2012-2017.....	37
Tabela 13 – Principais determinantes da decisão de estudar fora do Reino Unido.....	48
Tabela 14 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a nacionalidade, UFMG – 2017.....	54
Tabela 15 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a região geográfica de origem, UFMG – 2017.....	55

Tabela 16 – Distribuição das nacionalidades de acordo com os países do Norte e Sul, UFMG – 2017.....	55
Tabela 17 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por sexo, UFMG – 2017.....	56
Tabela 18 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por idade, UFMG – 2017.....	60
Tabela 19 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a autodeclaração de raça, UFMG – 2017.....	63
Tabela 20 – Distribuição dos estudantes estrangeiros segundo a renda familiar mensal, UFMG – 2017.....	64
Tabela 21 – Distribuição do tipo de auxílio financeiro recebido pelos estudantes, UFMG – 2017.....	65
Tabela 22 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com o exercício de atividade remunerada, UFMG – 2017.....	66
Tabela 23 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com o exercício de atividade remunerada desmembrados por países do Norte e do Sul, UFMG – 2017.....	67
Tabela 24 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a escolaridade dos pais, UFMG – 2017.....	68
Tabela 25 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com o número de viagens progressas feitas a países estrangeiros, UFMG – 2017.....	70
Tabela 26 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com país de destino das viagens progressas ao exterior, UFMG – 2017.....	71
Tabela 27 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com região geográfica de destino das viagens progressas ao exterior, UFMG – 2017.....	71
Tabela 28 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para viagens progressas ao exterior, UFMG – 2017.....	72
Tabela 29 – Duração média das estadias progressas em países estrangeiros antes de vir ao Brasil, UFMG – 2017.....	73
Tabela 30 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com curso frequentado na UFMG – 2017.....	76
Tabela 31 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para participar de um intercâmbio, UFMG – 2017.....	83
Tabela 32 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para participar de um intercâmbio por região geográfica de origem, UFMG – 2017.....	87

Tabela 33 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para vir ao Brasil, UFMG – 2017.....	91
Tabela 34 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para vir ao Brasil por região geográfica de origem, UFMG – 2017.....	93
Tabela 35 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para a mobilidade na UFMG, UFMG – 2017.....	96
Tabela 36 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para a mobilidade na UFMG por região geográfica de origem, 2017.....	99

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACI	Assessoria de Cooperação Internacional
AUGM	Associação de Universidades do Grupo Montevideu (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai)
AULP	Associação das Universidades de Língua Portuguesa
BRACOL	Programa de Intercâmbio de Estudantes Brasil-Colômbia
BRAFITEC	BRAsil France Ingénieur TECnologia
BRAMEX	Programa de intercâmbio de estudantes entre Brasil e México
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI	Coordenadoria de Cooperação Internacional
CGE	Conférence des grandes écoles
DRCA	Departamento de Registro e Controle Acadêmico
DRI	Diretoria de Relações Internacionais
ERASMUS	EuRopean Community Action Scheme for the Mobility of University Students
IBRASIL	Intercâmbio entre estudantes da União Europeia (UE) e o Brasil
MARCA	Programa de Mobilidade Acadêmica Regional em Cursos Acreditados
MRE	Ministério das Relações Exteriores
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OSFE	Observatório Sociológico Família-Escola
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PLA	Português como Língua Adicional
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
SRI	Serviço de Relações Internacionais
UE	União Europeia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UIS	Instituto de Estatística da UNESCO
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – O FENÔMENO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR .....	19
1.1 Breve histórico da internacionalização do ensino superior .....	19
1.2 A mobilidade internacional discente no Brasil.....	28
1.3 A mobilidade internacional discente na UFMG .....	34
CAPÍTULO 2 – A MOBILIDADE INTERNACIONAL DISCENTE COMO OBJETO SOCIOLOGICO .....	38
2.1 Categorias e tipos de mobilidade estudantil .....	38
2.2 A desigualdade nos fluxos de estudantes estrangeiros .....	39
2.3 As motivações para a mobilidade .....	43
2.4 A noção de “capital de mobilidade” .....	50
CAPÍTULO 3 – O ESTUDANTE ESTRANGEIRO NA UFMG: PERFIL SOCIAL E ACADÊMICO .....	53
3.1 Perfil sociodemográfico.....	53
3.1.1 Nacionalidade .....	54
3.1.2 Sexo .....	56
3.1.3 Idade .....	60
3.1.4 Pertencimento étnico-racial .....	62
3.2 Perfil socioeconômico .....	64
3.2.1 Renda .....	64
3.2.2 Exercício de atividade remunerada.....	66
3.3 Perfil sociocultural.....	67
3.3.1 Nível de escolaridade dos pais.....	67
3.3.2 Experiências pregressas de viagens ao exterior.....	69
3.3.3 Competências linguísticas .....	73
3.4 Curso superior frequentado na UFMG .....	76
CAPÍTULO 4 – AS MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO PAÍS E DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR .....	80
4.1 Por que participar de um intercâmbio?.....	83
4.2 A escolha pelo Brasil .....	91
4.3 A escolha pela UFMG .....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	107
APÊNDICE A – Questionário aplicado aos estudantes estrangeiros na UFMG (2017) .....	116
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com estudantes estrangeiros.....	125
ANEXO A – Convênios de intercâmbio discente de graduação na UFMG.....	126
ANEXO B – Decreto nº 7.948 (Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G).....	133
ANEXO C – Resolução Normativa do Conselho Nacional de Imigração sobre Estudante Estrangeiro.....	138

## INTRODUÇÃO

“O maior desafio para qualquer pensador é enunciar o problema de tal modo que possa permitir uma solução”.

(Bertrand Russell)

Como costuma acontecer, esta pesquisa teve sua gênese em circunstâncias pessoais. Duas experiências internacionais, em nível de graduação, foram os fatores propulsores. A primeira ocorreu quando cursei a Faculdade de Letras na Universidade Federal de Goiás. Dois anos depois de iniciado o curso, surgia a primeira oportunidade de intercâmbio internacional, no nível de graduação, realizado no *Gadsden State Community College* nos Estados Unidos. Ao retornar para o Brasil, percebi que já não era o mesmo e que minhas motivações jamais seriam as mesmas anteriores à experiência de mobilidade. Dois anos após essa experiência, uma nova oportunidade surgiria: um intercâmbio de 10 meses na *Erasmushogeschool Brussel* em Bruxelas por meio Programa Erasmus Mundus. Essas experiências foram a força motriz inicial a motivar o interesse por esta pesquisa, que pretende investigar o perfil e as motivações dos estudantes estrangeiros<sup>1</sup> de graduação em situação mobilidade internacional na UFMG no momento atual.

A internacionalização do ensino superior é um fenômeno em franca expansão e apresenta diferentes facetas: assinaturas de acordos e convênios entre universidades parceiras no mundo todo; programas internacionais de pesquisa e de produção do conhecimento; trocas acadêmicas entre docentes e discentes, entre outras. Desde 1950, o número de estudantes universitários que busca formação em países estrangeiros aumentou mais de 14 vezes, saltando de 108.000 naquele ano para 1,6 milhão em 2000. De 1960 a 2001, a taxa de crescimento anual de estrangeiros matriculados em instituições de ensino superior foi de 7% (COULON; PAIVANDI, 2003). No que se refere à internacionalização do corpo discente em nível de graduação, objeto deste projeto de dissertação, no período de 2005 a 2012, o número de estudantes universitários que deixou seu país e matriculou-se em uma instituição de ensino superior de outro país aumentou 50%. Somente no ano de 2013, quatro milhões de jovens em todo o mundo participaram de algum tipo de mobilidade acadêmica de graduação (OECD, 2017).

---

<sup>1</sup> O estudante estrangeiro é aqui entendido como um “aluno que tenha atravessado uma fronteira ou território nacional para fins de educação e que esteja matriculado [em uma instituição de ensino superior] fora do seu país de origem” (UNESCO, 2012, p. 67).

O documento *L'enseignement supérieur à l'horizon 2030*, produzido pela OCDE<sup>2</sup> em 2011, reitera os avanços mais recentes da internacionalização do ensino superior, ao afirmar que a globalização influencia e é influenciada pelo ensino superior que passa a ter papel preponderante na competitividade em uma nova ordem econômica mundial baseada no conhecimento (OCDE, 2011, p. 11). À medida que essa economia do saber, reflexo das revoluções do mundo moderno, transfere ao nível superior de ensino e às instituições, que o regulam, um papel de extrema importância, a investigação da internacionalização desse nível, passa a ter prioridade (OCDE, 2011).

A literatura sobre mobilidade estudantil internacional tem mais frequentemente focalizado os grandes centros mundiais da internacionalização do ensino superior, como os Estados Unidos e a Europa, deixando em segundo plano os países periféricos. No entanto, temos assistido um esforço crescente das universidades brasileiras em internacionalizar seus quadros. Parte desses esforços é dedicada especificamente a atrair estudantes estrangeiros, por exemplo, por meio da oferta de cursos e disciplinas em língua inglesa ou espanhola, ou ainda de cursos de língua portuguesa para estrangeiros, oferecidos, muitas vezes, em parceria com as faculdades de letras das instituições, como é o caso da UFMG, ou ainda, pela celebração de acordos e programas bilaterais nos quais se prevê um intercâmbio de estudantes entre os países envolvidos.

Inserida nesse contexto da mobilidade internacional discente, esta pesquisa pretende investigar o estudante estrangeiro atualmente matriculado na UFMG no nível de graduação, através do exame de seu perfil, observando os aspectos demográficos (sexo, idade, nacionalidade, pertencimento étnico-racial), econômicos (renda e exercício de atividade remunerada) e culturais (nível de instrução dos pais, proficiência linguística, trajetória acadêmica e de mobilidade). Pretende-se também analisar as motivações que mobilizaram esses discentes a aportar no Brasil e na UFMG. A pesquisa pretende adensar o conjunto de conhecimento já produzido pelo Observatório Sociológico Família-Escola (OSFE) sobre o tema, estendendo-o à mobilidade dita de “chegada”, ainda inédita no conjunto dos estudos do OSFE.

Para a realização da pesquisa, definimos um percurso metodológico composto de duas frentes de trabalho, uma de cunho quantitativo e outra de natureza qualitativa. Na **primeira frente**, levantamos e tratamos dados estatísticos sobre a evolução da mobilidade internacional

---

<sup>2</sup> A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma organização internacional, composta por 34 países ocidentais desenvolvidos com sede em Paris/França. Essa organização produz dados estatísticos educacionais em nível mundial, em particular, sobre o ensino superior.

de chegada no Brasil e na UFMG. Os dados relativos ao Brasil foram extraídos dos bancos de dados on-line da UNESCO<sup>3</sup> e da OCDE. Já os dados referentes à UFMG foram retirados de planilhas eletrônicas e relatórios, fornecidos pelas duas únicas fontes institucionais disponíveis: a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) e o Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DRCA), ambos setores da UFMG.

Esse conjunto de dados secundários será exposto e analisado no capítulo um desta dissertação. Por ora cabe apenas dizer que, a partir das planilhas eletrônicas de dados disponibilizadas pela DRI e completadas pelo DRCA, as quais forneciam dados dos intercambistas estrangeiros na UFMG (sexo idade, nacionalidade e curso de graduação frequentado) até o segundo semestre de 2016, selecionamos, para esta pesquisa, os estudantes ainda presentes na UFMG e que cursavam a graduação (i.e. excluindo os pós-graduandos) e, dentre esses, apenas os intercambistas participantes de mobilidade institucionalizada (i.e. excluindo estudantes de mobilidade livre<sup>4</sup>). Assim, aplicados os critérios descritos, chegou-se a um total de 169 discentes estrangeiros matriculados na UFMG no 2º semestre de 2016.

Na **segunda frente** de trabalho, empreendemos a coleta de dados primários por meio da aplicação de um questionário e da realização das entrevistas com os sujeitos selecionados segundo os procedimentos elencados a seguir, mas esclarecendo antes que, por motivos institucionais, foi vedado ao pesquisador o contato pessoal (e-mail, endereço etc.) com os estudantes estrangeiros. Esse fato não deixou outra alternativa a não ser o envio dos questionários por terceiros interpostos, o que em muito prejudicou tanto o controle do envio, quanto o volume de respostas obtido. Os envios foram feitos:

1º) Pela DRI, em maio de 2017, para um total de 132<sup>5</sup> estudantes. Recebemos, no total, 18 questionários válidos.

2º) Pelo DRCA, em junho de 2017, para o mesmo grupo de estudantes. Foram enviados 159 e-mails, dos quais obtivemos 20 questionários válidos.

Em face desse número reduzido de apenas 38 questionários válidos, decidimos utilizar um procedimento alternativo, a saber: a aplicação presencial, em setembro de 2017, de um questionário físico aos alunos de um curso de língua portuguesa destinado a estudantes

---

<sup>3</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

<sup>4</sup> A distinção entre ‘mobilidade institucionalizada’ e ‘mobilidade livre’ será feita no capítulo 2.

<sup>5</sup> O número menor de convites enviados em relação ao total de alunos matriculados (169) deve-se a e-mails incorretos ou não informados pelos discentes e ainda à possibilidade de que alguns estudantes já tenham deixado a UFMG.

estrangeiros e oferecido pela Faculdade de Letras da UFMG. Por essa via, foram colhidos mais 54 questionários válidos. Do conjunto desses expedientes, resultou um total de 92 questionários válidos que compõem a população de discentes que será objeto desta dissertação.

O questionário foi composto por questões fechadas, de múltipla escolha (com mostruário e de estimacão) e de escalonamento Likert (BABBIE, 1999; MARCONI; LAKATOS, 2010). O objetivo das questões foi identificar o perfil social e acadêmico dos discentes, e sua motivação para o intercâmbio, a partir das seguintes informações:

- a) dados demográficos (sexo, idade, pertencimento étnico-racial, número de irmãos, nacionalidade);
- b) dados socioeconômicos (renda, exercício de atividade remunerada, ocupação dos pais);
- c) dados socioculturais (escolaridade dos pais, proficiência linguística, trajetória acadêmica e de mobilidade);
- d) motivações para a mobilidade internacional.

A tabulação e a análise dos dados extraídos dos questionários foram feitas utilizando *software* de análise estatística (DANCEY; REIDY, 2013). Em todos os questionários, havia um campo específico, no final, convidando os sujeitos a participarem posteriormente de uma entrevista, mas apenas oito sujeitos aceitaram o convite. Os encontros ocorreram entre junho e outubro de 2017, nas dependências da própria universidade, em salas de aula disponíveis ou em salas de grupos de estudo nas bibliotecas da instituição. As entrevistas foram organizadas no formato semiestruturado (MINAYO, 2004) e tiveram por objetivo complementar as informações colhidas nos questionários e abordar outras questões não discutidas neles. O roteiro das entrevistas foi organizado em três blocos:

- a) experiências anteriores de mobilidade internacional e motivações para a partida (viagens pregressas, motivações para participar de experiência internacional discente);
- b) processo de escolha da destinação (preparação para o intercâmbio, processo de coleta de dados sobre o país de destino, estratégias de seleção e motivos para a escolha específica do país e universidade de destino); e

- c) significado da experiência em mobilidade internacional (papel da família e de pessoas próximas, aspectos financeiros, desafios enfrentados, relacionamentos sociais, avaliação de expectativas prévias, projetos pós-intercâmbio).

Considerando que as entrevistas foram feitas em português, língua estrangeira para os entrevistados, fez-se necessário corrigir eventuais erros de pronúncia, em nome da boa legibilidade do texto transcrito. A transcrição, para Bourdieu (1997, p. 710), “é necessariamente escrever, no sentido de reescrever: [...] a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade”. No entanto, seguindo o conselho do sociólogo, “nunca se substituiu uma palavra por outra, nem se transformou a ordem das perguntas, ou o desenrolar da entrevista”.

Transcritas as entrevistas, procedemos à análise de conteúdo desse *corpus* com o auxílio de *software* para análise de entrevistas. Conforme preconiza Bardin, realizamos uma “leitura flutuante” com o intuito de “situar um número de observações formuláveis a título de hipóteses provisórias”. Superada essa fase, seguiu-se o processo analítico, dividido em três fases (BARDIN, 2011, p. 68):

- a) pré-análise (operacionalização e sistematização das ideias iniciais obedecendo a critérios de exaustividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade);
- b) exploração do material (definição das unidades de registro e codificação);
- c) tratamento dos resultados (interpretações e inferências embasadas pelo quadro teórico).

A dissertação está subdividida em quatro capítulos, além das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta um exame de dados do estado da mobilidade internacional discente no Brasil e na UFMG. Detalha ainda os principais acordos e programas de intercâmbio ativos na UFMG. O segundo capítulo apresenta o debate teórico sobre as motivações e significados da mobilidade internacional discente. A discussão dos dados sobre o perfil social e acadêmico dos estudantes estrangeiros na UFMG será feita no capítulo três, seguida da exposição e análise das motivações dos discentes estrangeiros para virem ao Brasil e à UFMG a ser realizada no capítulo quatro.

# CAPÍTULO 1 – O FENÔMENO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

## 1.1 Breve histórico da internacionalização do ensino superior

“O cientista não é o homem que fornece as verdadeiras respostas; é quem faz as verdadeiras perguntas”.

(Claude Lévi-Strauss)

Em uma perspectiva histórica, Marginson e van der Wende (OCDE, 2011, p. 20) lembram que o ensino superior “nunca fez muito caso das fronteiras administrativas [...] (e) sempre foi mais aberto ao mundo que a maioria dos outros níveis [de ensino]”. Com efeito, embora tenha avançado profundamente nas últimas décadas, a internacionalização do ensino superior é conhecida desde a Idade Média. Charles e Verger (1996, p. 27-29), em sua *História das Universidades*, relatam que, já no período medieval, jovens provenientes da Europa Central se dirigiam a cidades francesas e italianas em busca do conhecimento disponível à época. Wagner (2007) cita esses dois autores quando aborda a experiência de Tomás de Aquino que, durante a Idade Média, teria percorrido milhares de quilômetros difundindo seus conhecimentos pelas cidades europeias de Colônia, Paris e Nápoles:

As populações universitárias medievais eram bastante móveis, uma vez que, em tese, nenhuma fronteira se opunha à circulação dos homens nem à validade universal dos diplomas [...]. De fato, no decorrer de toda a Idade Média, a principal corrente migratória foi a que arrastava para a Itália, por um lado, e para Paris, por outro, os estudantes do Império e da Europa Central (CHARLES & VERGER, 1996, p. 27).

O historiador e grande medievalista Jacques Le Goff (2003) reafirma esse caráter cosmopolita ao asseverar que a universidade medieval:

[...] é, de modo único, *internacional*, em seus membros (mestres e estudantes vindos de todos os países); na matéria de sua atividade (a ciência que não conhece fronteiras); e em seus horizontes, ao ser sancionada a *licentia ubique docendi*, o direito de ensinar por toda a parte de que se beneficiam estatutariamente os graduados das maiores universidades (p. 101) (grifos do autor).

Ainda no século XV, surge um dos mais importantes personagens desse processo: Erasmo de Roterdã. Para Stefan Zweig, biógrafo de Erasmo, o pensador holandês tinha consciência do cosmopolitismo que o caracterizava, não se estabelecendo de forma fixa em nenhum país, e opondo-se a colocar nações em posição de confrontação. Sua primeira experiência internacional ocorreu quando obteve uma bolsa de estudos para cursar teologia em Paris. Partindo dos Países Baixos, Erasmo viaja pela Europa, passando por França, Inglaterra, atravessando Turim, Florença, Veneza, Roma, num fenômeno que os historiadores passaram a designar como *peregrinatio academica* (WAGNER, 2007).

Avançando no tempo, verifica-se um grande avanço nos processos de internacionalização do ensino superior com o início do Tratado de Bolonha, que visou, em sua gênese, a equiparação de requisitos, normas e qualificações para o ensino superior entre os países da Europa, com o fito de facilitar a mobilidade de estudantes naquele continente. O nome refere-se à Universidade de Bolonha, onde o acordo foi assinado em 1999 pelos ministros encarregados do ensino superior de 29 países da Europa (WIELEWICKI; OLIVEIRA, 2010). De acordo com a Comissão Europeia, o processo foi necessário pois:

Os sistemas de educação e formação amplamente diferentes na Europa dificultam a utilização por um europeu das qualificações [obtidas em] um [determinado] país [europeu] para se candidatar a um emprego ou [fazer] um curso em outro. O aumento da compatibilidade entre os sistemas educacionais torna mais fácil para os estudantes e candidatos a emprego se movimentarem dentro da Europa. Ao mesmo tempo, as reformas de Bolonha ajudam a tornar as universidades e faculdades europeias mais competitivas e atraentes para o mundo. O Processo de Bolonha também apoia a modernização dos sistemas de educação e formação para garantir que estes satisfaçam às necessidades de um mercado de trabalho em mudança. Isso é importante à medida que cresce a proporção de empregos que exigem alta qualificação e aumenta a demanda por inovação e empreendedorismo (COMISSÃO U. E., 2018)<sup>6</sup>.

Atualmente, 48 países europeus fazem parte do Tratado de Bolonha e cooperam entre si para harmonizar suas estruturas de ensino superior e assim permitir uma maior mobilidade de discentes no continente (COMISSÃO U. E., 2018). A mobilidade de estudantes entre os países europeus passa a ganhar destaque no Comunicado de Londres, como se pode notar no quadro 1, que apresenta a evolução do Processo de Bolonha, desde o seu início em 1999 até o ano de 2009:

---

<sup>6</sup> Este excerto e todos os outros textos em língua estrangeira foram traduzidos pelo autor.

Quadro 1 – Evolução cronológica do Processo de Bolonha, 1999-2009

Data	Documento	Pontos de destaque
1999	Declaração de Bolonha	Necessidade de retomar o papel da Europa na Educação Superior no contexto global – a Europa do conhecimento.
2000	Projeto Tuning	Projeto piloto para sintonizar as estruturas educativas da Europa.
2001	Comunicado de Praga	Indicação de três linhas de ação: 1) Aprendizagem ao longo da vida; 2)envolvimento dos estudantes na gestão; 3) promoção da atividade do espaço europeu de ES.
2003	Comunicado de Berlim	Reafirma objetivos de Bolonha e Praga e adiciona: 1) Vínculos mais estreitos entre ES e pesquisa;2) ampliação do sistema de 2 ciclos, incluindo um terceiro, para doutoramento e cooperação pós-doutoramento. Defesa da diversidade dos perfis acadêmicos. Dilema - convergência x padronização.
2005	Comunicado de Bergen	Ministros desejam, até 2007, avançar, nos seguintes aspectos:Elaboração das referências e das linhas de orientação para a garantia da qualidade, tal como proposto pelo relatório da ENQA (rede europeia para a garantia da qualidade no ensino superior);estabelecimento dos quadros nacionais de qualificações;emissão e reconhecimento de diplomas conjuntos, incluindo em nível de doutoramento;criação de oportunidades para percursos flexíveis de formação no ensino superior, incluindo existência de disposições para validação dos acervos.
2007	Comunicado de Londres	Esforços de avanço na questão de mobilidade e comparabilidade da certificação são reportados e reiterados.Internacionalização ganha destaque tanto no relato como nos compromissos futuros.Dimensões de qualidade da UNESCO e OCDE como parâmetro para diálogo internacional.Empregabilidade dos egressos como uma questão central.Retomar a visão inicial do Processo como pauta para os desafios futuros, para além de estruturas e ferramentas.
2009	Comunicado de Louvain	Balanço positivo da primeira década do Processo.Reiterados os fundamentos do Processo de Bolonha como base para a pauta até 2020. Termos presentes (em contraposição à crise econômica atual): inovação, criatividade, modernização. Autonomia universitária indissociável de financiamento público à ES.

Fonte: Wielewicki & Oliveira, 2010.

Erasmus de Roterdã, pensador europeu citado acima, dá hoje nome ao Programa *Erasmus* (acrônimo para *EuROpean Community Action Scheme for the Mobility of University Students*) que representa, desde 1987, o maior programa de mobilidade estudantil no mundo. Ele foi fundado com o objetivo de construir um espaço europeu voltado para o conhecimento por parte de uma Europa competitiva no âmbito global, com recursos humanos altamente qualificados e móveis dentro do próprio continente e buscando ainda a superação das diferenças linguísticas, sociais e políticas num continente com nações e línguas igualmente diversas (ERLICH, 2012). De acordo com a Comissão Europeia:

O Erasmus oferece aos estudantes a possibilidade de estudar em outra instituição de ensino superior [na Europa]. A *Erasmus Student Mobility for Studies*, que é a ação mais comum, permite que os alunos passem um período de estudo de 3 a 12 meses no exterior. O objetivo é proporcionar aos estudantes a oportunidade de estudar em outro país, promover a cooperação entre instituições e ajudar a enriquecer seu ambiente educacional e contribuir para a formação de um grupo de jovens bem qualificados, de mente aberta e com experiência internacional (COMISSÃO U. E., 2015).

Em seu primeiro ano de funcionamento, 11 países faziam parte do programa e 3.244 discentes dele participaram. Em 2012/2013, mais de 270 mil estudantes de 33 países circulavam por aquele continente. No total, o programa já movimentou mais de 3 milhões de estudantes vinculados a 3.388 universidades de 33 países europeus<sup>7</sup>. Cerca de 70 % dos participantes do Programa são alunos de Graduação, 28 % de Mestrado e 1 % de Doutorado<sup>8</sup> (COMISSÃO U. E., 2014). No mesmo período, a Espanha foi o destino que mais recebeu alunos pelo programa, somando um total de 39.277 alunos recebidos. Na sequência, aparecem Alemanha, França, Reino Unido e Itália como os maiores acolhedores de estudantes. Os discentes dos cursos de Ciências Sociais, *Business* e Direito perfaziam a maior parte (41%) dos estudantes estrangeiros em estadia pelo programa no período. Em segundo lugar, aparecem os estudantes de Humanidades e Artes (22%); seguidos da Engenharia, manufatura e construção (15%); Ciência, Matemática e Computação (7,5%); saúde e bem-estar social (6%) (COMISSÃO U. E., 2015). Abaixo, vê-se, na tabela 1, o estado da mobilidade do programa no período de 2013 a 2014:

---

<sup>7</sup> Dentre esses países, figuram 27 membros da União Europeia, além de Croácia, Islândia, Liechtenstein, Noruega, Suíça e Turquia.

<sup>8</sup> O 1 % restante realizou estadia de curta duração (COMISSÃO U. E., 2014).

Tabela 1 – Mobilidade estudantil do programa *Erasmus*, 2013-2014

	Tipo de mobilidade estudantil	
	Estudos	Estágios (trabalho)
Número total de estudantes Erasmus	212.208	60.289
Bolsa mensal média da UE (€)	255	367
Duração média (meses)	6,2	4,4
Número de bolsas para alunos com necessidades especiais	331	70
Principais países remetentes	ES, DE, FR, IT, TR	FR, ES, DE, UK, IT
Principais países receptores	ES, FR, DE, UK, IT	UK, ES, DE, FR, IT
Nível de estudos (% de participação)	Graduação 70% Mestrado 28% Doutorado 1% Ciclo Curto 1%	Graduação 56% Mestrado 31% Doutorado 3% Ciclo Curto 11%
Média de idade dos alunos (anos)	23,4	23,9
Número de instituições de ensino superior que enviam estudantes	2.407	2.829
Equilíbrio de gênero (% de mulheres)	60,2%	61,6%

Fonte: COMISSÃO U. E., 2015.

Em conjunto com a mobilidade estudantil, o programa *Erasmus* promove a modernização do ensino superior na Europa pelo financiamento de projetos de cooperação conjuntos. Esses projetos, que podem durar de um a três anos, visam a estimular a mobilidade por meio da cooperação transnacional entre instituições de ensino superior e outras partes interessadas no continente europeu. Os dados gerais sobre os projetos de cooperação do programa para ano de 2013 estão apresentados na tabela 2:

Tabela 2 – Projetos de cooperação do programa *Erasmus* para o ensino superior, 2013

Tipo de ação	Número de candidaturas recebidas	Número de candidaturas aprovadas	Taxa de sucesso de candidaturas	
Projetos Multilaterais (Prioridades)	Qualidade através da mobilidade e cooperação transfronteiriça	23	4	17,4%
	Reforçar a dimensão social do ensino superior	27	8	29,6%
	Qualidade e relevância através da cooperação entre as IES e o mercado de trabalho	135	33	24,4%
	Melhorar a governança e o financiamento	13	3	23,1%
	<i>Knowledge Alliances</i>	68	14	20,6%
<b>TOTAL</b>	<b>266</b>	<b>62</b>	<b>23,3%</b>	
Redes Acadêmicas	22	8	36,4%	
Medidas de Acompanhamento	23	9	39,1%	
<b>TOTAL</b>	<b>311</b>	<b>79</b>	<b>25,4%</b>	

Fonte: COMISSÃO U. E., 2015.

Por meio da Decisão nº 2317/2003/CE do Parlamento Europeu, foi criado, em 2004, o programa *Erasmus Mundus* que estende a mobilidade estudantil a estudantes de outros continentes. Dentre seus objetivos, figuram o desenvolvimento de uma cooperação mais estruturada entre a União Europeia e instituições de países terceiros e o incremento da mobilidade externa da UE, tornando o ensino superior europeu mais acessível e aumentando sua visibilidade em todo o mundo (PARLAMENTO EUROPEU, 2003). A tabela 3 apresenta dados sobre os programas e países participantes do *Erasmus Mundus* no período de 2004 a 2014:

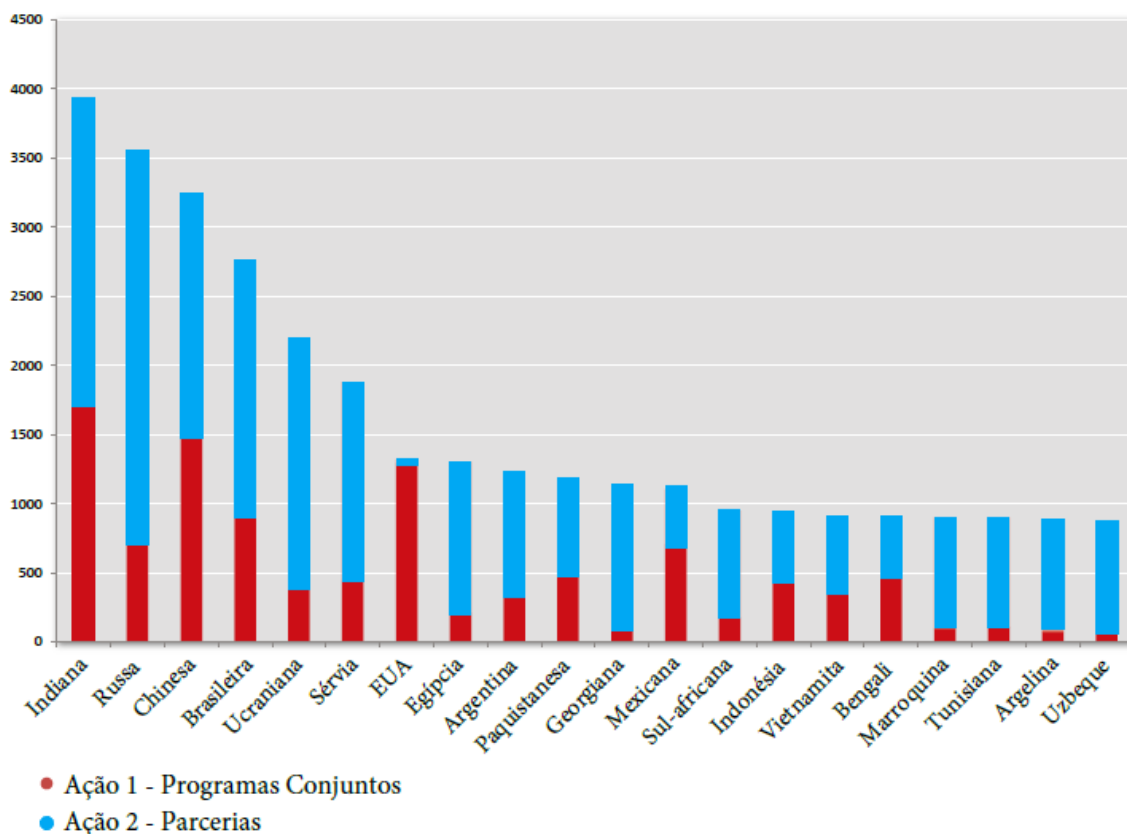
Tabela 3 – Programas e organizações de ensino superior participantes dos *Erasmus Mundus*, 2004-2014

<b>Projetos</b>	
Programas conjuntos	285
Parcerias	308
Projetos de promoção e projetos de informação sobre Estrutura Nacional	98
<b>TOTAL</b>	<b>691</b>
<b>Organizações de ensino superior</b>	
Organizações de ensino superior dos países da UE	820
Organizações de ensino superior de países fora da UE	1.423
<b>TOTAL</b>	<b>2.243</b>

Fonte: COMISSÃO U.E., 2015.

O gráfico 1 mostra a distribuição dos 20 principais países que enviaram estudantes e funcionários acadêmicos à Europa durante o período de 2004 a 2014 pelo programa *Erasmus Mundus*:

Gráfico 1 – As 20 principais nacionalidades que chegaram à Europa pelo programa *Erasmus Mundus*, 2004 a 2014<sup>9</sup>

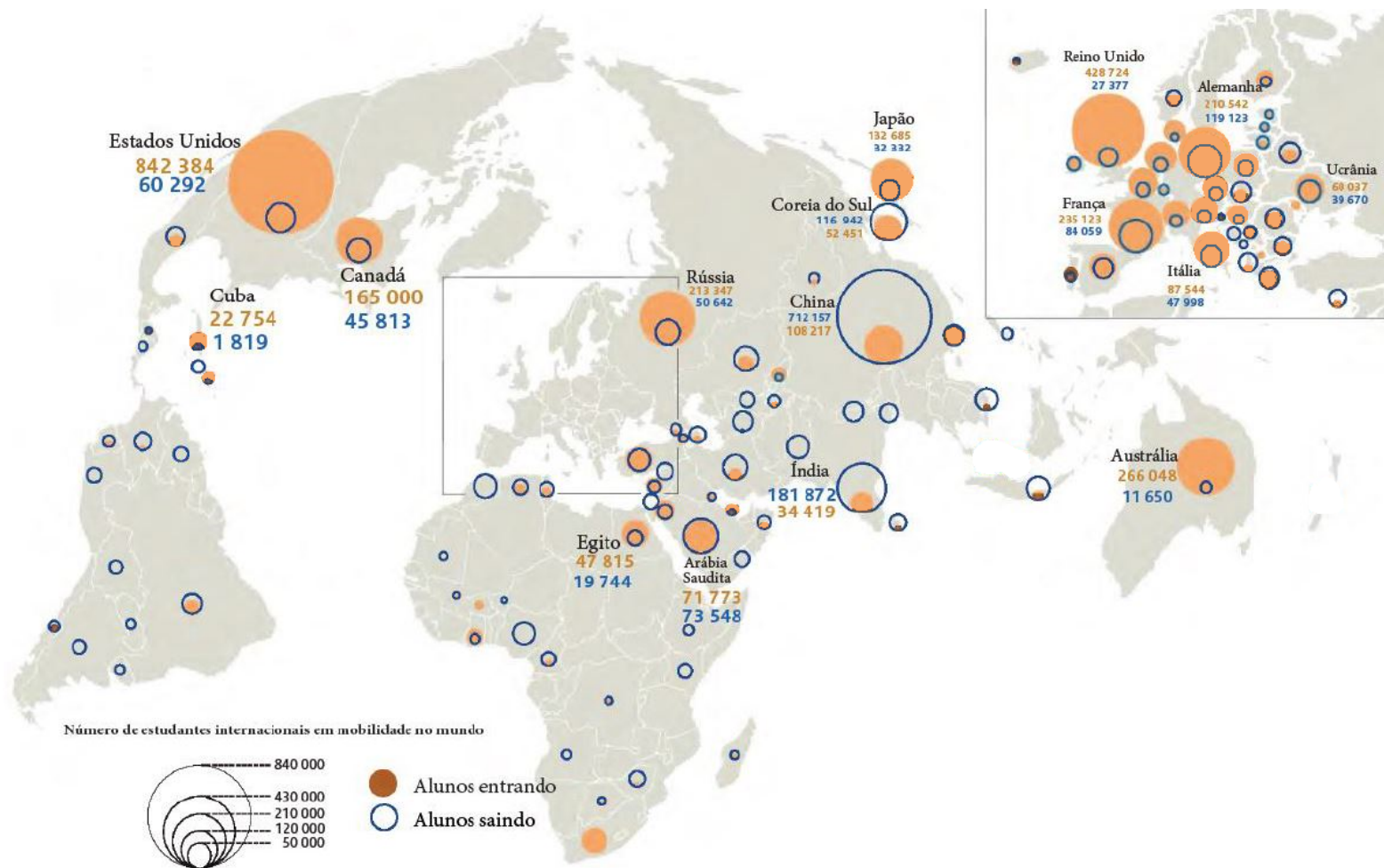


Fonte: COMISSÃO U.E., 2015.

Em decorrência dessas políticas de incentivo, a mobilidade universitária mundial tem aumentado expressivamente. A *Campus France*, uma agência para a promoção da mobilidade internacional em nível superior na França, fez um levantamento do estado da mobilidade no mundo expressa no gráfico 2 abaixo:

<sup>9</sup> As bolsas de estudo do Programa Conjunto Ação 1 estão abertas a estudantes de todo o mundo, enquanto que as Parcerias da Ação 2 concentram as suas bolsas de estudo em países específicos abrangidos pelos instrumentos de cooperação externa da EU (COMISSÃO U.E., 2015).

Gráfico 2 – Distribuição dos estudantes estrangeiros móveis pelos principais países remetentes e receptores de estudantes, 2014-2015



Fonte: Campus France, 2017.

## 1.2 A mobilidade internacional discente no Brasil

No Brasil, a mobilidade estudantil internacional teve início já nos tempos coloniais com jovens da elite brasileira partindo para realizar seus estudos superiores em países estrangeiros. Cunha (2007, p. 15-18) demonstra que a internacionalização do ensino superior no Brasil data efetivamente do período colonial. Enquanto colônias da América espanhola, nas primeiras décadas da colonização, viam nascer suas primeiras universidades como, por exemplo, a criação das universidades de São Domingos em 1538 e do México em 1553, o Brasil via-se sujeito a enviar seus graduandos às universidades europeias, particularmente Coimbra e Évora em Portugal. Foi somente por força da fuga da corte portuguesa para a colônia brasileira que foram instituídos os primeiros cursos em nível superior no Rio de Janeiro (TEIXEIRA, 2010).

No que concerne aos fluxos de estudantes estrangeiros móveis que tem o Brasil por destino, os dados estatísticos do Instituto de Estatística da UNESCO, UIS, revelam o estado da mobilidade estudantil internacional no Brasil e no Mundo nos últimos anos. Apesar de não existirem informações para o Brasil nos anos de 1999 a 2001 e de 2005 a 2008, podem-se extrair conclusões relevantes dos dados disponíveis. Em comparação com os países que mais matriculam estudantes estrangeiros em nível superior (por exemplo, os Estados Unidos), o Brasil se notabiliza por receber uma fatia ínfima de estudantes móveis no ensino superior. Em 2012, o Brasil percebeu 15.221 alunos estrangeiros matriculados no ensino superior, número que corresponde a apenas 2,1% do total de alunos estrangeiros matriculados nos EUA, país que mais recebe estudantes nessa modalidade. Apesar da pouca expressividade do Brasil no cenário internacional, nota-se um aumento significativo no número de alunos estrangeiros em mobilidade no País entre 2004 e 2009. Nesse período, o total de matrículas cresceu quase 15 vezes, quando mais de 15 mil novos alunos vieram para cá, como evidenciam os dados da tabela 4:

Tabela 4 – Estudantes estrangeiros em mobilidade internacional de nível superior no Brasil e nos cinco países que mais recebem alunos estrangeiros, 2002-2004/2009-2012

País	Ano						
	2002	2003	2004	2009	2010	2011	2012
<b>EUA</b>	582.996	586.316	572.090	660.581	684.807	709.565	740.482
<b>Reino Unido</b>	227.273	255.233	300.056	368.968	389.958	419.946	427.686
<b>França</b>	165.437	221.567	237.587	249.143	259.935	268.212	271.399
<b>Austrália</b>	179.619	188.160	166.954	257.637	271.231	262.597	249.588
<b>Alemanha</b>	219.039	240.619	260.314	180.135	181.220	176.682	184.594
<b>Brasil</b>	1.260	1.246	1.117	16.317	14.738	14.432	15.221

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos do *UNESCO Institute for Statistics*<sup>10</sup> e base de dados on-line da OCDE<sup>11</sup>.

Uma análise dos dados quantitativos globais por região geográfica de origem revela que a América do Sul é o subcontinente que mais envia estudantes para o Brasil, perdendo, no entanto, essa posição para a África nos anos de 2009-2010. Em seguida, vem a Europa. Apesar da distância geográfica, o continente asiático envia o correspondente a quase 8% do total de alunos estrangeiros em nível superior no Brasil, superando as Américas Central e do Norte. Por fim, a Oceania representa tão somente 0,3% do total de alunos enviados ao Brasil, como se verifica na tabela 5:

Tabela 5 – Estudantes estrangeiros acolhidos pelo Brasil por continente, 2002-2004/2009-2012

País	Ano						
	2002	2003	2004	2009	2010	2011	2012
<b>América do Sul</b>	326	321	712	3.469	3.606	3.938	4.173
<b>África</b>	35	60	120	4.285	4.173	3.821	3.906
<b>Europa</b>	98	71	151	2.288	2.607	2.181	2.003
<b>Ásia</b>	27	34	42	992	1.066	1.041	1.205
<b>América do Norte e Central</b>	72	53	91	841	1.222	1.051	1.057
<b>Oceania</b>	1	2	1	137	102	65	46
<b>Outras áreas</b>	701	705	-	4.305	1.962	2.335	2.831
<b>Brasil</b>	1.260	1.246	1.117	16.317	14.738	14.432	15.221

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos do *UNESCO Institute for Statistics*<sup>12</sup> e base de dados on-line da OCDE<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://data.uis.unesco.org/#>>. Acesso em: 6 de maio de 2016.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=RFOREIGN#>>. Acesso em: 6 de maio de 2016.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://data.uis.unesco.org/#>>. Acesso em: 6 de maio de 2016.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=RFOREIGN#>>. Acesso em: 6 de maio de 2016.

Utilizando dados do Censo do Ensino Superior de 2010, Ojima (*et al.*, 2014) apresenta o estado da internacionalização no Brasil por intermédio do perfil dos estudantes estrangeiros que naquele ano estavam matriculados em instituições de ensino superior no Brasil:

Tabela 6 – Estudantes estrangeiros matriculados no ensino superior no Brasil, 2010

Categoria	PEC - G		Outros convênios e formas de ingresso	
	N	%	N	%
<b>Idade</b>	<b>1.872</b>	<b>100</b>	<b>13.529</b>	<b>100</b>
14 a 19	76	4,1	1.180	8,7
20 a 25	1.282	68,5	6.177	45,7
26 a 31	472	25,2	2.720	20,1
31 e mais	42	2,2	3.452	25,5
<b>Raça/Cor</b>	<b>1.872</b>	<b>100</b>	<b>13.529</b>	<b>100</b>
Inf. Indisponível	1.089	58,2	9.576	70,8
Branca	133	7,1	2.193	16,2
Preta	576	30,8	1.012	7,5
Parda e outras	74	4,0	748	5,5
<b>Sexo</b>	<b>1.872</b>	<b>100</b>	<b>13.529</b>	<b>100</b>
Masculino	960	51,3	6.989	51,7
Feminino	912	48,7	6.540	48,3
<b>Grande Região</b>	<b>1.862</b>	<b>100</b>	<b>13.527</b>	<b>100</b>
Norte	47	2,5	274	2,0
Nordeste	383	20,6	1.480	10,9
C. Oeste	134	7,2	1.100	8,1
Sudeste	955	51,3	7.869	58,2
Sul	343	18,4	2.804	20,7
<b>Categoria Administrativa da Universidade</b>	<b>1.872</b>	<b>100</b>	<b>13.529</b>	<b>100</b>
Pública Federal	1.154	61,6	2.394	17,7
Pública Estadual	355	19,0	823	6,1
Pública Municipal	10	0,5	99	0,7
Privada com fins lucrativos	33	1,8	4.043	29,9
Privada sem fins lucrativos	320	17,1	6.170	45,6
<b>Grande Área do Conhecimento</b>	<b>1.872</b>	<b>100</b>	<b>13.529</b>	<b>100</b>
Ciências Humanas	774	41,3	7.780	57,5
Ciências Exatas e Tecnológicas	622	33,2	3.995	29,5
Ciências Biológicas	476	25,4	1.754	13,0

Fonte: Ojima *et al.*, 2014.

Dentre os programas de intercâmbio nacionais, destaca-se o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado oficialmente em 1965 pelo Decreto nº 55.613 e atualmente regido pelo Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013. Trata-se de um programa de cooperação internacional entre o governo brasileiro e outros países em desenvolvimento, notadamente os países africanos e latino-americanos. Na UFMG, o programa é o segundo que mais recebe estudantes estrangeiros, como veremos mais adiante. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores:

A ideia da criação de um Programa de Governo para amparar estudantes de outros países adveio do incremento do número de estrangeiros no Brasil, na década de 1960, e das conseqüências que este fato trouxe para a regulamentação interna do *status* desses estudantes no Brasil. Havia necessidade de unificar as condições do intercâmbio estudantil e de garantir tratamento semelhante aos estudantes por parte das universidades (BRASIL: MRE/DEC, 2017).

O convênio se diferencia dos demais visto que se insere exclusivamente na chamada ‘mobilidade de chegada’, ou seja, trata exclusivamente da recepção de estudantes internacionais no Brasil (BRASIL, 2013). Com efeito, o programa constitui:

[...] um conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, preferencialmente com os países em desenvolvimento, com base em acordos bilaterais vigentes e caracteriza-se pela formação do estudante estrangeiro em curso de graduação no Brasil e seu retorno ao país de origem ao final do curso (BRASIL: MRE/DEC, 2017).

Conforme apontado, há uma preocupação institucional em promover a organização da recepção desses alunos estrangeiros, evitando deixar os indivíduos desamparados ao chegar ao país. A adaptação desses alunos ao novo contexto pode ser dificultada por aspectos culturais, linguísticos e sociais da comunidade anfitriã. A oferta de cursos de língua portuguesa, por exemplo, é uma estratégia que visa facilitar a adaptação e promover um maior aproveitamento acadêmico dos estudantes que aqui chegam. Outros expedientes como a concessão de bolsas, de auxílios para subsistência, de locais de moradia para estudantes, além da promoção de eventos específicos para alunos estrangeiros, operam para atenuar as dificuldades próprias da experiência em mobilidade internacional.

Até o ano de 2016, 59 países participavam do PEC-G. Destes, 25 eram da África, outros 25 das Américas e 9 da Ásia. Letras, Comunicação Social, Administração, Ciências Biológicas e Pedagogia foram os cursos que mais ofereceram vagas. Um total de mais de 8.000 estudantes foram selecionados para participar do programa desde os anos 2000. Com 77% do conjunto de alunos selecionados, a África se constitui como o continente que mais enviou estudantes ao Brasil pelo PEC-G (BRASIL: MRE/DEC, 2017).

A seguir, verifica-se, pela análise das tabelas 7 a 9, a evolução do número de selecionados para o programa a partir da África, América Latina e Caribe e Ásia entre os anos 2000 e 2016:

Tabela 7 – Número de estudantes africanos participantes do PEC-G no Brasil, 2000-2016

PAÍS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL
África do Sul																		1	1
Angola	3	21	29	23	33	11	31	28	91	68	48	83	63	53	59	77	7	11	739
Argélia																2			2
Benin									11	5	7	19	39	37	73	48	40	71	350
Cabo Verde	117	65	227	263	192	230	314	265	381	206	133	74	155	88	104	119	64	62	3059
Camarões			1					2	1		3	6	3	9	7	3	5	7	47
C. do Marfim				1	1			3	1				1	4	9	4	5	5	34
Gabão		11		2	1	1	3	4							3	4	3	2	34
Gana	2	3	7	9	11	6	3	3	6		1	1		7	26	23	36	65	209
Guiné-Bissau	36	88	111	97	58	186	159	19	133	181	95	55	118				7	15	1358
Marrocos																		1	1
Mali							2												2
Moçambique	12	13	27	21	26	27	13	9	4	4	9	7	8	13	13	9	1	3	219
Namíbia	1	1														6	65		73
Nigéria	9	6	7	11	14	27	19	22	32			12	1	2	6	2		2	172
Quênia		4	14	14	11	12	5		6	3	3	3		2		4	3	4	88
R. D. Congo								9	106	46	78	92	28	19	12	25	29	46	490
Rep. Congo													4	6	4	2	4	6	26
S. Tomé e P.			24		47	147	35	13	12	4	6	19	12	3	19	17	9	12	379
Senegal	7	2	4	1	1	3	5	1				1	1	4	1	6	3	10	50
Togo												4	11	8	3	6	6	2	40
<b>TOTAL</b>	<b>187</b>	<b>214</b>	<b>451</b>	<b>442</b>	<b>395</b>	<b>650</b>	<b>589</b>	<b>378</b>	<b>784</b>	<b>517</b>	<b>383</b>	<b>376</b>	<b>444</b>	<b>255</b>	<b>339</b>	<b>357</b>	<b>287</b>	<b>325</b>	<b>7373</b>

Fonte: BRASIL: MRE/DEC, 2017.

Tabela 8 – Número de estudantes latino-americanos/caribenhos participantes do PEC-G no Brasil, 2000-2016

PAÍS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL
Argentina	1		1	1		6	2				1	1						1	14
Barbados				1				5	2	2	5	3	1	4	5	5	2	2	37
Bolívia	12	9	10	4	1	6	11	5	4	13	11	4	1	7	9	10	5	7	129
Chile	4	4	3	1	1		2	3	2	3	2	2	2	3	2	3	5	3	45
Colômbia	6	11		3	5	3	4	3	2	2	2	2	6	8	12	15	14	17	115
Costa Rica		2	2	3	1	3	3	1	4		3	2	1	1	1	2	3		32
Cuba					1	3	3	2	4	5	8	7	11	3	11	10	8	8	84
El Salvador	1		1	2		1	1	2			1		3	3	1	4	2	1	23
Equador	3	12	3	6	6	9	19	19	19	32	7	11	17	11	11	9	10	6	210
Guatemala	1		4		3	3	2	1	1		4	4	4	4		4	10	4	49
Haiti						2	15	12	8	11	3	3	10	7	7	7	11	9	98
Honduras	1	4	9	7	3	5	7	9	4	3			3	21	35	30	27	33	201
Jamaica			5	4	3	7	5	3	4	5	10	6	8	10	8	9	15	11	113
México				1						1			2	3	1			1	9
Nicarágua		2						1			3		1		1				8
Panamá	14	12					1	2	2	3	8	1	5	1	3	1	3	2	58
Paraguai	70	86	85	43	20	68	48	42	42	32	28	26	22	24	18	24	29	23	730
Peru	18	23	11	2	5	12	13	11	14	11	11	7	7	16	16	22	18	19	236
Rep. Dominicana					1	1	1			1			1	1	1	2	4	5	18
Suriname		1															1		2
Trinidad & Tobago	2	5	2	4			2	1	1	2		2	1	2	1	3	1	2	31
Uruguai	1	1	2		1	1	1			1					1			1	10
Venezuela	1		2		1	2			1	1		3			3	2	3		19
<b>TOTAL</b>	<b>135</b>	<b>172</b>	<b>140</b>	<b>82</b>	<b>52</b>	<b>130</b>	<b>127</b>	<b>125</b>	<b>118</b>	<b>125</b>	<b>115</b>	<b>84</b>	<b>99</b>	<b>132</b>	<b>147</b>	<b>162</b>	<b>171</b>	<b>155</b>	<b>2271</b>

Fonte: BRASIL: MRE/DEC, 2017.

Tabela 9 – Número de estudantes asiáticos participantes do PEC-G no Brasil, 2000-2016

PAÍS	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL
China										1			1
Paquistão								2	2	2	1		7
Tailândia								1	1				2
Timor Leste	1					1		34	1	1	6	11	55
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>					<b>1</b>		<b>37</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>65</b>

Fonte: BRASIL: MRE/DEC, 2017.

### 1.3 A mobilidade internacional discente na UFMG

No âmbito da UFMG, a Diretoria de Relações Internacionais é o órgão institucional responsável pela mobilidade internacional discente. O histórico da diretoria se inicia em 1972, quando, sob o nome de Serviço de Relações Internacionais (SRI), setor subordinado ao reitor, o órgão se torna responsável por administrar programas e convênios internacionais bem como por assistir docentes estrangeiros em visita à UFMG. Em 1990, o setor passa a se chamar Coordenadoria de Cooperação Internacional (CCI) e tem como nova atribuição a avaliação e o acompanhamento de programas de cooperação internacional. Em 1998, a CCI é substituída pela Assessoria de Cooperação Internacional (ACI) que, com *status* de pró-reitoria, passa a ter mais autonomia e assume uma postura de indução de projetos internacionais para a graduação, pós-graduação e pesquisa. Em 2002, a ACI é suplantada pela atual Diretoria de Relações Internacionais (DRI) que, ampliando seu quadro de funcionários em relação ao passado, passa a usufruir de autonomia administrativa e financeira maior (RAMOS, 2009).

O estado atual da internacionalização discente na UFMG foi descrito no último relatório produzido pela DRI referente ao período administrativo de 2014-2018. A tabela 10 apresenta a evolução do número de estudantes estrangeiros recebidos pela universidade no período de 2014 a 2017:

Tabela 10 – Total de alunos estrangeiros na UFMG, 2014-2017

<b>Intercambistas<sup>14</sup></b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Intercambistas na Graduação	227	205	200	161
Intercambistas na Pós-graduação	16	20	21	32
Número Total de Intercambistas	243	225	221	193
<b>Estrangeiros Regulares<sup>15</sup></b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Estrangeiros Regulares na Graduação	113	100	115	111
Estrangeiros Regulares na Pós-graduação	1036	1067	643	718
Número Total de Estrangeiros Regulares na UFMG	1149	1167	2016	829
<b>Total de Alunos Estrangeiros</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Total de Alunos Estrangeiros na Graduação	340	305	315	272
Total de Alunos Estrangeiros na Pós-graduação	1052	1087	664	749
Número Total de Alunos Estrangeiros na UFMG	1392	1392	979	1021

Fonte: UFMG: DRI, 2018.

Pela análise da tabela 11 abaixo, evidencia-se o número de programas e acordos de mobilidade internacional que trouxeram estudantes estrangeiros de graduação à UFMG no período 2014-2017. Os acordos bilaterais de graduação respondem pela maior parte de discentes internacionais. O programa PEC-G igualmente concentra um número significativo de estudantes estrangeiros em mobilidade na UFMG, figurando como o segundo programa que mais atraiu alunos à UFMG. Já o programa Escala Estudantil de Graduação – AUGM aparece na sequência como o terceiro programa que mais vem atraindo estudantes estrangeiros nos últimos quatro anos (2014-2017):

<sup>14</sup> Estudantes estrangeiros que desenvolvem uma estadia de curta duração na UFMG, retornando aos seus países de origem para conclusão do curso.

<sup>15</sup> Estudantes estrangeiros que cursam toda a graduação e recebem o diploma pela UFMG.

Tabela 11 – Número de estudantes estrangeiros de graduação na UFMG segundo os programas e acordos de mobilidade internacional discente, 2014-2017

<b>Mobilidades – Exterior/ UFMG (in)</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Acordos Bilaterais de Graduação	142	126	156	180
PEC-G (Alunos regulares)	78	75	81	74
Escala Estudantil de Graduação – AUGM <sup>16</sup>	25	26	37	30
BRAMEX <sup>17</sup>	0	1	0	6
BRACOL <sup>18</sup>	0	5	3	6
MARCA <sup>19</sup>	9	1	1	0
Santander (Ibero-americanas) <sup>20</sup>	0	0	5	5
BRAFITEC <sup>21</sup>	14	3	12	6
IBRASIL – <i>Erasmus Mundus</i> <sup>22</sup>	2	7	3	8
AULP para Alunos <sup>23</sup>	32	12	8	0
<b>TOTAL</b>	<b>302</b>	<b>256</b>	<b>306</b>	<b>315</b>

Fonte: UFMG: DRI, 2018.

Com a chegada desses estrangeiros à instituição, verificou-se a necessidade de implementar um programa de ensino da língua portuguesa como língua adicional para a comunidade de estudantes estrangeiros. Para tanto, há desde o ano de 2012:

[...] uma parceria entre a [Diretoria de Relações Internacionais] e a [Faculdade de Letras] para a oferta gratuita de Português como Língua Adicional (PLA) a alunos estrangeiros participantes de intercâmbio na UFMG. [Atualmente], as disciplinas de PLA têm sido ministradas por bolsistas CAPES e DRI, por voluntários e pelo

<sup>16</sup> Associação de Universidades do Grupo Montevideú. Intercâmbio de estudantes entre universidades da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai (UFMG: DRI, 2018).

<sup>17</sup> Programa de intercâmbio de estudantes entre Brasil e México. Surgiu através do Acordo de Cooperação Acadêmica e Cultural entre a *Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior de la República Mexicana* (ANUIES) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) (UFMG:DRI, 2018).

<sup>18</sup> Programa de Intercâmbio de Estudantes Brasil-Colômbia. Intercâmbio de estudantes de instituições da Associação Colombiana de Universidades (ASCUN) e o Brasil (UFMG: DRI, 2018).

<sup>19</sup> Programa de Mobilidade Acadêmica Regional em Cursos Acreditados. Intercâmbio entre estudantes de graduação de cursos aprovados pelo Sistema de Acreditação Regional de Cursos de Graduação do Mercosul (Arcu-Sul) (UFMG: DRI, 2018)

<sup>20</sup> Santander Universidades. Intercâmbio para estudantes no âmbito dos programas Santander Luso-brasileiras e Santander Ibero-americanas (UFMG: DRI, 2018).

<sup>21</sup> *BRASIL France Ingénieur TECnologia*. Intercâmbio de estudantes em todas as especialidades da engenharia. Estudantes brasileiros cursam pelo período de um ano, no máximo, de sua graduação na França e intercambistas franceses cursam o mesmo período no Brasil (UFMG: DRI, 2018).

<sup>22</sup> *Erasmus Mundus* (EM). Intercâmbio entre estudantes da União Europeia (UE) e o Brasil (UFMG: DRI, 2018).

<sup>23</sup> Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Intercâmbio entre estudantes vindos de universidades africanas que fazem parte da AULP e o Brasil (UFMG: DRI, 2018).

professor Leandro Diniz, que atua como coordenador das disciplinas (UFMG: DRI, 2018).

A tabela 12 apresenta dados da demanda pelo ensino de português como língua adicional entre os anos 2012 e 2017:

Tabela 12 – Número de estrangeiros matriculados em turmas de Português como Língua Adicional (PLA), 2012-2017

	<b>Matriculados</b>	<b>Níveis</b>	<b>Turmas</b>
2012/1	25	2	2
2012/2	75	4	4
2013/1	85	3	5
2013/2	60	4	4
2014/1	72	4	5
2014/2	82	4	4
2015/1	90	4	5
2015/2	105	4	5
2016/1	72	3	7
2016/2	76	4	7
2017/1	76	4	4
2017/2	88	4	4

Fonte: UFMG: DRI, 2018.

O próximo capítulo apresentará o debate teórico sobre as motivações e significados da mobilidade internacional discente.

## CAPÍTULO 2 – A MOBILIDADE INTERNACIONAL DISCENTE COMO OBJETO SOCIOLÓGICO

### 2.1 Categorias e tipos de mobilidade estudantil

“Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

(Isaac Newton)

Valérie Erlich (2012), em sua obra *Les Mobilités Étudiantes*, estabelece uma distinção entre estudantes “móveis” e estudantes “migrantes”, com base em fatores como a duração da estadia, a obtenção (ou não) de um diploma, os processos de aculturação e, sobretudo, o projeto de permanecer no país anfitrião ou de retornar ao país de origem. Assim, são considerados estudantes “móveis” aqueles que necessariamente retornam ao país de origem e, por sua vez, são definidos como estudantes “migrantes” aqueles que buscam oportunidades de formação acadêmica em um país estrangeiro com a intenção de lá se estabelecer definitivamente.

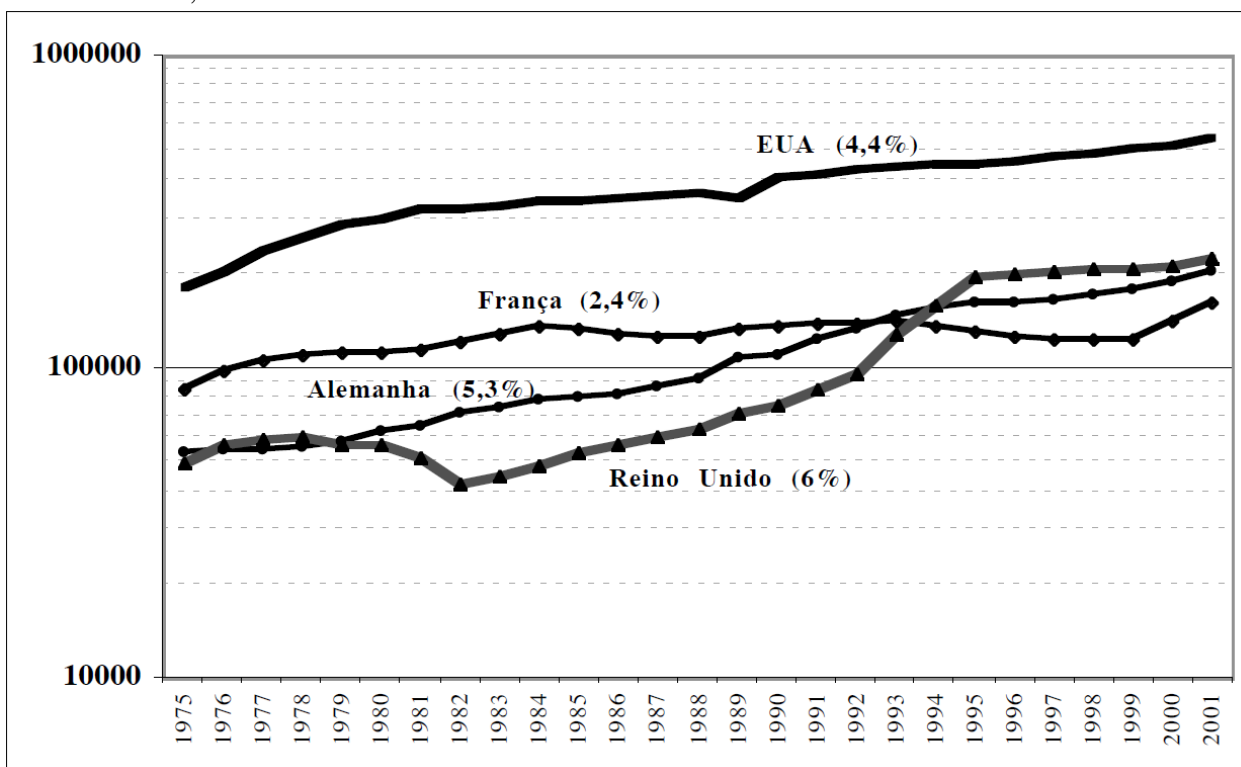
Outra distinção proposta pela literatura sociológica, diz respeito às condições em que se dá o processo de mobilidade. Nesse sentido, BALLATORE & BLÖSS (2008, p. 18) distinguem a mobilidade “espontânea” – própria daqueles estudantes que “escolheram ‘individualmente’ se matricular em um estabelecimento de ensino superior que não se situa em seu país de origem, sem o apoio de acordo intergovernamental nem suporte institucional e financeiro” – da mobilidade “organizada” ou “institucionalizada” caracterizada como a mobilidade que se baseia em um apoio institucional e convênios internacionais firmados pelas instituições universitárias.

Como era de se esperar por razões de ordem prática e de obtenção de dados, a maior parte dos estudos trata da mobilidade institucionalizada que ocorre no contexto de relações bilaterais ou multilaterais entre instituições de ensino superior e que, em muitos casos, envolve reciprocidade. No caso da presente pesquisa, iremos nos ater à categoria dos estudantes “móveis” e ao tipo de mobilidade dita “organizada ou institucionalizada”.

## 2.2 A desigualdade nos fluxos de estudantes estrangeiros

Quanto ao fluxo dos alunos móveis, a OCDE registra que apenas sete países (Estados Unidos, Reino Unido, França, Austrália, Alemanha, Japão e Canadá) receberam juntos mais de 50% do total de estudantes universitários em mobilidade no mundo. No ano 2000, 88% do total da população de alunos estrangeiros matriculados no ensino superior o fizeram em instituições dos países membros da OCDE (OECD, 2017). De fato, “A maior parte dos movimentos migratórios seguia e segue para os países mais ‘desenvolvidos’: mais de 80% dos fluxos vão para um país (membro ou parceiro) da área da OCDE” (BALLATORE, 2011, p. 151-152). A evolução do fluxo de alunos, de 1975 a 2001, nos quatro países que mais recebem alunos pode ser vista no gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3 – Evolução do número de estudantes estrangeiros acolhidos na França, EUA, Alemanha e Reino Unido, 1975-2001



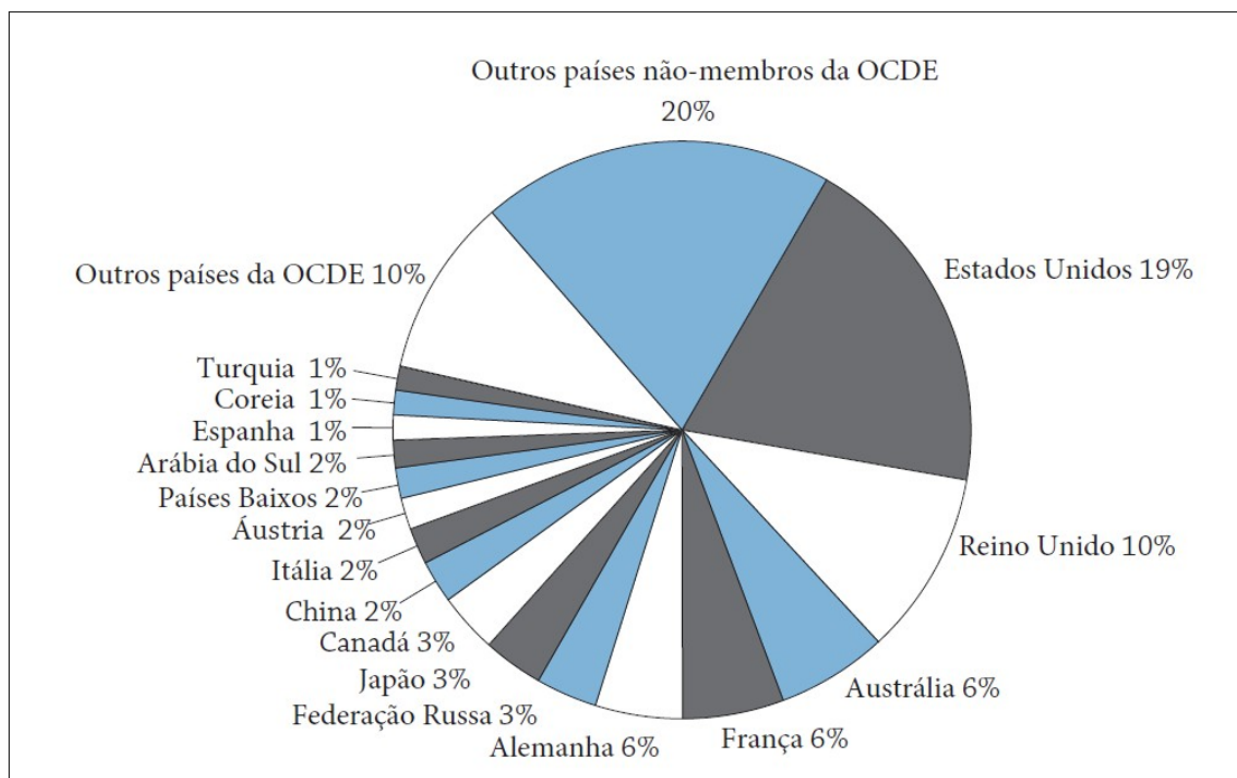
Fonte: Coulon & Paivandi, 2003, p. 9.

Tendo por base o ano de 2013, as análises apresentadas no documento *Education at a Glance 2015*, produzido pela OCDE, evidenciaram que:

Em termos absolutos, os Estados Unidos abrigaram o maior número de estudantes internacionais (19% do total), seguidos pelo Reino Unido (10%), Austrália e França (6%), Alemanha (6%), Canadá e Japão (ambos com 3%) e, entre os países com dados sobre estudantes estrangeiros, a Federação Russa (3%). Embora esses destinos representem mais da metade de todos os estudantes do ensino superior que estão estudando no exterior, outros países desempenham um papel importante no mercado internacional de educação. Além dos oito principais destinos, um número significativo de estudantes estrangeiros foram matriculados na Áustria, China, Itália, Holanda e Arábia Saudita (2%) em 2013.

O gráfico 4 a seguir mostra as principais destinações dos estudantes estrangeiros no ano de 2013, de acordo com a OCDE:

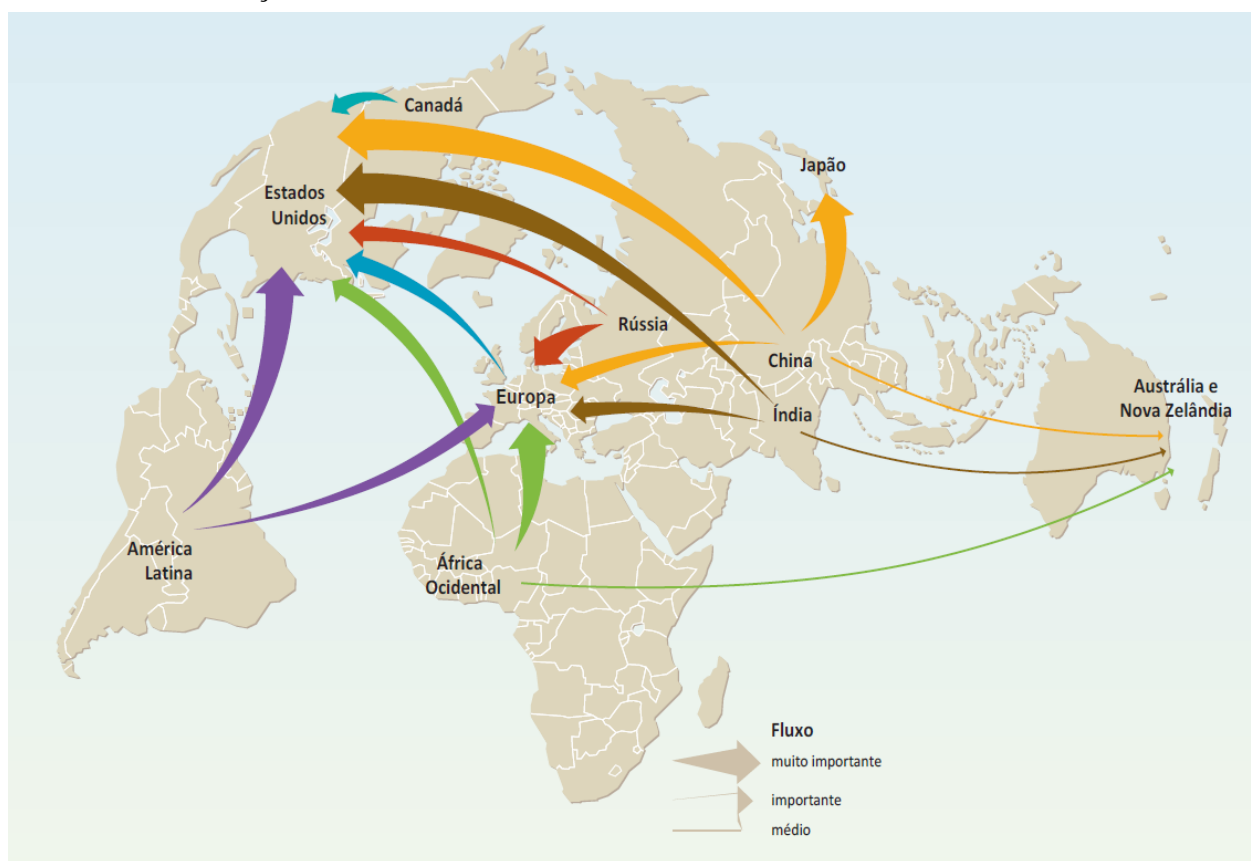
Gráfico 4 – Distribuição de estudantes estrangeiros no ensino superior por país de destino, 2013



Fonte: OCDE, 2015.

Esse fenômeno foi descrito por Van Zanten & Darchy-Koechlin (*apud* NOGUEIRA; AGUIAR, 2008) como um “tropismo” das populações do “sul” (países menos desenvolvidos) em direção aos países do norte (mais desenvolvidos). Nogueira (2010) identifica ainda que a língua funciona como componente atrator, uma vez que “o leque de países para onde se vai tem se diversificado ao longo dos anos, embora permaneça certo ‘tropismo’ em direção aos países desenvolvidos e de língua inglesa”, como se pode notar pelo gráfico 5:

Gráfico 5 – Circulação internacional de estudantes móveis em 2009



Fonte: Rimbart & Stienne, 2009.

A socióloga francesa Anne-Catherine Wagner (1998) formulou uma hipótese altamente consistente para explicar tal fenômeno. Segundo ela, trata-se fundamentalmente de uma relação de dominação – econômica e cultural – entre os países. Esse “tropismo” em direção a determinados polos de educação superior demonstra que não há paridade no valor das diferentes oportunidades de formação internacional. O que há é um verdadeiro fenômeno de dominação cultural, proeminentemente encabeçado pelos EUA e sua nativa língua inglesa. O mesmo papel de



Para compreender o fenômeno, Wagner (1998) propõe um quadro analítico que leva em conta as relações de força (simbólica) desiguais entre as nações” e não apenas suas relações meramente econômicas. Para tanto, a autora distingue as duas faces dessas relações. A primeira é a do “reconhecimento internacional do nacional”, i.e., o grau de reconhecimento que cada país recebe do conjunto dos países estrangeiros. Esse aspecto opõe os países dominantes (do ponto de vista econômico e cultural) – que conseguem impor, em escala mundial, seus atributos nacionais (língua, produção científica etc.) – às nações sem condições de fazê-lo. Nesse sentido, os EUA seriam um exemplo de nação altamente reconhecida, que atrai muito mais alunos do que envia.

A segunda face é a do “reconhecimento nacional do internacional”, i.e., o grau de reconhecimento que cada país atribui à esfera internacional, que caracteriza as nacionalidades para as quais os atributos internacionais são vistos como vantagens competitivas e como um benefício. O Brasil se encaixa nesse segundo grupo, o que explica que ele envie um número muito maior de jovens ao exterior do que acolhe os de fora (NOGUEIRA, 2006). No entanto, como demonstrado no capítulo anterior, a população de alunos estrangeiros, no Brasil, vem crescendo rapidamente no curso dos últimos anos.

### **2.3 As motivações para a mobilidade**

Múltiplos fatores são identificados por Erlich (2012) como propulsores ou, ao contrário, inibidores da mobilidade. Dentre eles, destacam-se:

- i.** A oportunidade de obter qualificação acadêmica. Ao tomar a decisão de partir para estudar em outro país, os estudantes podem levar em conta a oferta e o prestígio das instituições de ensino vislumbradas, as características dos cursos, o reconhecimento do diploma pelo país de origem etc.;
- ii.** A oportunidade de obter qualificação profissional. Em um contexto de forte competitividade nos diferentes mercados de trabalho, a chance de se diferenciar de outros concorrentes é muito atrativa. Supõem-se que, em geral, os empregadores valorizam os candidatos com experiência internacional, cuja empregabilidade se vê acentuada em empresas de grande porte com dimensão internacional;

- iii.** Os benefícios da experiência internacional para a formação de competências linguísticas e o domínio de idiomas;
- iv.** O (re)conhecimento de culturas diferentes, o que favorece a aquisição de disposições como adaptabilidade, tolerância à alteridade etc.;
- v.** A busca pessoal de autonomia e independência do meio social e familiar;
- vi.** As condições do país de destino: a infraestrutura, o custo de vida, a qualidade de vida etc. (ERLICH, 2012).

Viviane Ramos (2009) fez em extenso levantamento das motivações de alunos estrangeiros em mobilidade acadêmica, sintetizado por Costa (2014) no quadro a seguir:

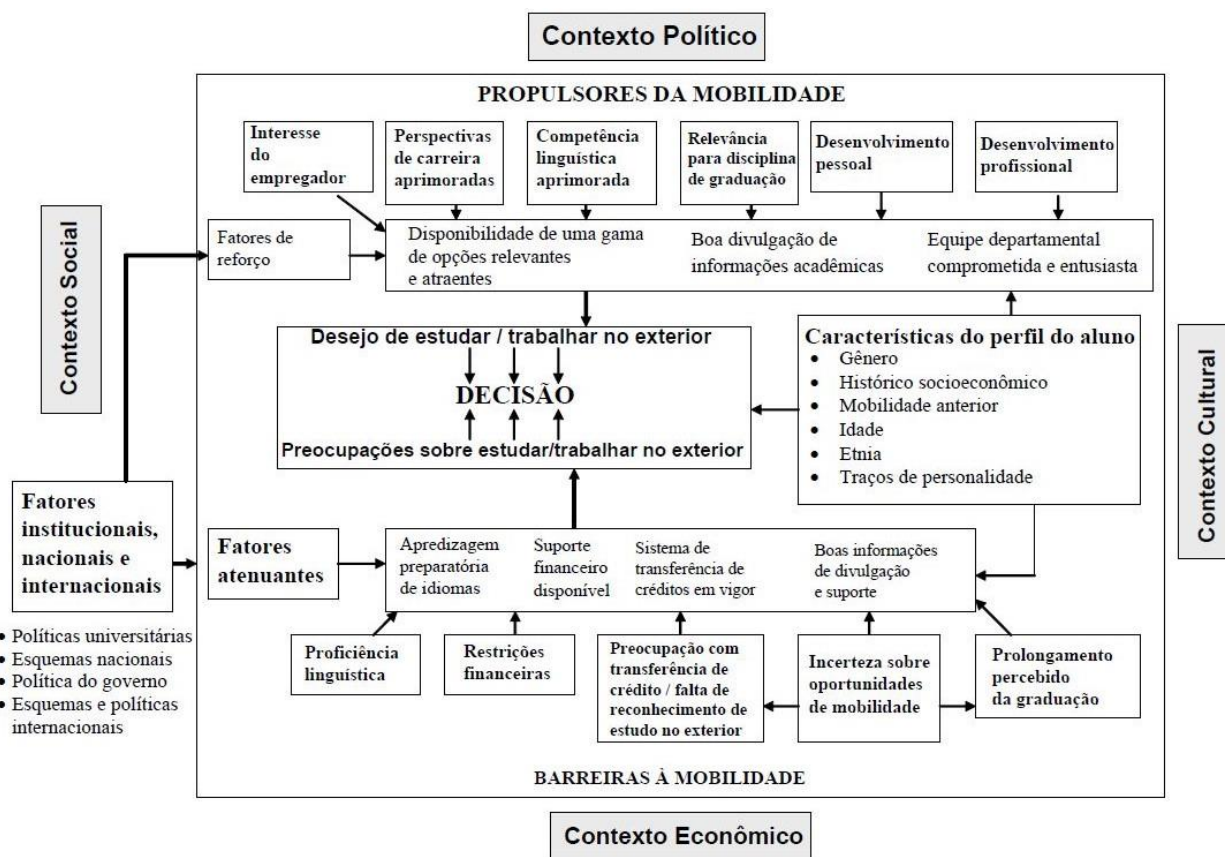
Quadro 2 – Motivações para a mobilidade internacional discente

AUTOR(ES)	MOTIVAÇÕES PARA A MOBILIDADE
SOUTO-OTERO (2008)	<p>O autor trata especialmente das motivações de estudantes que realizam mobilidade pelo programa <i>Erasmus</i>. Ele apresenta dois tipos de motivações:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- de “<b>investimento</b>”: estudantes que fazem mobilidade com o intuito de ter algum tipo de vantagem ao concorrer a uma vaga de emprego e que visam um retorno no mercado de trabalho. Em geral, esses estudantes são originários de países de renda baixa e possuem um nível socioeconômico simples. Estes buscam melhores oportunidades de emprego, principalmente no exterior.</li> <li>- de “<b>consumo</b>”: estudantes que acreditam que a mobilidade serviria para o desenvolvimento pessoal. Estes [possuiriam] renda alta.</li> </ul>
KRUPNIK e KRZAKLEWSKA (2007)	<p>As autoras também tratam dos estudantes do <i>Erasmus</i>. Elas apontam as motivações de estudantes [como sendo]:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “<b>guiados pela experiência</b>”: foco no aprendizado de novas culturas, conhecer pessoas, viver em um país estrangeiro, divertir-se e ser independente.</li> <li>- “<b>orientados pela questão profissional</b>”: estudantes que buscam melhorar as oportunidades de trabalho.</li> </ul>
ENNAFAA e PAIVANDI (2007)	<p>Diferenças entre as motivações dos estudantes em mobilidade na França. Apontam dois perfis:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>dimensão cultural</b> foi a dimensão apontada por estudantes dos países do Norte.</li> <li>- <b>aquisição e desenvolvimento de saberes técnico-científicos</b> foi apontado especialmente por estudantes dos países do Sul.</li> </ul>
MELO (2008)	<p>A autora trabalha com a mobilidade internacional de partida de estudantes de Engenharia da Universidade Federal do Ceará, que vão para a França participar de um programa de dupla diplomação.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Motivações</b>: conhecimento da língua e da cultura francesa; convivência com outros estudantes internacionais; organização da carreira em outros países; primeira oportunidade de gerenciar a vida financeira; fazer mobilidade com bolsa e adquirir experiência de vida.</li> </ul>
RAMOS (2009)	<p>A autora trata dos estudantes da UFMG de vários cursos e aponta as seguintes motivações:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>identitárias</b>: estaria vinculada ao desenvolvimento da autonomia, à “abertura” para o mundo e ao crescimento pessoal.</li> <li>- <b>instrumentais</b>: vinculação com o domínio de outros idiomas, a rede de relacionamentos internacionais e ao aprimoramento do currículo.</li> </ul>

Fonte: Ramos (2009) adaptado por Costa (2014).

O gráfico 7 apresenta o modelo proposto no relatório final do Conselho de Financiamento do Ensino Superior da Inglaterra (2004), no qual se evidenciam os principais impulsionadores da mobilidade dos estudantes do Reino Unido:

Gráfico 7 – Modelo do processo de tomada de decisão do estudante estrangeiro



Fonte: HECFE, 2004.

Utilizando dados de Larsen e Vincent-Lancrin (2002), os quais verificaram em sua pesquisa a existência de 18 elementos que motivaram os estudantes investigados a partir para o estrangeiro, Lima e Maranhão (2009) criaram o quadro 3 apresentado a seguir. De acordo com as autoras, as motivações para a escolha do país de destino se concentram em quatro categorias principais: sociocultural, acadêmica, econômica e administrativa. Há ainda uma distinção entre as motivações de acordo com a inserção ativa<sup>24</sup> ou passiva<sup>25</sup> dos países no sistema mundial de educação:

<sup>24</sup> Inserção típica de países do Norte. Objetiva a atração e o acolhimento de estudantes estrangeiros.

<sup>25</sup> Inserção verificada comumente nos países do Sul, menos desenvolvidos. Objetiva o envio de estudantes e pesquisadores aos países mais desenvolvidos e centrais em busca de formação.

Quadro 3 – Motivações para a escolha do país de destino

CATEGORIAS	Motivações típicas de acadêmicos de países com inserção ativa no sistema mundial de educação	Motivações típicas de acadêmicos de países com inserção passiva no sistema mundial de educação
<b>SOCIOCULTURAL</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Língua oficial do país de destino.</li> <li>2. Proximidade cultural e geográfica entre o país de origem e de destino.</li> <li>3. Qualidade de vida no país de destino: clima, atividades culturais e turísticas etc.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Língua oficial do país de destino.</li> <li>2. Proximidade cultural e geográfica entre o país de origem e de destino.</li> <li>3. Existência de grupos de estudantes originários do país de origem, no país de destino.</li> </ol>
<b>ACADÊMICO</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Diversidade de oferta de programas e cursos pelo sistema de educação do país de destino.</li> <li>2. Reputação e percepção de qualidade do sistema educativo existente no país de destino e dos estabelecimentos educacionais, em relação ao país de origem.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Reputação e percepção de qualidade do sistema educativo existente no país de destino e dos estabelecimentos educacionais, em relação ao país de origem.</li> </ol>
<b>ECONÔMICO</b>		<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ligações econômicas pré-existentes entre os países que exportam e que acolhem estudantes.</li> <li>2. Existência e acesso à infra-estrutura destinada a estudantes estrangeiros: seguro de saúde, alojamento, restaurante universitário, cursos de língua etc.</li> <li>3. Valorização das competências desenvolvidas, pelas instituições do país de origem.</li> <li>4. Comparação entre os custos financeiros (taxas de inscrição, mensalidade escolar, custo de vida etc.) envolvidos na formação oferecida nos países de origem e de destino.</li> <li>5. Possibilidade de trabalhar durante o séjourn de estudo e obter algum recurso financeiro.</li> <li>6. Existência de oportunidades no mercado de trabalho e possibilidade de permanecer no país de destino após o término do curso.</li> </ol>
<b>ADMINISTRATIVO</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Equivalência do diploma expedido pelo país de origem, no país de destino.</li> <li>2. Efetiva possibilidade de estudantes estrangeiros terem acesso aos cursos desejados no país de destino (inexistência de numerus clausus).</li> <li>3. Validação do diploma expedido pelo país de destino, no país de origem.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Equivalência do diploma expedido pelo país de origem, no país de destino.</li> <li>2. Efetiva possibilidade de estudantes estrangeiros terem acesso aos cursos desejados no país de destino (inexistência de numerus clausus).</li> <li>3. Validação do diploma expedido pelo país de destino, no país de origem.</li> <li>3. Facilidade de obter visto de permanência no país de destino.</li> </ol>

Fonte: Lima e Maranhão, 2009.

Findlay e King (2010, p. 27) realizaram um estudo para elucidar os principais fatores motivadores para alunos britânicos deixarem seus países de origem em busca de educação superior no estrangeiro. Os autores sintetizaram as descobertas na tabela 13 abaixo:

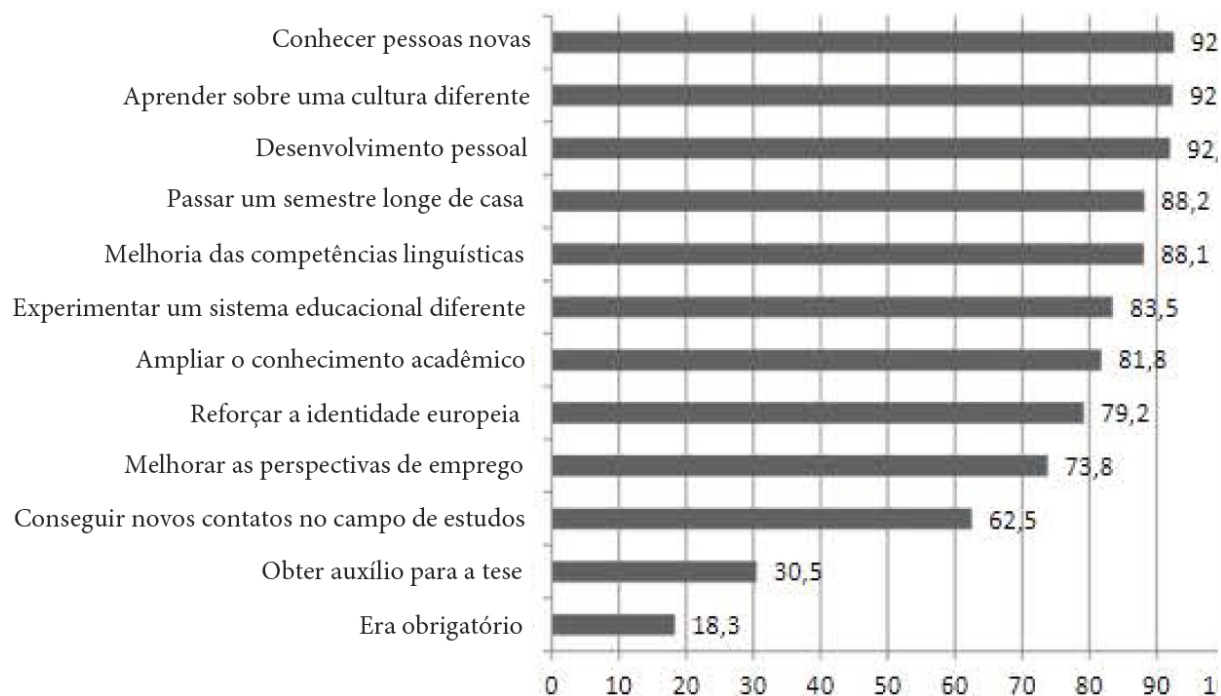
Tabela 13 – Principais determinantes da decisão de estudar fora do Reino Unido

<b>Determinante / motivação</b>	<b>Porcentagem de respostas aplicáveis classificadas como importantes ou muito importantes</b>	<b>Porcentagem de respostas aplicáveis classificadas como muito importantes</b>
Determinado a frequentar uma universidade de classe mundial	88,7	55,0
Estudar fora do Reino Unido foi uma oportunidade para uma aventura única	87,9	50,4
O primeiro passo para uma carreira internacional	68,7	33,8
Vagas limitadas em um curso em uma universidade do Reino Unido para estudar uma disciplina favorita	42,5	24,1
Taxas para estudar no Reino Unido	33,9	18,6
Incentivo da família para estudar fora do Reino Unido	27,3	11,6

Fonte: Findlay e King, 2010.

Ao investigar a motivação de alunos *Erasmus* para estudar no exterior, Alfranseder (*et al.*, 2011, p. 4) identificaram diversos fatores, explicitados no gráfico 8 abaixo:

Gráfico 8 – As principais razões para os estudantes *Erasmus* irem para o exterior, 2010



Fonte: Alfranseder *et al.*, 2011.

Já Harfi e Mathieu (2005, p. 32) buscaram identificar quais eram os fatores que afetavam a mobilidade dos estudantes estrangeiros na França. Os autores verificaram os seguintes fatores como bastante significativos para a decisão dos discentes:

- i. o grau de diversidade da formação oferecida nos países de origem e as condições requeridas para o acesso;
- ii. a qualidade da oferta de formação, a reputação das instituições nos países de acolhimento e a promoção do sistema educativo no estrangeiro;
- iii. transferência e/ou o reconhecimento de qualificações entre países de origem e países de acolhimento. O grau de reconhecimento no mercado de trabalho, tanto no país de acolhimento como no país de origem, das qualificações adquiridas é um fator essencial na mobilidade dos estudantes;
- iv. o custo de estudar no exterior, incluindo custos acadêmicos, em comparação com seu custo no país. No entanto, o impacto desse fator não é exclusivo, já que os fluxos de estudantes são baixos em alguns países, enquanto as taxas de matrícula são baixas ou inexistentes, particularmente

nos países nórdicos, e são importantes em outros países, enquanto as mensalidades são altas, como é o caso dos Estados Unidos;

- v. instalações de recepção, como centros de alojamento e aprendizagem de línguas, benefícios sociais para os estudantes e política de bolsas de estudo;
- vi. o idioma de ensino e do país anfitrião desempenham um papel decisivo. Os quatro países de língua inglesa da OCDE representam 56% dos estudantes estrangeiros nessa área. Isso mostra a vantagem competitiva dos países de língua inglesa nessa área que algumas universidades que não falam inglês estão buscando compensar oferecendo treinamento em inglês;
- vii. a proximidade geográfica e cultural dos países de acolhimento e de origem e os laços históricos (por exemplo, fluxos entre os países da Commonwealth e o Reino Unido e entre a África francófona e a França);
- viii. Programas de intercâmbio bilaterais ou multilaterais entre instituições, países ou regiões econômicas (por exemplo, subvenções do Ministério dos Negócios Estrangeiros na França e do programa europeu ERASMUS);
- ix. a qualidade de vida e a atratividade cultural do país anfitrião também é um fator importante;
- x. a presença de grupos e redes de apoio, em especial, associações de estudantes ou antigos estudantes do país de origem que atuam como intermediários de informação;
- xi. A política de imigração (ou visto), com a possibilidade de um estudante estrangeiro trabalhar em tempo parcial durante os seus estudos e estabelecer-se, no país no final da formação, tem um forte impacto na escolha do destino dos estudantes estrangeiros (HARFI; MATHIEU, 2005, p. 32).

## 2.4 A noção de “capital de mobilidade”

Elizabeth Murphy-Lejeune (2003), em seu estudo sobre alunos estrangeiros intercambistas na Europa, formulou a noção de “capital de mobilidade”, definida como uma vantagem que, em geral, é possuída pelos estudantes móveis. Para a autora, o capital de mobilidade é composto de quatro elementos principais.

O histórico familiar e pessoal do indivíduo constitui o **primeiro** componente. As formas pelas quais a família incita a disposição do estudante de partir para o exterior decorrem de uma série de fatores, dentre os quais figuram: a composição familiar mista (com membros da família pertencendo a nacionalidades diferentes); as experiências de moradia em países estrangeiros; as viagens internacionais realizadas; as disposições parentais (pais cultural e profissionalmente

abertos ao internacional); as relações culturais com o internacional (hospedagem de parentes e amigos estrangeiros em casa); o local de residência (famílias que moram em zonas fronteiriças) etc.

O **segundo** aspecto é composto pelas experiências internacionais precedentes e pelo desenvolvimento de habilidades linguísticas pelo próprio estudante. Nesse caso, os critérios de mensuração do volume de capital de mobilidade possuído são constituídos pela duração da estadia no exterior, pela destinação escolhida, pelo tipo de estadia (solitária ou acompanhada), e pela qualidade do contato com os nativos. Na maioria dos casos estudados pela autora, os estudantes tinham de 12 a 15 anos quando fizeram sua primeira estadia no exterior. Segundo ela, a precocidade das estadias tem caráter cumulativo, uma vez que “as estadias iniciadas precoces se repetem e se acumulam” (MURPHY-LEJEUNE, 2003, p. 65-66).

As experiências de adaptação a um novo meio cultural constituem o **terceiro** elemento do capital de mobilidade. Trata-se da exposição do sujeito a “cada experiência (...) de transição entre dois mundos diferentes”, em que ele é “forçado a se ajustar a seu novo ambiente” (MURPHY-LEJEUNE, 2003, p. 69)<sup>26</sup>. O indivíduo se converte, nesse caso, num “estrangeiro temporário”, vivendo num mundo estranho, do qual ele desconhece “as regras de navegação social”. Dada a descontinuidade sociocultural e linguística daí advindas, esse desconhecimento de códigos sociais pode levar a experiências traumatizantes e a rupturas importantes. Portanto, as adaptações podem ser negativas (sentimento de isolamento, preconceito dos nativos) ou positivas (sentimento de acolhida e de abertura ao outro).

O **quarto** elemento formador do capital de mobilidade é composto por traços de personalidade do próprio sujeito. De forma geral, o estudante “viajante” é bem mais aberto ao exterior que os sedentários. Esse aspecto se manifesta, principalmente, por meio da curiosidade, da atração pelo novo e por uma maior sociabilidade em comparação com sedentários. Diferentemente da indiferença, a curiosidade leva o estudante “viajante” a aprender mais e mais sobre o internacional. Os encontros interculturais proporcionados pela estadia constituem um dos principais objetivos perseguidos pelos estudantes. O conjunto dessas características concorreriam para constituir uma “orientação cognitiva que dirige” o indivíduo “para o exterior” (MURPHY-LEJEUNE, 2003, p. 72).

Com base na literatura acima resenhada e na perspectiva sociológica por ela aberta, a presente pesquisa pretende responder às perguntas: Qual é o perfil demográfico,

---

<sup>26</sup> Essa experiência de confrontação pode ocorrer no próprio país, neste caso sendo denominada “mobilidade geográfica intracultural”.

socioeconômico, sociocultural e acadêmico dos discentes estrangeiros atualmente matriculados na UFMG? Quais são as condições de sua estadia (duração, financiamento etc.)? Quais são os fatores que os mobilizaram a vir ao Brasil e, mais especificamente, para a UFMG?

Pretende-se, assim, fornecer alguma contribuição a um campo muito escasso de estudos que abordam os processos de internacionalização discente do ângulo da chamada mobilidade “de chegada”, i.e., do ângulo dos estudantes estrangeiros que escolhem o Brasil como país de destino, fenômeno muito pouco estudado, mas que está na agenda dos gestores das grandes universidades brasileiras.

Em seguida, o capítulo três apresentará a discussão dos dados sobre o perfil social e acadêmico dos estudantes estrangeiros na UFMG.

## **CAPÍTULO 3 – O ESTUDANTE ESTRANGEIRO NA UFMG: PERFIL SOCIAL E ACADÊMICO**

“O mundo é um livro e aquele que não viaja lê apenas uma página”.

(Aurelio Agostinho d’Ippona)

É muito frequente, na literatura sociológica sobre a mobilidade estudantil, a comparação entre as características de estudantes móveis de diferentes nacionalidades (BALLATORE, 2007; BALLATORE; BLÖSS, 2008b; ERLICH, 2012; SOUTO-OTERO, 2008). E as pesquisas têm demonstrado que essas populações diferem em fatores diversos, como o sexo, a idade, o pertencimento étnico-racial, entre outros. As conclusões, como veremos, indicam uma forte correlação entre a origem social favorecida e a participação em um programa de mobilidade internacional, o qual, por sua vez, engendra certo prestígio e uma distinção entre os estudantes partícipes de programas de mobilidade e seus pares sedentários (BOURDIEU, 1979; GIRET; VAN DE VELDE; VERLEY, 2016; GOMES, 2016). A análise dos dados aponta para a “natureza privilegiada do estudo no exterior entre estudantes universitários (...) particularmente em nível de graduação”, ou seja, “aqueles que buscam estudos de graduação no exterior tem, no geral, famílias altamente apoiadoras com sólida formação de classe média” (BROOKS; WATERS, 2009, p. 206).

Nesse sentido, procederemos, neste capítulo, à análise do perfil do aluno estrangeiro móvel na UFMG por meio do exame dos dados sociodemográficos, socioeconômicos, socioculturais e acadêmicos, obtidos pela aplicação de um questionário aos estudantes estrangeiros matriculados na UFMG no primeiro semestre de 2017 em seus cursos de graduação (N=92) como explicitado na introdução desta dissertação.

### **3.1 Perfil sociodemográfico**

Utilizaremos as variáveis nacionalidade, sexo, idade e pertencimento étnico-racial para compor a análise dos aspectos sociodemográficos. Elas constituem as variáveis mais frequentemente investigadas nos estudos sociológicos, fato que permite a comparação entre as pesquisas nacionais e internacionais.

### 3.1.1 Nacionalidade

Tabela 14 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a nacionalidade, UFMG – 2017

	N	%
Colômbia	20	21,7%
Argentina	8	8,7%
Congo, República Democrática do	8	8,7%
França	7	7,6%
Espanha	6	6,5%
Itália	5	5,4%
Paraguai	4	4,3%
México	4	4,3%
Benin	4	4,3%
Bélgica	4	4,3%
Estados Unidos da América	3	3,3%
Chile	3	3,3%
Cabo Verde	3	3,3%
Alemanha	3	3,3%
Uruguai	1	1,1%
Rússia	1	1,1%
Peru	1	1,1%
Inglaterra	1	1,1%
Honduras	1	1,1%
Guiné-Bissau	1	1,1%
Gabão	1	1,1%
Finlândia	1	1,1%
Cazaquistão	1	1,1%
Bolívia	1	1,1%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

O país com maior concentração é a Colômbia. Somado ao total de alunos argentinos, tem-se mais de 30% do total vindos desses dois países. A República Democrática do Congo, seguida de três países europeus (França, Espanha e Itália) formam, junto com os dois primeiros, um grupo de países que perfazem 58% do total. A distribuição de acordo com as grandes regiões

geográficas permite concluir que a grande maioria dos estudantes são provenientes do chamado Sul<sup>27</sup>, como mostra a tabela 15.

Tabela 15 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a região geográfica de origem, UFMG – 2017

	N	%
América Latina e Caribe	43	46,7%
Europa	28	30,4%
África	17	18,5%
América do Norte	3	3,3%
Ásia	1	1,1%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Considerando que África, América Latina e Caribe e Ásia compõem o grupo do chamados países do Sul, menos desenvolvidos, e o Norte é formado pelo Europa e América do Norte, regiões desenvolvidas, verifica-se, na tabela 16, que o Sul é responsável por 66,3% do total e que 33,7% dos respondentes são originários de países os quais compõem o Norte desenvolvido.

Tabela 16 – Distribuição das nacionalidades de acordo com os países do Norte e Sul, UFMG – 2017

	N	%
Região geográfica por Sul	61	66,3%
países do Norte e Sul Norte	31	33,7%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

A literatura sociológica internacional aponta uma hierarquia entre os países que mais recebem e mais enviam estudantes estrangeiros. Em âmbito global, verifica-se que o Norte exerce sobre o Sul uma grande atração gerada por uma relação de dominação econômica e cultural, que acaba por refletir em fluxos estudantis mais intensos em direção aos países desenvolvidos, fenômeno verificado por vários pesquisadores do tema, dentre eles Wagner (1998), Erlich (2012), Ballatore (2007), Ballatore e Blöss (2008a, b), Altbach e Engberg (2015) e Knight (2005). Em seu relatório *Education at a Glance*, a OCDE (2017) mostra que, em 2015,

<sup>27</sup> Os países do Norte são constituídos pelo grupo de países mais desenvolvidos, e estão localizados, em sua maioria, na parte ao norte do globo. Os países do Sul são aqueles menos desenvolvidos e estão, por sua vez, concentrados na porção sul do planeta (EYEBIYI; MAZZELLA, 2014a).

o principal destino dos discentes móveis dentre os países que formam a OCDE eram os Estados Unidos: de um total de pouco mais de 3 milhões de estudantes em mobilidade, cerca de 907.000 se inscreveram em instituições de ensino superior naquele país. De forma geral, países desenvolvidos que tem o inglês como língua nativa são os que mais atraem alunos, como também observaram Ballatore (2007, 2011) e Van Zanten *et al.* (2005). Quatro países anglófonos respondem por mais da metade do fluxo mundial total de entrada de estudantes móveis. Depois dos Estados Unidos, o Reino Unido atraiu 431.000 estudantes internacionais, a Austrália 294.000 e o Canadá 172.000. Os estudantes internacionais nesses países originam-se principalmente da Ásia, representando 87% dos estudantes internacionais na Austrália, 76% nos Estados Unidos e 54% no Reino Unido.

Já no contexto dos fluxos entre os países menos desenvolvidos, estudos recentes vêm reportando um aumento na mobilidade Sul-Sul. Utilizando dados fornecidos pelo Instituto de Estatística da Unesco, Razafimahefa *et al.* (2014) constataram que, entre 2001 e 2010, o número de destinos intrabloco aumentou de 52 para 73 e o total de influxo Sul-Sul aumentou de 189.670 para 343.610. Especificamente para o caso do Brasil, a autora menciona que o País é o caso de progresso mais espetacular na recepção de estudantes estrangeiros, multiplicando por 15 a média anual do fluxo de entrada. Argentina, Paraguai, Chile, Uruguai, Aruba e Cuba dirigem, sobretudo, o seu fluxo para o Brasil, o influxo mais forte vindo, no entanto, do país africano de Angola.

### 3.1.2 Sexo

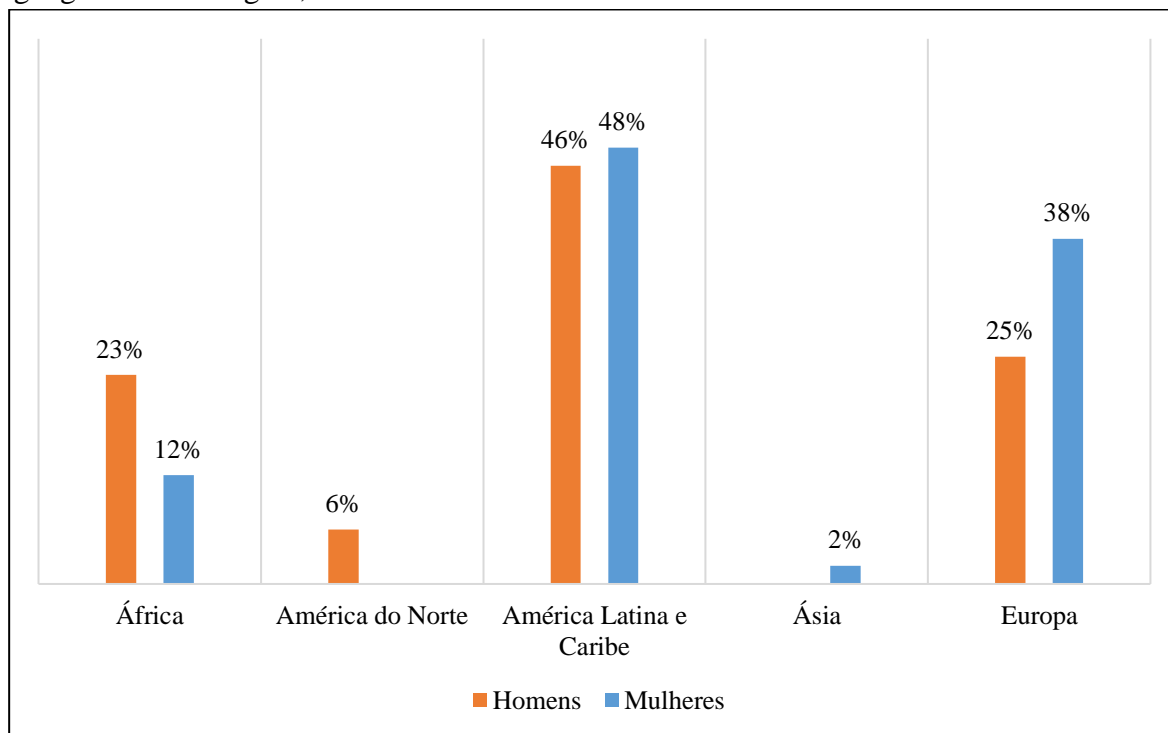
Tabela 17 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por sexo, UFMG – 2017

	N	%
Feminino	40	43,5%
Masculino	52	56,5%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Como se vê na tabela 17 acima, há uma pequena vantagem de homens em relação às mulheres no grupo. No entanto, a análise do gráfico abaixo revela que as mulheres provenientes de três regiões geográficas constituem uma maioria, em particular, entre as vindas da Europa.

Gráfico 9 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por sexo de acordo com regiões geográficas de origem, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Estudos recentes permitem conhecer as características demográficas dos estudantes em relação à distribuição por sexo. Essas pesquisas vêm constatando a dianteira das mulheres na mobilidade internacional (ARIÑO; JULVE; LLOPIS, 2014). Cattan (2004) ilustra a dianteira feminina utilizando dados recentes sobre a migração internacional na Europa, quando em 2000, 61% dos estudantes migrantes, no continente, eram do sexo feminino. Já em 2008, uma análise produzida pelo programa *Eurostudent*, que compara estudos sobre estudantes móveis de 23 países europeus<sup>28</sup>, concluiu que as alunas são maioria em todos os países investigados, à exceção de Alemanha e Suíça (VOURC'H; ZILLONIZ, 2008).

Valerie Erlich (2012) faz um extenso levantamento de estudos que mostram uma clara prevalência de mulheres entre os estudantes móveis. As razões da representação majoritariamente feminina estariam mais diretamente ligadas ao pertencimento das estudantes a cursos acadêmicos com alta participação feminina, em oposição aos cursos com mais representatividade de alunos e que tiveram menos oferta em programas de mobilidade. Foi o

<sup>28</sup> Os países investigados foram Alemanha, Áustria, Bulgária, Escócia, Estônia, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha (representado pela Inglaterra e País de Gales), Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Noruega, Holanda, Portugal, República Checa, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Suécia, Suíça e Turquia (VOURC'H; ZILLONIZ, 2008).

que Ballatore (2007) observou ao analisar o sexo dos alunos *Erasmus*, num estudo comparado entre estudantes *Erasmus* da Inglaterra, França e Itália. As mulheres estavam minoritariamente representadas em Matemática e Engenharias, mas eram maioria nos cursos de Letras. A socióloga constatou que, entre os anos 2004 e 2005, a mobilidade das alunas totalizava 68,7% do total na Europa, 56% nos Estados Unidos e 55% no Reino Unido.

A agência francesa *Campus France*<sup>29</sup> realiza estudos periódicos sobre a mobilidade internacional dentro do próprio país e no mundo. Num relatório recente, publicado em 2016, a agência identificou que, no ano acadêmico de 2013/2014, 53% dos estudantes estrangeiros matriculados em escolas listadas na *Conférence des grandes écoles* (CGE)<sup>30</sup> eram mulheres. É de se ressaltar, no entanto, que os cursos escolhidos e a origem geográfica dos estudantes são fatores que influenciam fortemente a proporção de alunos e de alunas nos casos estudados. Registraram-se, por exemplo, apenas 33% de mulheres nos cursos de Engenharia, número que cai para 31% entre as discentes de origem africana. A análise do total de alunos estrangeiros revela que 33% das estudantes se matriculam nas escolas de Engenharia, enquanto que 56% o fazem em escolas de gestão. Ao passo que os alunos estrangeiros são maioria nos cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia, as discentes são a maior parte dos cursos de Direito, Economia, Letras e Ciências Humanas (CAMPUS FRANCE, 2016).

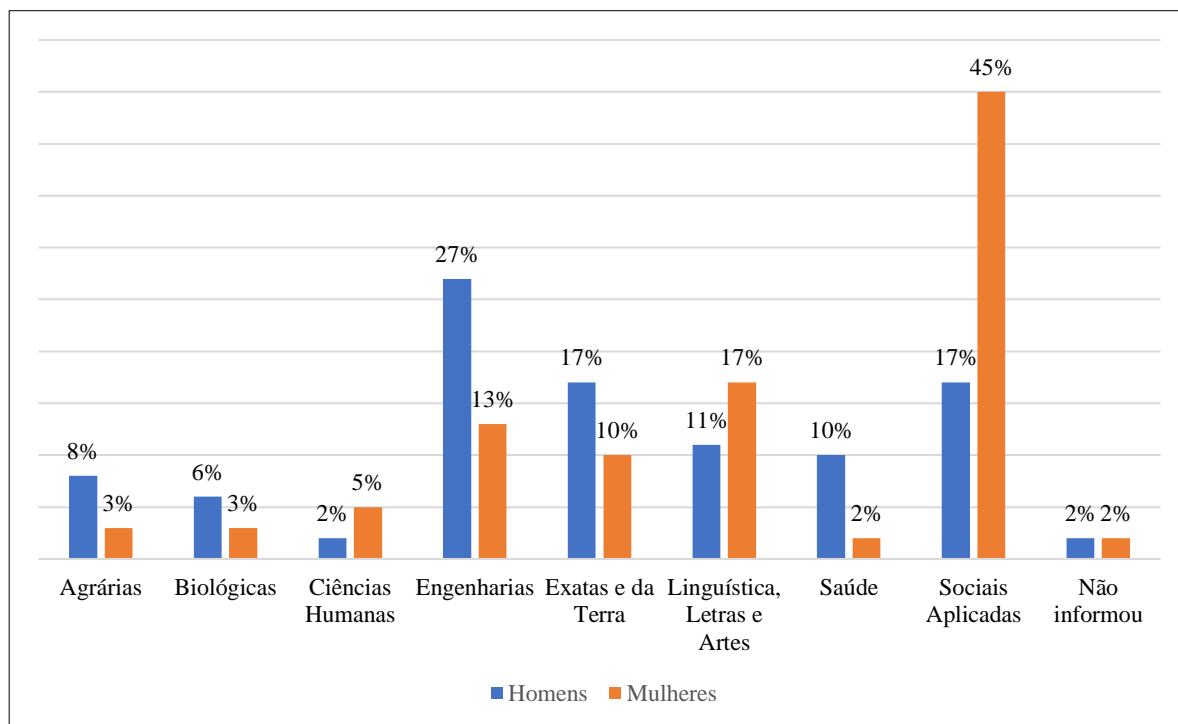
O gráfico 10 mostra a prevalência das mulheres nas humanidades e uma maioria masculina nas áreas de Exatas e Engenharias na UFMG:

---

<sup>29</sup> A *Campus France* é uma instituição pública francesa que visa melhorar e promover no exterior o sistema de ensino superior e a formação profissional francesa (FRANÇA, 2010).

<sup>30</sup> A *Conférence des grandes écoles* (CGE) é uma associação francesa de instituições do ensino superior e de pesquisa criada em 1973 por doze universidades francesas (onze *écoles d'ingénieurs* e uma escola de negócios). (CGE, 2016).

Gráfico 10 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por sexo e áreas do conhecimento, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

No caso brasileiro, Rosemberg (2001) aponta que, na década de 1990, as carreiras universitárias com predomínio masculino eram Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica, e as de predomínio feminino eram Odontologia, Jornalismo, Letras e Matemática. As carreiras com equilíbrio entre os dois gêneros eram Administração, Direito e Medicina Veterinária. Schwartzman (2012) também observou que homens e mulheres buscam formações diferentes, sendo que as áreas de formação de professores, Saúde, Ciências Sociais, Humanidades e Jornalismo são predominantemente femininas ao passo que as áreas de Engenharia, Computação, Economia, Agricultura, Agropecuária e Militar são predominantemente masculinas. Além disso, áreas que antes eram tradicionalmente masculinas como Medicina, Direito e Administração, atualmente, tem 50% de mulheres. Já entre os anos de 2002 e 2005, observou-se um aumento de mulheres entre os pesquisadores científicos nacionais, principalmente nas áreas de saúde e humanas. Na área de Linguística e Ciências Humanas, cerca de 60% era do sexo feminino e nas áreas de Ciências da Saúde e Biológicas, concentraram-se mais de 50% de pesquisadoras (MELO; OLIVEIRA, 2006). Rosemberg e Andrade (2008) constataram ainda que as mulheres já são maioria no ensino superior e apresentam melhores indicadores educacionais do que os homens.

As pesquisas nacionais sobre o tema da mobilidade têm mostrado ainda variações quanto ao sexo dos pesquisados, principalmente, quando se leva em consideração a região geográfica de origem. Edilma Desidério (2006) conduziu pesquisa sobre a mobilidade internacional no Brasil, com foco nos alunos africanos vinculados ao PEC-G (Programa de Estudante Convênio de Graduação) em três Universidades Públicas no Rio de Janeiro. No levantamento da autora, feito com dados do Censo Demográfico de 1991 e de 2000, registrou-se maioria de homens no total da população de estudantes estrangeiros no País e no Rio de Janeiro. Em outro estudo sobre estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) de Cabo Verde e da Guiné-Bissau vinculados ao PEC-G, Filgueira (2014) constatou maioria de homens entre os 40 sujeitos pesquisados. Peixoto (2011), Có (2011) e Mungoi (2006) apontam igualmente para uma maioria de homens em suas investigações sobre estudantes africanos no Brasil.

### 3.1.3 Idade

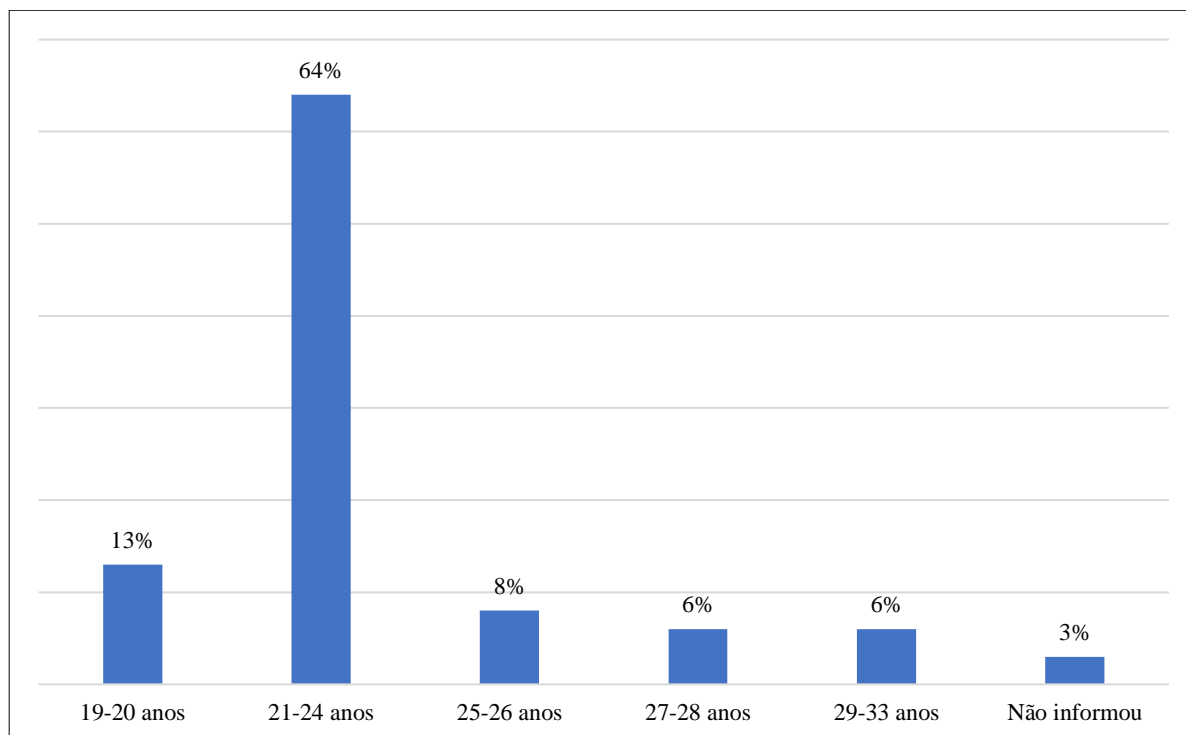
Tabela 18 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por idade, UFMG – 2017

	N	%
19	2	2,2%
20	10	10,9%
21	16	17,4%
<b>22</b>	<b>19</b>	<b>20,7%</b>
23	11	12,0%
24	13	14,1%
25	5	5,4%
26	2	2,2%
27	2	2,2%
28	4	4,3%
30	3	3,3%
33	2	2,2%
Não informou	3	3,3%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

A faixa de idade dos estudantes estrangeiros móveis na UFMG variou entre 19 e 33 anos, sendo a média de idade registrada em 23 anos e 22 anos a idade de maior ocorrência. Entre a faixa de 21 a 24 anos, concentram-se 64% dos candidatos, como demonstra o gráfico 11 abaixo.

Gráfico 11 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por faixas de idade, UFMG – 2017



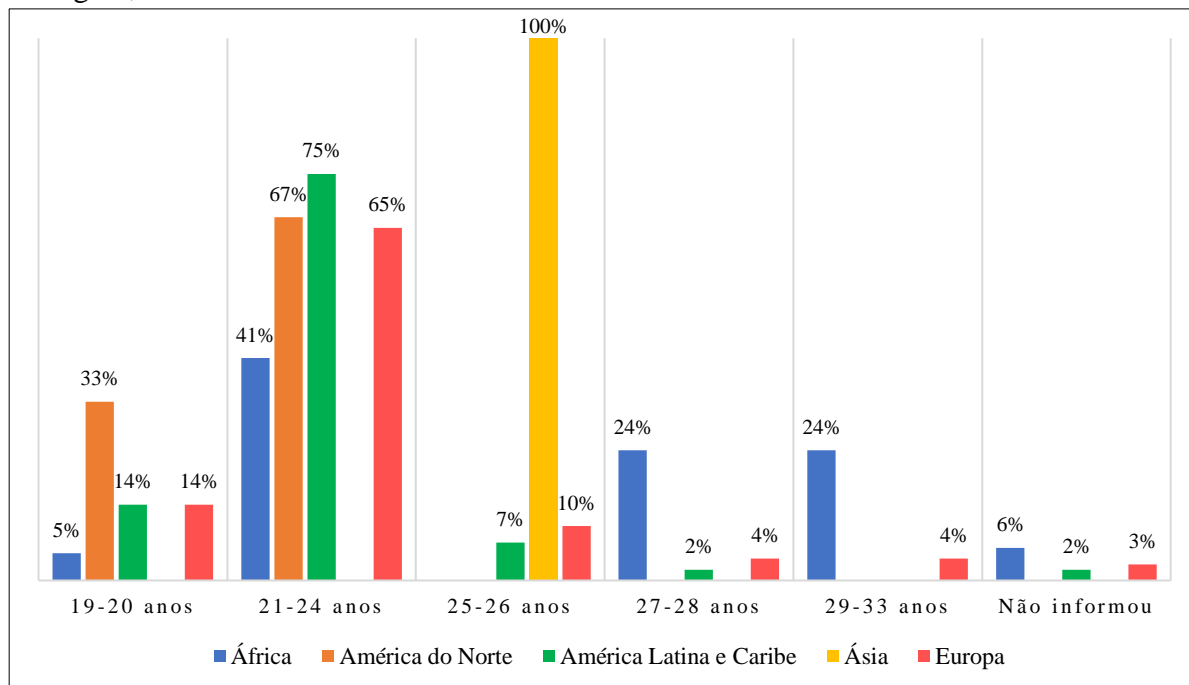
Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Faixas de idade similares foram reportadas em outros estudos nacionais e internacionais sobre estudantes estrangeiros. Investigando estudantes participantes do programa *Erasmus*, Souto-Otero (2008) identificou que 60% dos discentes encaixavam-se na faixa de 21 a 23 anos de idade. Utilizando os microdados do Censo do Ensino Superior do Brasil, do ano de 2010, Ojima *et al.* (2014) registraram que a faixa de 20 a 25 anos englobava a maioria dos estudantes estrangeiros no país, representando 68,5% do total entre os estudantes PEC-G e 45,7% dos participantes de demais acordos e convênios. Stallivieri *et al.* (2015) apontaram que 47,9% dos estudantes estrangeiros em sua pesquisa tinham entre 22 e 24 anos de idade.

Ao levar-se em conta a região geográfica de origem, como exposto no gráfico 12 abaixo, vê-se que as regiões da América do Norte, América Latina e Caribe e Europa tem a maioria de seus estudantes localizados na faixa de 21 a 24 anos. A Ásia conta com apenas um estudante, registrado na faixa de 25 a 26 anos. No caso dos estudantes vindos do Continente Africano,

verifica-se uma concentração maior nas faixas de idade superior a 27 anos, formando um total de 48% do total. Em sua pesquisa sobre estudantes africanos no Brasil, Mungoi (2012) reporta que o estudante mais velho entre seus sujeitos tinha 36 anos, três a mais que o estudante mais velho identificado na nossa pesquisa.

Gráfico 12 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por faixas de idade e região geográfica de origem, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

### 3.1.4 Pertencimento étnico-racial

Para o exame do pertencimento étnico-racial, utilizamos os mesmos critérios do IBGE na divisão das categorias, quais sejam: amarela, branca, indígena, parda e preta. A autodeclaração do pertencimento racial do grupo está disposta na tabela a seguir.

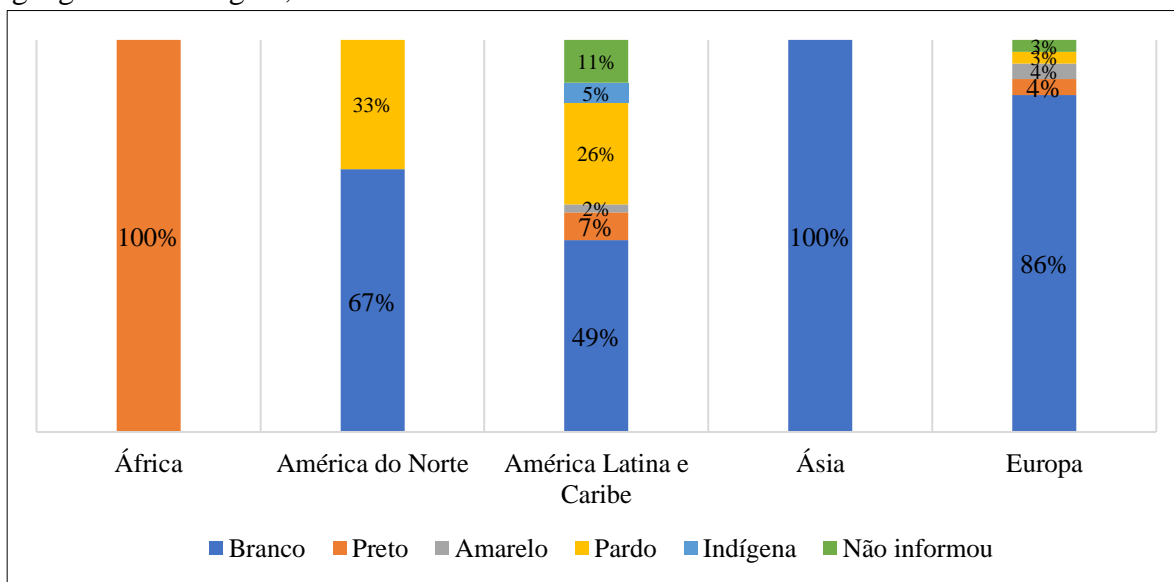
Tabela 19 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a autodeclaração de raça, UFMG – 2017

	N	%
Branco	48	52,2%
Preto	21	22,8%
Pardo	13	14,1%
Amarelo	2	2,2%
Indígena	2	2,2%
Não informou	6	6,5%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Há uma maior incidência de alunos brancos, perfazendo em pouco mais de 50% do total. O gráfico 13 mostra que os brancos prevalecem em todas as áreas geográficas, à exceção da África, que apresenta uma totalidade de pretos.

Gráfico 13 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a raça e região geográfica de origem, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

## 3.2 Perfil socioeconômico

A análise das características socioeconômicas está baseada na observação das variáveis ‘renda’ e ‘exercício de atividade remunerada’ pelos estudantes durante a sua estadia no Brasil. Estes dados permitem conhecer as condições materiais de vida dos sujeitos pesquisados.

### 3.2.1 Renda

Tabela 20 – Distribuição dos estudantes estrangeiros segundo a renda familiar mensal, UFMG – 2017

	N	%
Até \$300	5	10,0%
De \$300 a \$600	9	18,0%
De \$600 a \$900	8	16,0%
De \$900 a \$1200	5	10,0%
Acima de \$1200	23	46,0%
<b>TOTAL<sup>31</sup></b>	<b>50</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Nota: A indicação da renda em dólares americanos permite a comparação da renda entre os pesquisados. Tomou-se como base, para a conversão em dólares, o salário mínimo brasileiro vigente à época, que era de 937 reais.

Do total de respondentes à variável renda, quase a metade informou que sua família tem rendimentos superiores a 1200 dólares, enquanto que o contingente de estudantes que reportaram a menor renda na tabela foi de 10%. Considerando as duas faixas superiores de renda, tem-se 56% do total. Similarmente, Souto-Otero (2008, p. 146-147) relatou em seu estudo que “uma grande maioria dos estudantes *Erasmus* relataram o *status* de renda de seus pais como sendo médio ou acima da média”, sem, no entanto, especificar com precisão essa média. Ao analisar a situação socioeconômica dos alunos *Erasmus*, Souto-Otero (2008) e Endrizzi (2012) concluíram que os estudantes têm em grande parte origens socioeconômicas privilegiadas. A tabela 21 apresenta as principais fontes de auxílio financeiro recebido pelos estudantes.

<sup>31</sup> Para a análise da renda, desconsideramos as respostas não válidas de 42 sujeitos.

Tabela 21 – Distribuição do tipo de auxílio financeiro recebido pelos estudantes, UFMG – 2017

	N	%
Minha família financia parte das minhas despesas	31	33,7%
Minha família financia todas as minhas despesas	26	28,3%
Recebo bolsa de estudos do governo do meu país de origem	18	19,6%
Sou o principal responsável pelo meu próprio sustento	15	16,3%
Recebo bolsa de estudos de organização do meu país de origem	15	16,3%
Recebo bolsa de estudos do governo brasileiro	11	12,0%
Recebo bolsa por participação em atividades acadêmicas/de extensão na UFMG	4	4,3%
Recebo bolsa de estudos de organização brasileira	3	3,3%
Não informou	7	7,6%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Nota: A porcentagem descrita é proporcional ao número total de pesquisados (N=92).

A expressão do favorecimento social fica evidente pela análise da tabela 21, na qual se pode verificar que a fonte de financiamento mais frequente é a própria família do estudante. Constatações semelhantes foram reportadas em outros estudos. Ballatore e Bloss (2008b, p. 34) relataram que, dos estudantes *Erasmus* da Universidade da Provença em 2004-2005, 61% receberam ajuda financeira dos pais mensalmente, 28% ocasionalmente e apenas 11% disseram não receber assistência financeira de seus pais para a sua estadia no exterior. Para os estudantes italianos *Erasmus* pesquisados, as proporções foram, respectivamente, 69% (ajuda mensal), 27% (ajuda ocasional) e 4% (sem ajuda). Investigando alunos Moçambicanos em Belo Horizonte, Ngomane (2010, p. 35) concluiu que:

A obrigatoriedade de se ter uma renda mínima, o compromisso de manutenção no valor mínimo de 500 dólares, para que o visto de estudante seja aprovado, já é de partida, um fator de seleção destes convênios. Só as famílias com algum poder econômico podem enviar seus filhos para estudar no Brasil sendo poucos os estudantes de família de baixa renda.

Cabral (2015) conduziu um estudo sociológico sobre os alunos africanos participantes do Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O autor relatou que:

[...] a renda é um dos fatores decisivo[s] para seleção de quem vai ingressar ou não no programa. É nesse âmbito que se sobressai o papel da família, durante o esforço da inserção dos filhos no campo do ensino superior. A família como primeira instituição de socialização dos indivíduos acaba sendo uma das grandes bases durante o período do ingresso e da trajetória destes

jovens no ensino superior brasileiro, através da sua ajuda econômica e simbólica (CABRAL, 2015, p. 166).

Essa participação familiar no financiamento dos estudos dos filhos no exterior, estratégia que visa ao aperfeiçoamento das condições de competição da prole, foi também constatada por Nogueira (2006, p. 32), para quem “as famílias pertencentes às camadas médias (sobretudo em suas frações mais favorecidas culturalmente) ou às elites econômicas, investem precocemente em estratégias educativas que consistem na valorização e na demanda por uma dimensão internacional na formação de seus filhos”.

### 3.2.2 Exercício de atividade remunerada

Tabela 22 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com o exercício de atividade remunerada, UFMG – 2017

	N	%
Não trabalho	82	89,1%
Sim, trabalho FORA da universidade	4	4,3%
Sim, trabalho DENTRO da universidade	5	5,4%
Não informou	1	1,1%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Quase 90% da população investigada declara não estar exercendo nenhum tipo de atividade remunerada durante a estadia. Essa constatação evidencia que o estudante estrangeiro na UFMG, ao não precisar trabalhar para suplementar seus meios financeiros, pode se dedicar exclusivamente aos estudos. Apenas pouco mais de 4% declararam trabalhar fora da universidade e outros 5% disseram exercer atividades remuneradas dentro da UFMG, possivelmente em estágios e atividades ligadas à pesquisa ou à extensão. Tomando em consideração a divisão econômica Sul e Norte, vemos que os casos dos estudantes que trabalham se concentram nos países do Sul, enquanto que 97% dos sujeitos vindos do Norte não precisam trabalhar, como demonstrado na tabela 23:

Tabela 23 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com o exercício de atividade remunerada desmembrados por países do Norte e do Sul, UFMG – 2017

	Região geográfica por países do Norte e Sul			
	Sul		Norte	
	N	%	N	%
Não trabalho	52	85,2%	30	96,8%
Sim, trabalho FORA da universidade	3	4,9%	1	3,2%
Sim, trabalho DENTRO da universidade	5	8,2%	-	-
Não informou	1	1,6%	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>100%</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

### 3.3 Perfil sociocultural

A análise das características socioculturais considerará dois aspectos. Primeiramente, investigar-se-á a escolaridade dos pais dos discentes de forma a verificar traços de sua influência na trajetória escolar da prole já que a literatura sociológica tem demonstrado que as possibilidades de mobilidade internacional guardam proporcionalidade direta com o grau de escolaridade dos pais (BALLATORE; BLÖSS, 2008b). O segundo aspecto a ser analisado é composto pelas experiências pregressas de viagens a países estrangeiros e pelo desenvolvimento de competências linguísticas associadas à mobilidade internacional.

#### 3.3.1 Nível de escolaridade dos pais

A investigação do comportamento da variável ‘escolaridade dos pais’ é importante, pois sabemos que os benefícios culturais relacionados ao grau de escolarização dos pais podem atuar posteriormente na vida dos filhos (JOURDAIN; NAULIN, 2011). A tabela 24 mostra a distribuição dos estudantes de acordo com a escolaridade dos pais.

Tabela 24 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a escolaridade dos pais, UFMG – 2017

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Ensino superior	31	33,7%	39	42,4%
Ensino médio	26	28,3%	27	29,3%
Mestrado	14	15,2%	9	9,8%
Ensino fundamental	7	7,6%	9	9,8%
Sem escolarização	1	1,1%	3	3,3%
Doutorado	4	4,3%	1	1,1%
Alfabetização	3	3,3%	-	-
Não informou	6	6,5%	4	4,3%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Pais e mães com nível superior de educação representam a maior parte, sendo que a categoria mais representada é a das mães com nível superior, que somam 43%. Considerando apenas os níveis superiores de educação (graduação e pós-graduação), tem-se uma maioria de 53% de pais nesse nível e 54% de mães. Nogueira *et al.* (2008, p. 369) explicam que essas famílias cosmopolitas “são grupos que vislumbram, como retorno de seus investimentos na escolarização internacional, a aquisição de capitais e de disposições que julgam essenciais ao êxito futuro dos filhos”. Demonstrando melhor conhecimento do meio escolar que seus pares menos instruídos, pais com maior nível de escolaridade constituem o elemento que melhor indica o elevado grau de favorecimento na trajetória escolar da prole, principalmente, por meio de um “crescente apelo a estratégias de internacionalização da formação e da carreira escolar dos filhos” (NOGUEIRA, 2010, p. 221).

As pesquisas sobre o tema têm igualmente demonstrado o alto favorecimento cultural no perfil dos estudantes estrangeiros. Os estudos internacionais sobre o assunto chegaram a conclusões similares. Ao investigar os alunos *Erasmus* de três países da Europa, Ballatore e Blöss (2008b) constataram que as mães de alunos móveis com ensino superior superavam as mães não-móveis na proporção de 64,6% a 48% no Reino Unido, 56,7% a 27,6% na França e 26,7% a 12,5% na Itália. No caso dos pais de estudantes em mobilidade, estes superaram seus pares não-móveis em 82% a 59,7% no Reino Unido, 58% a 27,5% na França e 40,5% a 17,1% na Itália. Em outra pesquisa sobre alunos *Erasmus*, Souto-Otero (2008) reportou que cerca de 58% dos sujeitos tinham pelo menos um dos pais com nível superior de instrução.

No contexto nacional, Cabral (2015, p. 92) chegou a resultados similares aos encontrados em nosso estudo, reportando que os pais com nível superior dos estudantes PEC-G pesquisados constituíam 60% do total. Ao estender esse exame para a família estendida dos sujeitos (irmãos, primos, tios, pais e sobrinhos), o pesquisador verificou que os familiares que “já cursaram ou estão cursando o ensino superior” chegaram a somar 95,7%, fato que reforça o caráter de favorecimento desse bem cultural. Num estudo sociológico com alunos africanos participantes do PEC-G, no período de 2007 a 2011, Peixoto (2011, p. 10) verificou que a maioria dos pais de seus investigados tinha o grau de escolaridade variando de superior incompleto a doutorado. Noutra pesquisa sobre alunos africanos no Brasil, Desidério (2006, p. 163) reportou que sua amostra chamava a atenção pela “alta escolaridade dos pais, principalmente (...) com superior completo, alguns com Doutorado inclusive e a mãe com nível de educação superior, em sua maioria incompleto, mas ainda assim [um] fator relevante quando se trata de investir na educação dos filhos”. Para a autora, “a escolaridade dos pais tem papel fundamental no processo de investimento na educação da geração posterior e na reprodução, de geração a geração, do capital social acumulado”.

### **3.3.2 Experiências pregressas de viagens ao exterior**

Teremos, como fio condutor da análise deste subtópico, o conceito de “capital de mobilidade”, conforme formulado por Murphy-Lejeune (2003). Trata-se de um tipo de capital que permite aos indivíduos o aprimoramento de suas habilidades sociais, linguísticas e culturais em razão da riqueza da experiência internacional adquirida. Um dos aspectos dessa noção refere-se ao conjunto de estadias no estrangeiro acumuladas pelo sujeito, seja na forma direta, por intermédio de viagens para países estrangeiros, ou ainda, de maneira indireta, pelo contato frequente com estrangeiros ou com conterrâneos que tenham obtido experiências anteriores no exterior. Foi com base nesse pressuposto que indagamos os sujeitos sobre as viagens que já fizeram ao exterior, bem como sobre as principais motivações dessas estadias no exterior.

Tabela 25 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com o número de viagens pregressas feitas a países estrangeiros, UFMG – 2017

	N	%
Uma viagem	22	38,6%
Duas viagens	13	22,8%
Três viagens	11	19,3%
Cinco viagens	9	15,8%
Quatro viagens	2	3,5%
<b>TOTAL<sup>32</sup></b>	<b>57</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Dentre o universo de alunos pesquisados, 38,6% já fizeram uma viagem ao exterior antes de vir ao Brasil. Um total não desprezível de 15,8% do total já fez cinco viagens ao estrangeiro. Para os estudantes, as viagens ao exterior compõem um fator “cumulativo”, isto é, as primeiras estadias “somam-se [às demais]”. Como consequência, o que se observa é que “os contatos subsequentes são, no geral, regulares”. (MURPHY-LEJEUNE, 2003, p. 66). A tabela 26 mostra os principais destinos das últimas viagens dos discentes ao exterior antes de virem ao Brasil:

<sup>32</sup> Para a análise da renda, desconsideramos as respostas não válidas de 35 sujeitos.

Tabela 26 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com país de destino das viagens pregressas ao exterior, UFMG – 2017

	%
EUA	9,0%
França	6,8%
Argentina	6,0%
Brasil	6,0%
Espanha	4,5%
Itália	4,5%
África do Sul	3,8%
Chile	3,0%
Holanda	3,0%
Portugal	3,0%
Alemanha	2,3%
China	2,3%
Estônia	2,3%
Gana	2,3%
Inglaterra	2,3%
Outros	39,1%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Tendo por principal destinação os Estados Unidos da América, os 15 principais países de destino dos pesquisados somam pouco mais de 60% do total. Dessa lista, oito países são europeus, continente que teve o maior fluxo entrante de estudantes, como se nota na tabela 27.

Tabela 27 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com região geográfica de destino das viagens pregressas ao exterior, UFMG – 2017

	%
Europa	41,4%
América Latina e Caribe	27,8%
Ásia	14,3%
América do Norte	9,0%
África	7,5%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Como se nota na tabela 27 acima, com mais de 41% do total, a Europa foi o continente que mais recebeu alunos dentre os investigados. Nogueira *et al.* (2008) explica que o alto fluxo para países desenvolvidos, como EUA, líder entre os países desta pesquisa, juntamente com os países europeus, exprime o alto valor dada a experiência internacional nesses países, tanto nos aspectos culturais, derivados da tradição da região, quanto turísticos, considerando que a reduzida distância entre os países europeus facilita a circulação dentro do continente. Já a América Latina e Caribe correspondem à segunda região que mais recebeu alunos, somando quase 28% do total. A alta representatividade das regiões do Sul econômico refletem uma tendência recente já detectada de aumento do fluxo de estudantes estrangeiros no sentido Sul-Sul (RAZAFIMAHEFA; RAYNAL, 2014). Os motivos dessas viagens estão descritos na tabela 28:

Tabela 28 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para viagens pregressas ao exterior, UFMG – 2017

	%
Turismo	52,7%
Estudos de línguas	20,4%
Outros estudos	17,2%
Trabalho	9,7%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

O ‘turismo’ foi a motivação mais frequente entre os pesquisados. Esse fator pode atuar como impulsionador de outras experiências, notadamente o aprendizado de línguas. A categoria ‘estudo de línguas’ foi a segunda mais representada, com pouco mais de 20% do total. A aprendizagem de línguas no estrangeiro é altamente valorizada, como demonstrou Prado (2002) em sua pesquisa com alunos de *high school*. Considerada uma forma superior de aquisição de idioma, o aprendizado de línguas em contexto nativo é uma ideia que se encontra bastante difundida e é um fator que exerce forte influência sobre as estratégias das famílias, como explicam Nogueira *et al.* (2008).

Outro fator relevante para o capital de mobilidade é a duração da estadia, descrita na tabela 29.

Tabela 29 – Duração média das estadias pregressas em países estrangeiros antes de vir ao Brasil, UFMG – 2017

	%
1 semana	1,9%
2 semanas	14,8%
1 mês	40,7%
2 meses	15,7%
3 meses	9,3%
4 meses	4,6%
5 meses	6,5%
6 meses	2,8%
9 meses	0,9%
10 meses	1,9%
11 meses	0,9%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

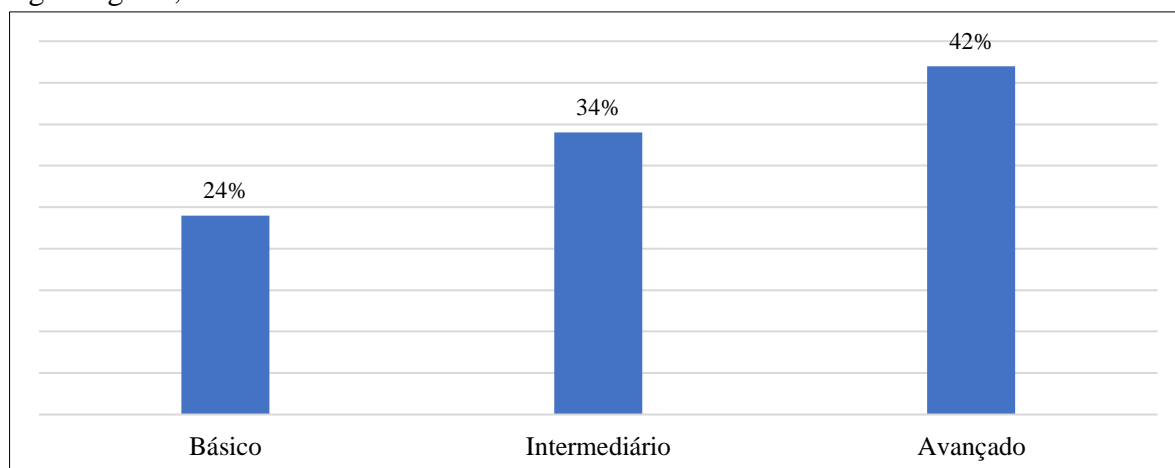
Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

A duração das experiências anteriores de viagem dos estudantes se mostrou curta, com uma representação majoritária de um mês. A faixa que vai de um a cinco meses representa 77% da duração média que os estudantes passaram em suas estadias em outros países.

### 3.3.3 Competências linguísticas

Parte constituinte do capital de mobilidade, o aperfeiçoamento da proficiência em idioma estrangeiro é assunto largamente discutido entre os que investigam os estudantes móveis internacionais. Para Erlich (2012, p. 117), “a competência linguística continua a ser um fator determinante na escolha de migrar ou não: estudantes móveis falam em média mais línguas estrangeiras do que estudantes não móveis”. Com efeito, a aprendizagem da língua em contexto nativo é uma das motivações mais frequentes para a mobilidade internacional (AGULHON; BRITO, 2009; DERVIN; BYRAM, 2008; ERLICH, 2012; MURPHY-LEJEUNE, 2003). Nesse sentido, investigamos a proficiência dos alunos estrangeiros da UFMG em português e inglês como línguas estrangeiras. Para tanto, excluímos de cada análise os países nos quais os idiomas nacionais coincidiam com as línguas em análise, quais sejam, Cabo Verde e Guiné-Bissau no caso português, e EUA e Inglaterra para a língua inglesa.

Gráfico 14 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a proficiência em língua inglesa, UFMG – 2017

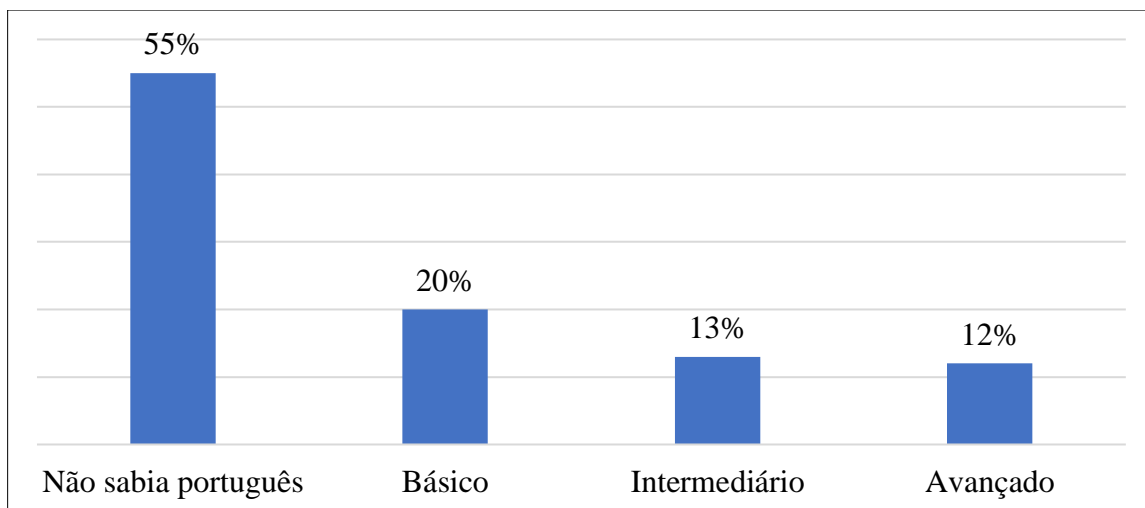


Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

É fato largamente conhecido, como demonstramos neste estudo, que a língua inglesa é a mais buscada entre os estudantes internacionais móveis no mundo. Bourdieu (2007, p. 148) confirma o alto valor atribuído à língua inglesa diante dos outros idiomas ao atestar que “o conhecimento do inglês possui um valor de troca incomparavelmente maior do que o conhecimento do espanhol ou do italiano, sem falar do grego ou do berbere”. Diante disso, verificamos pela análise do gráfico 14 que os alunos investigados apresentam, em uníssono com outros estudos, alta competência linguística no idioma anglo-saxão, com a maior parte dos alunos reportando proficiência avançada na língua.

Abaixo apresentamos a proficiência dos discentes em português como língua estrangeira.

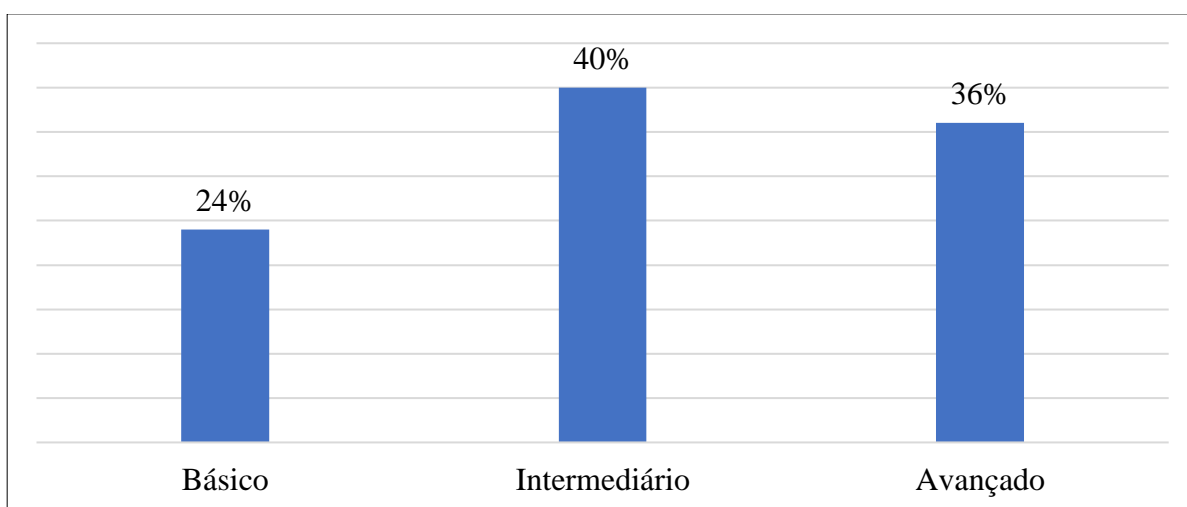
Gráfico 15 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a proficiência em língua portuguesa antes de chegar ao Brasil, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

O gráfico 15 mostra o estado do conhecimento linguístico dos estudantes, em português, antes de chegarem ao Brasil. É flagrante a proporção de alunos que declararam não saber português. Já pela análise do gráfico 16, vê-se que o progresso na aprendizagem da língua foi notável.

Gráfico 16 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a proficiência em língua portuguesa durante a estadia no Brasil, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários

O gráfico 16 mostra que mais de um terço dos sujeitos declaram ter proficiência avançada em português, enquanto outros 40% declararam ter nível intermediário. Sabemos que

o português não está entre as línguas mais valorizadas mundialmente e, por conseguinte, as possibilidades de aquisição da língua no exterior são bastante limitadas. Ademais, a alta proficiência atual dos discentes surpreende, ao levar-se em consideração que as estadias de estudos no exterior são geralmente curtas. Esses dados reforçam o fato de que se trata de uma elite qualitativa, conhecedora de estratégias que favorecem o aprendizado de idiomas estrangeiros, como explica Jensen (1927 *apud* MURPHY-LEJEUNE, 2003, p. 34):

Toda aquisição de uma língua estrangeira abre a porta para um novo estilo de vida. O indivíduo que penetra profundamente o suficiente em uma cultura estrangeira torna-se uma personalidade mais rica. Ele pode mudar facilmente de um idioma para outro, de um conjunto de hábitos, atitudes e valores para outro.

### 3.4 Curso superior frequentado na UFMG

A grande dispersão dos cursos reflete o número elevado de convênios e acordos bilaterais firmados entre a UFMG e instituições universitárias estrangeiras. A UFMG conta, no momento atual, com mais de “cem programas de intercâmbio e 332 convênios firmados com 237 universidades parceiras em 38 países” (UFMG: DRI, 2018).

Tabela 30 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com curso frequentado na UFMG – 2017

	N	%
Letras	8	8,7%
Geologia	6	6,5%
Engenharia Elétrica	5	5,4%
Medicina Veterinária	5	5,4%
Comunicação Social	5	5,4%
Arquitetura e Urbanismo	5	5,4%
Administração	4	4,3%
Engenharia Civil	4	4,3%
Engenharia Ambiental	4	4,3%
Ciências Biológicas	4	4,3%
Engenharia de Produção	3	3,3%
Relações Econômicas Internacionais	3	3,3%
Cinema de Animação e Artes Digitais	3	3,3%

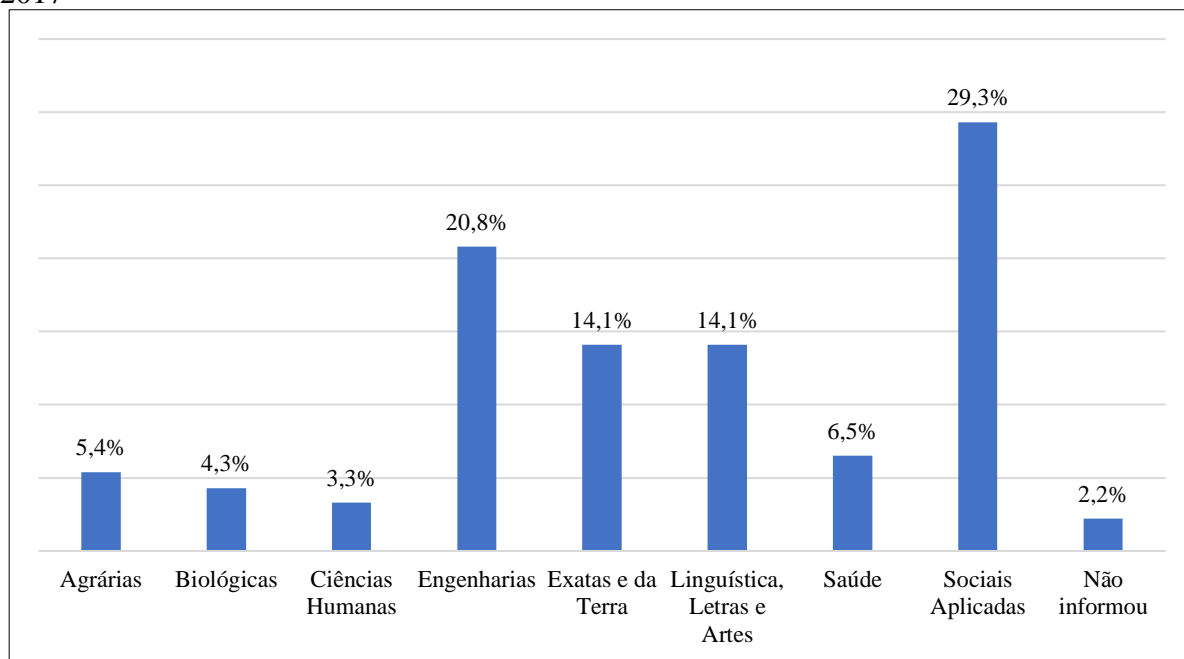
Ciências Econômicas	3	3,3%
Ciências da Computação	3	3,3%
Jornalismo	2	2,2%
Teatro (Artes Cênicas)	2	2,2%
Turismo	2	2,2%
Farmácia	2	2,2%
Engenharia Química	1	1,1%
Gestão Pública	1	1,1%
Sociologia	1	1,1%
Ciências Contábeis	1	1,1%
Publicidade e Propaganda	1	1,1%
Psicologia	1	1,1%
Química	1	1,1%
Pedagogia	1	1,1%
Odontologia	1	1,1%
Medicina	1	1,1%
Matemática	1	1,1%
Fisioterapia	1	1,1%
Física	1	1,1%
Engenharia Florestal	1	1,1%
Engenharia de Minas	1	1,1%
Direito	1	1,1%
Ciências Atuariais	1	1,1%
Não informou	2	2,2%
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

No que concerne ao curso frequentado pelos estudantes, verifica-se que ‘Letras’ é a área de graduação que prevalece em relação às demais. A predominância desse curso explica-se, dentre outros fatores, pela necessidade de aperfeiçoamento da proficiência linguística, que é uma habilidade inerente à própria carreira. Erlich (2012, p. 114) reporta que os estudantes das áreas linguísticas “geralmente são mais móveis do que outros” tendo em vista que eles têm “à sua disposição várias línguas estrangeiras além da língua materna, o que promove a mobilidade”. Utilizando dados da UNESCO, Coulon (2003) igualmente verificou uma maioria de estudantes de Letras dentre os estudantes estrangeiros na França nas décadas de 1980, 1990 e 2001.

Como se nota pela análise do gráfico 17 abaixo, as áreas das Humanidades, quais sejam, Sociais Aplicadas, Linguísticas, Letras e Arte, Saúde e Ciências Humanas formam uma maioria dentre as áreas do conhecimento. As Engenharias constituem a segunda área mais numerosa, com quase 21% do total.

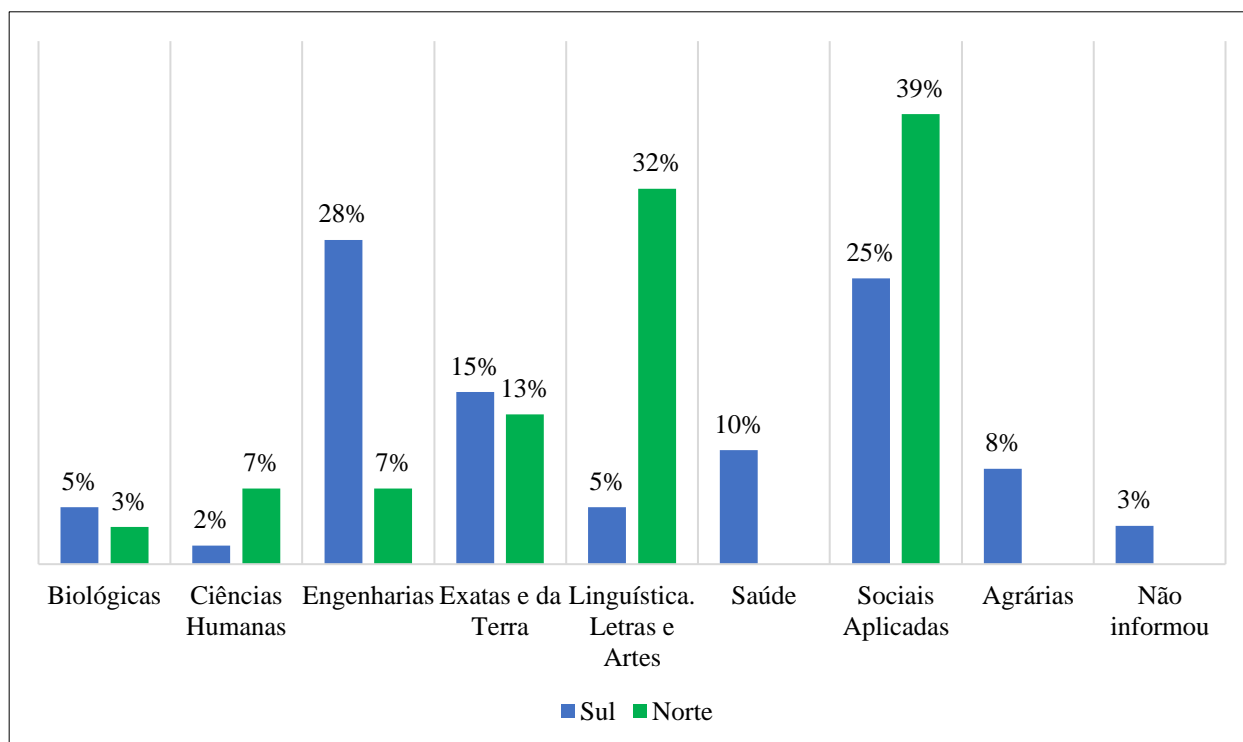
Gráfico 17 – Distribuição dos estudantes estrangeiros por áreas do conhecimento, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Pelo gráfico 17 abaixo, vê-se que as Engenharias concentram uma clara maioria de alunos vindos do Sul, enquanto que os estudantes do Norte são maioria nas áreas de Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes. A literatura tem demonstrado que os alunos vindos dos países do Sul buscam, em sua maioria, o aprimoramento das capacidades profissionais e um aumento das possibilidades de encontrar colocações mais prestigiadas e rentáveis no mercado de trabalho. As Engenharias seriam vistas por esses alunos como uma área promissora para a consecução desses objetivos. Já os estudantes vindos dos países do Norte reportam um interesse majoritariamente na exploração cultural e linguística durante a estadia no estrangeiro, daí a maior concentração desses alunos nos cursos de Letras e nas áreas das Ciências Humanas (EYEBIYI; MAZZELLA, 2014b; TERRIER, 2009).

Gráfico 18 – Cursos agrupados em áreas do conhecimento por países do Norte e Sul, UFMG – 2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

O capítulo quatro, a seguir, apresentará a exposição e a análise das motivações dos discentes estrangeiros para virem ao Brasil e à UFMG.

## **CAPÍTULO 4 – AS MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO PAÍS E DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

“Nós não conhecemos o verdadeiro sem [conhecer] a causa”.

(Aristóteles, *Metafísica*, LII, cap. 1)

Neste capítulo, iremos inquirir acerca das razões que levaram os estudantes a participar de um programa de mobilidade internacional. E o faremos instituindo três dimensões de análise. A primeira delas, refere-se aos motivos declarados pelos estudantes para a decisão de realizar estudos no exterior. A segunda diz respeito às motivações que levaram à escolha do país de destino, no caso desta pesquisa, o Brasil. E, por fim, a terceira concerne especificamente à escolha da Instituição de Ensino Superior, no caso, a UFMG.

Os resultados apresentados, neste capítulo, foram construídos a partir do diálogo entre os estudos científicos sobre os fatores que propulsionam a mobilidade internacional e os dados obtidos no curso da investigação. Esses dados foram coletados por duas fontes: questionário e entrevistas. A primeira fonte é constituída pelos questionários aplicados aos estudantes estrangeiros que estavam matriculados em cursos de graduação na UFMG no ano de 2017 (N=92). A segunda fonte é composta por oito entrevistas, realizadas entre junho e outubro de 2017. Os questionários continham um campo específico, no qual se convidavam os sujeitos a participar posteriormente de uma entrevista. Contudo, somente oito indivíduos (4 rapazes e 4 moças) aceitaram o convite. O quadro 4 abaixo fornece uma breve descrição dos entrevistados.

Quadro 4 – Descrição dos entrevistados

<b>Nome fictício</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>País de origem</b>	<b>Curso na UFMG</b>
Alain	Masculino	28	República Democrática do Congo	Farmácia
Amaya	Feminino	21	Colômbia	Engenharia Elétrica
Leah	Feminino	25	Alemanha	Relações Econômicas Internacionais
Louis	Masculino	22	França	Engenharia Ambiental
Martina	Feminino	22	Espanha	Psicologia
Rubén	Masculino	21	Paraguai	Contabilidade
Sofia	Feminino	21	Colômbia	Engenharia de Produção
Théo	Masculino	-	República Democrática do Congo	Engenharia Civil

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

No que respeita aos fatores e às estratégias que os sujeitos mobilizam na busca pela mobilidade internacional, é preciso considerar as atitudes, os valores, as ações e os modos de organização que são desenvolvidos por eles. Os estudos sociológicos sobre o tema apontam para diversos fatores que mobilizam um aluno a estudar em uma instituição de ensino superior num país estrangeiro.

Em seu breve estado da arte sobre a mobilidade discente internacional, Erlich (2012) destaca como principais fatores motivadores: (i) a oportunidade de obter qualificação acadêmica; (ii) a oportunidade de obter qualificação profissional e elevar a empregabilidade; (iii) a oportunidade de expandir as competências linguísticas e o domínio de idiomas, em particular, as línguas dominantes como a inglesa; (iv) o (re)conhecimento de culturas diferentes; (v) a busca pessoal de autonomia e independência do meio social e familiar; (vi) a oportunidade

de se beneficiar das condições do país de destino: a infraestrutura, o custo de vida, a qualidade de vida.

A investigação sociológica empreendida por Souto-Otero (2008)<sup>33</sup>, junto aos alunos estrangeiros do programa *Erasmus*, evidenciou duas dimensões para os componentes mobilizadores da mobilidade. A primeira dimensão diz respeito ao “investimento”, constatada na maioria dos estudantes de baixa renda e vindos de países menos desenvolvidos. Eles procuram melhorar suas condições de disputa por posições profissionais e querem que a experiência estudantil no exterior promova um retorno positivo no mercado de trabalho. Já o segundo grupo, formado por indivíduos com renda mais elevada, é composto por alunos com motivações do tipo “consumo”, isto é, eles veem a mobilidade no exterior como uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia e de características individuais.

Ao investigar alunos estrangeiros ainda no âmbito do programa *Erasmus*, Krupnik e Krzaklewska (2007) investigaram 12.000 estudantes estrangeiros e identificaram dois tipos principais de motivações. Para as autoras, os alunos se dividiriam entre os “orientados pela experiência”, que buscam explorar culturas diferentes, morar em países estrangeiros, desenvolver autonomia e divertir-se. E os estudantes “orientados pela carreira”, que buscariam aprimorar as possibilidades de conseguir melhores posições no mercado de trabalho.

Em direção similar, Ennafaa e Paivandi (2007a) chegaram a uma divisão igualmente binária entre as motivações dos 1.715 alunos estrangeiros investigados durante o período de estudos na França. O estudo demonstrou que os estudantes vindos dos países do Norte evidenciam os aspectos culturais como fatores motivacionais mais importantes em sua estadia estudantil no exterior, enquanto que a maioria dos estudantes dos países do Sul expressam o desejo de aquisição e aprimoramento de suas habilidades técnicas e científicas.

Na literatura sobre mobilidade internacional discente, é comum que se encontrem análises comparativas entre a relação da nacionalidade dos pesquisados com sua origem social e com os fatores que motivam a participação no intercâmbio (BALLATORE, 2007; ERLICH, 2012; SOUTO-OTERO, 2008). Esses estudos evidenciam que existe entre os estudantes um interesse maior pelos países do Norte e uma depreciação pelos países do Sul, que é reveladora de uma desigualdade simbólica entre as nações. Wagner (1998) descreve essa desigualdade nos fluxos entre os países culturalmente dominantes, a saber, aqueles com “um reconhecimento internacional do que é nacional”, daqueles que têm “um reconhecimento nacional do que é internacional”.

---

<sup>33</sup> Trata-se de um *survey* realizado no âmbito do programa *ERASMUS* nos anos de 2004 e 2005.

#### 4.1 Por que participar de um intercâmbio?

Tabela 31 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para participar de um intercâmbio, UFMG – 2017

	N	%
Conhecer culturas e pessoas de diferentes regiões do mundo	76	82,6% <sup>34</sup>
Melhorar minhas oportunidades de trabalho	66	71,7%
Desenvolver competências linguísticas	65	70,7%
Obter qualificação acadêmica	41	44,6%
Não informou	1	1,1%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

Com uma ampla maioria de 82,6% dos casos, a principal razão informada pelos sujeitos para fazer um intercâmbio envolve o desejo de descobrimento das diferentes formas de viver dos povos estrangeiros. Os estudos sobre mobilidade estudantil têm demonstrado que esses estudantes valorizam mais positivamente as experiências culturais que o valor acadêmico intrínseco ao período de estudo no exterior (TEICHLER, 2004). Numa pesquisa sobre as motivações de alunos estrangeiros de uma universidade em São Paulo, Lima e Silva (2013, p. 244) verificaram que o interesse dos sujeitos volta-se para as “características culturais do Brasil, como a amizade e as festividades, além de pensar no país como um local de clima agradável, onde há possibilidades distintas de diversão”.

Outras investigações conduzidas na área têm confirmado a importância atribuída pelos estudantes ao componente cultural da experiência no exterior. Um estudo efetuado por Alfranseder *et al.* (2011, p. 31)<sup>35</sup> revelou que as principais motivações dos respondentes eram “conhecer novas pessoas (92,6%), aprender sobre uma cultura diferente (92,4%) e se desenvolver como pessoa (92%)”. Os depoimentos a seguir exemplificam significativamente como a motivação para a mobilidade é interpretada pelo desejo de conhecer culturas diferentes, bem como acerca de outras motivações singulares. A título de exemplo, Amaya sublinha que o intercâmbio poderia ser uma oportunidade única em sua vida, e Sofia, além de salientar o interesse na descoberta de uma cultura diferente, menciona a experiência em mobilidade no exterior como fator mobilizador importante:

<sup>34</sup> O percentual total da tabela é diferente de 100%, porque os estudantes puderam escolher mais de uma alternativa como resposta. Por esse motivo, o percentual descrito em cada opção é proporcional ao total de respondentes ao questionário (N=92).

<sup>35</sup> Os autores realizaram em 2010 uma pesquisa com 8.444 alunos estrangeiros na Europa.

**Amaya:** (...) era uma oportunidade [de estudar no exterior] que eu nem vou voltar a ter. Então eu só queria aproveitar. E eu tinha muita curiosidade [de conhecer o Brasil]. (Amaya / Engenharia Elétrica / Colômbia)<sup>36</sup>

**Sofia:** Tem muitas [razões]... Para ter muita experiência (...) E acho que para conhecer a cultura, porque eu tinha muita curiosidade. (Sofia / Engenharia de Produção / Colômbia)

Sofia complementa a sua fala explicando que a motivação para fazer o intercâmbio veio igualmente do reconhecimento de que essa era uma oportunidade a não ser desprezada:

**Sofia:** Então se a universidade ofereceu isso para mim, eu precisava tomar essa oportunidade. É muito importante. (Sofia / Engenharia de Produção / Colômbia)

Ainda desse ponto de vista, Terrier (2009, p. 305) demonstrou em sua investigação sobre estudantes estrangeiros na Bretanha que “a razão para viagem de ordem turística concerne principalmente aos estudantes do Norte”. Esses alunos percebem a experiência em mobilidade do exterior como uma oportunidade de explorar culturas estrangeiras, em oposição aos estudantes majoritariamente provenientes do Sul, que veem na mobilidade uma oportunidade de melhorar suas habilidades acadêmicas e profissionais.

No que diz respeito às oportunidades de melhorar as condições de empregabilidade, nota-se que a opção foi citada como um motivo importante por 71,7% dos alunos. Para Krupnik e Krzaklewska (2007, p. 15), esses são os estudantes voltados para “orientação profissional”, que aspiram a melhorar suas “perspectivas futuras de emprego”. O relato de Sofia, aluna colombiana intercambista no curso de Engenharia de Produção na UFMG, evidencia como o aproveitamento da experiência da mobilidade, por meio do esforço e capitais investidos no intercâmbio, pode produzir retornos positivos no campo profissional. Ela explica que a estadia no Brasil pode favorecer suas possibilidades de conseguir emprego ou um estágio na volta ao seu país. Em suas palavras:

**Pesquisador:** Por que que você decidiu fazer intercâmbio?

**Sofia:** Porque quando você termina o seu curso, você vai [procurar] um trabalho, (...) você vai buscar dinheiro, não vai querer deixar de fazer isso. (...) [E] a prática, [ou] o estágio como vocês falam, é muito importante. Se eu [for] a qualquer emprego e eu falo “estive morando no Brasil cinco, seis meses”, isso tem peso”. (Sofia / Engenharia de Produção / Colômbia)

---

<sup>36</sup> Os nomes dos pesquisados são fictícios. Entre parênteses, informa-se o pseudônimo do entrevistado, seguido do nome do curso que frequentam na UFMG e do país de origem.

No caso da nossa pesquisa, nota-se por meio dos depoimentos que a experiência em mobilidade estudantil “parte da construção de caminhos de vida individualizados que não só valorizam as habilidades linguísticas e interculturais pessoais (...), mas também conseguem traduzir esses valores em carreiras mais bem sucedidas e criativas” (KING; RUIZ-GELICES, 2003, p. 246). Outros estudos têm evidenciado a importância da qualificação profissional como fator propulsor para a mobilidade discente. O relatório produzido pela *National Union of Students*<sup>37</sup> de Londres demonstrou que 76% citaram ‘desenvolver maior confiança’ como uma motivação importante, enquanto que 72% disseram que ‘melhorar perspectivas de emprego’ foi um fator significativo na decisão de estudar em uma instituição de ensino superior num país estrangeiro (NUS, 2010, p. 10).

No que concerne ao aprendizado de línguas, percebe-se que a opção aparece em segundo lugar como uma importante motivação para 70,7% do total de casos. Estudiosos do tema têm demonstrado que a aprendizagem de um idioma estrangeiro é um fator motivador bastante significativo, visto que o desenvolvimento da proficiência em idiomas estrangeiros funciona como uma “estratégia distintiva e promocional” (ENDRIZZI, 2010, p. 3).

No estudo realizado por Quintana *et al.*<sup>38</sup> (2009, p. 144), fica evidente o alto valor atribuído ao aprendizado de idiomas na decisão de partir ao exterior. Os autores verificaram que “no que diz respeito aos fatores determinantes [para a mobilidade], o peso do ‘conhecimento da língua’ é evidente, como apontam (...) 93% dos estrangeiros” que participaram do estudo. Ainda acerca do mesmo tema, ao investigar alunos *Erasmus* dentro do continente europeu, Ballatore e Blöss (2008, p. 71) verificaram que “se olharmos em particular para o que levou os estudantes *Erasmus* a optarem pelo programa de intercâmbio, descobrimos que aprender uma língua estrangeira é a principal razão dada” pelos estudantes estrangeiros.

Em referência à qualificação acadêmica, vemos que essa motivação foi classificada por 44,6% dos estudantes estrangeiros como um fator mobilizador relevante. O depoimento de Amaya, aluna colombiana do curso de Engenharia Elétrica na UFMG, evidencia a relevância do componente acadêmico como fator propulsor para a mobilidade no exterior, sobretudo, entre os estudantes provenientes dos países do Sul, como veremos mais adiante. Ela relata que cursou disciplinas acadêmicas na UFMG que não estavam disponíveis em sua universidade de origem:

---

<sup>37</sup> O estudo investigou estudantes britânicos que participaram ou estavam prestes a participar de uma experiência de estudo no exterior. Eles foram questionados sobre suas motivações de partida e o que esperavam ganhar com a experiência em mobilidade discente internacional.

<sup>38</sup> Os autores investigaram 588 estudantes estrangeiros em uma unidade acadêmica da Universidade de León, na Espanha, durante os anos 2008-2009

**Amaya:** Na UFMG, tem muitas boas [disciplinas] optativas. E tem outras aulas que em minha universidade não se tem. Eu olhei duas optativas que foram muito interessantes, e eu sinto que eu aprendi muito dessas duas. (Amaya / Engenharia Elétrica / Colômbia)

Em seguida, a tabela 32 apresenta as motivações para participar de um intercâmbio de acordo com a região geográfica de origem do estudante e revela as diferenças marcantes entre os grupos.

Tabela 32 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para participar de um intercâmbio por região geográfica de origem, UFMG – 2017

	Região de origem									
	África		América do Norte		América Latina e Caribe		Ásia		Europa	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Conhecer culturas e pessoas de diferentes regiões do mundo	9	52,9% <sup>39</sup>	3	100%	39	90,7%	1	100%	24	85,7%
Desenvolver competências linguísticas	7	41,2%	3	100%	31	72,1%	1	100%	23	82,1%
Melhorar minhas oportunidades de trabalho	14	82,4%	2	66,7%	33	76,7%	-	-	17	60,7%
Obter qualificação acadêmica	13	76,5%	2	66,7%	21	48,8%	-	-	5	17,9%
Não informou	1	5,9%	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Respondentes</b>	<b>17<sup>40</sup></b>	<b>-<sup>41</sup></b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>43</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>28</b>	<b>-</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

<sup>39</sup> A porcentagem descrita em cada caso é proporcional ao número total de respondentes para cada região geográfica de origem, conforme descrito na linha 'Respondentes'.

<sup>40</sup> O valor descrito refere-se ao número total de respondentes para cada região geográfica.

<sup>41</sup> O percentual total da tabela é diferente de 100%, porque os estudantes puderam escolher mais de uma alternativa como resposta.

Conforme se nota pela análise da tabela 32, conhecer culturas e pessoas de diferentes regiões do mundo é uma razão bastante significativa para os estudantes de quatro regiões geográficas, à exceção dos alunos africanos. Esse ímpeto exploratório por parte dos investigados é traduzido por estudiosos do assunto como uma busca pela independência e explica-se em parte (já que essa motivação não é, de modo algum, a única razão para partir ao estrangeiro) pela vontade de “adquirir uma certa autonomia em relação a seus pais” (GARNEAU, 2006, p. 181).

Nessa direção, a investigação conduzida pelo Conselho de Financiamento do Ensino Superior para a Inglaterra<sup>42</sup> evidenciou que as motivações alusivas à “maturidade e desenvolvimento pessoal” e à “compreensão de outra cultura/país/idioma” foram as mais mencionadas (HEFCE, 2004, p. 36). Comparados aos pais, esses jovens viajantes têm ainda poucas responsabilidades, o que torna a decisão de partir para o exterior mais propícia. O depoimento de Martina, aluna espanhola do curso de Psicologia na UFMG, demonstra essa relação da motivação de participar da mobilidade internacional com o desenvolvimento da autonomia. Segundo a entrevistada, o desejo de vivenciar a experiência como estudante estrangeira e a perspectiva de amadurecimento pessoal bem como a busca pessoal por maior liberdade se tornaram componentes motivacionais explícitos para a participar de um programa de mobilidade internacional. Sobre as razões que a impulsionaram para a mobilidade internacional, a aluna discorre:

**Pesquisador:** (...) Por que você decidiu fazer intercâmbio e não estudar na Barcelona?

**Martina:** A experiência mesmo. Eu sempre quis fazer [o intercâmbio] desde o Ensino Médio, eu já tinha pensado que isso era uma boa experiência, uma coisa para crescer, para amadurecer e para conhecer as pessoas mesmo. Para abrir a mente. Isso, para abrir a mente. (Martina / Psicologia / Espanha)

Na mesma perspectiva, Vossensteyn *et al.* (2010, p. 60)<sup>43</sup> demonstraram, em seu estudo, que “a razão mais importante para os alunos se interessarem pelo programa *Erasmus* diz respeito ao seu desenvolvimento pessoal”, como evidencia o depoimento de Amaya, aluna colombiana do curso de Engenharia Elétrica na UFMG:

---

<sup>42</sup> O relatório investigou alunos britânicos móveis internacionalmente durante o período de 1994 a 2003.

<sup>43</sup> Os autores conduziram um estudo sobre alunos *Erasmus* tendo por base uma pesquisa documental, seguida de aplicação de questionário e análise de estudo de caso.

**Pesquisador:** Quais são as diferenças, ou os aprendizados que você teve, comparando a sua chegada [com] o momento atual?

**Amaya:** A diferença... Acho que é mais pessoal, de aprender a ficar sozinha, fazer tudo sozinha, de aprender a falar com mais pessoas, a conviver, porque eu antes era um pouquinho mais fechada, mas agora eu tenho que tentar [...] falar mais, então acho que isso melhorou, para [que eu seja] um pouquinho mais sociável. [...] E acho que para não ter medo das coisas, para eu ir falando... [...] fazer o possível para sair e conhecer. Acho que é isso, mais que tudo, [para que me] fortaleça. (Amaya / Engenharia Elétrica / Colômbia)

No tocante ao desejo de aprimorar habilidades linguísticas, vê-se pela tabela 32 que foi um elemento motivador importante para 82,1% dos estudantes europeus participantes da pesquisa. De forma similar, todos os três alunos norte-americanos e um total de 90,7% dos estudantes latino-americanos e caribenhos que fazem parte do *corpus* do nosso estudo compartilham das mesmas motivações.

A literatura sobre mobilidade tem demonstrado que há uma forte concentração de fatores motivacionais em torno da aprendizagem de língua estrangeira, sucedida de perto pelo descobrimento da cultura local (ENNAFAA; PAIVANDI, 2007a; GOMES, 2002). De fato, os estudantes partem para o exterior não apenas por motivos acadêmicos, para complementar seus estudos na instituição anfitriã, mas “também para melhorar seus conhecimentos de línguas estrangeiras” e auferir lucros simbólicos pelo aprendizado dos idiomas (GONZÁLEZ *et al.*, 2011, p. 423). Essa é, por sua vez, uma motivação de “consumo”, que percebe a experiência em mobilidade internacional como uma possibilidade de aperfeiçoamento individual, ou seja, uma viagem de descobrimentos com uma finalidade em si, de refinamento de aspectos culturais e linguísticos e desenvolvimento da autonomia, longe da tutela da família (SOUTO-OTERO, 2008).

Relativamente ao aprimoramento das condições de empregabilidade, percebe-se que esse é um componente mobilizador significativo para 82,4% dos estudantes estrangeiros na UFMG provenientes da África. As investigações científicas sobre o tema têm demonstrado que a experiência profissional no exterior é fator frequentemente citado por estudantes provenientes dos países do Sul. Esses alunos buscam conseguir, em países estrangeiros, uma qualificação profissional que os coloque em uma posição relativamente superior na disputa por posições no mercado de trabalho em seus países de origem (AGULHON, 2009). O depoimento de Théo, estudante congolês, corrobora essa hipótese ao argumentar que decidiu participar da mobilidade quando percebeu que alunos retornados de suas experiências internacionais conseguiam

empregos melhores devido ao alto valor dado ao diploma brasileiro no mercado de diplomas de seu país:

**Théo:** Eu já fazia Engenharia Elétrica, quinto ano, no Congo. Percebi pessoas que faziam intercâmbio conseguir bons empregos, diplomas mais valorizados com o intercâmbio. (Théo / Engenharia Civil / R.D. do Congo)

Os estudos sobre mobilidade internacional evidenciam a importância atribuída pelos sujeitos referente aos aspectos profissionalizantes da experiência estudantil no exterior. Num relatório produzido em 2004 sobre mobilidade internacional, Hatakenaka (2004, p. 25) afirma que talvez haja uma motivação principal a influenciar o comportamento do indivíduo com respeito à educação superior internacional. Trata-se do “fato de que o ensino superior é cada vez mais visto como um caminho para o bom emprego” fazendo com que “as famílias em muitos países estejam dispostas a investir na educação de seus filhos”.

De forma similar, Terrier (2009, p. 383), ao investigar discentes internacionais na Bretanha, demonstrou que “os estudantes do Sul e os estudantes de países emergentes citaram mais frequentemente motivações acadêmicas e profissionais do que as outras categorias de estudantes”. Ennafaa e Paivandi (2007a), ao investigarem discentes internacionais que optaram pela França, reportaram que o alto valor atribuído ao diploma francês foi a terceira maior razão a motivar os alunos para participarem de uma experiência de mobilidade naquele país.

Já Souto-Otero (2008, p. 146) interpreta esse tipo de elemento mobilizador como sendo uma forma de “investimento”, que redundaria em um aumento da competitividade e das possibilidades de melhores colocações no mercado de trabalho. O autor explica que se trata de uma motivação muito comum no caso de “pessoas menos favorecidas de países mais pobres, que podem investir em um período de estudo no exterior para conseguir emprego”, como é o caso do próprio Brasil, cujos estudantes se dirigem, principalmente, para países do Norte desenvolvido em busca da melhoria de suas condições de empregabilidade (UNESCO: UIS, 2016).

## 4.2 A escolha pelo Brasil

Tabela 33 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para vir ao Brasil, UFMG – 2017

	N	%
Aprender e aprimorar a língua portuguesa	57	62,0% <sup>44</sup>
Conhecer aspectos da cultura brasileira (futebol, carnaval, religião etc.)	52	56,5%
As universidades brasileiras são respeitadas em meu país de origem	38	41,3%
A cultura e os costumes brasileiros são parecidos com os do meu país de origem	23	25,0%
Trabalhar no Brasil após o término do programa de intercâmbio	20	21,7%
O curso que desejo fazer não existe em meu país de origem	12	13,0%
Conheço outras pessoas de mesma nacionalidade no Brasil	11	12,0%
O Brasil é próximo geograficamente do meu país de origem	11	12,0%
O custo de vida no Brasil é menor que em meu país de origem	9	9,8%
Tenho familiares no Brasil	5	5,4%
Não informou	4	4,3%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

A motivação mais frequente para escolher o Brasil como destino da mobilidade internacional, mencionada por 62% dos sujeitos, foi a aprendizagem e o aperfeiçoamento da língua portuguesa. Como demonstrado anteriormente, várias investigações têm confirmado a existência de uma percepção de que o melhor aprendizado de uma determinada língua se dá em contexto nativo. Nesse sentido, é compreensível a importância dada pelos estudantes a esse fator, principalmente, considerando que o Brasil é hoje o país com mais falantes da língua portuguesa, podendo ser, por esse motivo, um destino preferencial para aqueles que pretendem se aperfeiçoar na língua (BRASIL, 2012). Além disso, os sujeitos que fazem parte do *corpus* da nossa pesquisa demonstraram uma clara compreensão de que a melhoria da proficiência em língua portuguesa era necessária para “superar os obstáculos de comunicação e facilitar a interação” com professores, colegas e pessoas dentro e fora do âmbito acadêmico (BROWN; AKTAS, 2011, p. 347).

O alto valor atribuído à aprendizagem de idiomas no contexto de mobilidade discente foi igualmente evidenciado num estudo realizado por Murphy-Lejeune (2003). Os estudantes móveis inquiridos pela autora reconhecem que o idioma é a chave que abre as portas para os

<sup>44</sup> O percentual total da tabela é diferente de 100% porque os estudantes puderam escolher mais de uma alternativa como resposta. O percentual descrito em cada opção é proporcional ao total de respondentes ao questionário (N=92).

relacionamentos com os nativos e que “aqueles que não têm os meios linguísticos necessários serão deixados de lado” (MURPHY-LEJEUNE, 2003, p. 85). De fato, a língua usada no ensino é um dos “principais fatores que determinam a escolha do país de acolhimento” (OECD, 2009, p. 336) , como se pode constatar pelo depoimento de Louis, aluno francês:

**Pesquisador:** Por que você escolheu o Brasil?

**Louis:** (...) basicamente para aprender o português, para descobrir a cultura do país... (Louis / Engenharia Ambiental / França)

No que respeita ao desejo de explorar a cultura brasileira, percebe-se que essa motivação foi citada por 56,5% dos estudantes. Em seu estudo sobre alunos estrangeiros na França, Ennafaa e Paivandi (2007b, p. 3) demonstraram que os investigados destacam “a dimensão cultural de sua jornada educacional” como um fator motivacional, significativo para se estudar no estrangeiro. Para esses estudantes, o fato de estar em outro continente, de se mudar para um lugar distante e diferente, um lugar com uma cultura e um povo diversos dos seus, torna-se um elemento motivador, de interesse “tanto pelos aspectos divergentes de sua cultura, quanto pela possibilidade de vivenciar a experiência da mobilidade dentro de um contexto distinto” (Silva *et al.*, 2013, p. 244). Podemos compreender tal relação, ainda com o depoimento de Louis:

**Pesquisador:** O que motivou você a vir para o Brasil, entre esses dois?

**Louis:** Acho que para sair da Europa, porque acho que o fato que os dois países [França e Portugal] são no mesmo continente...

**Pesquisador:** Mesmo continente.

**Louis:** A cultura pode ser diferente, mas [Portugal] parece também um pouquinho [com a França]... (Louis / Engenharia Ambiental / França)

A tabela 34 apresenta as motivações para vir ao Brasil de acordo com a região geográfica de origem do estudante:

Tabela 34 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para vir ao Brasil por região geográfica de origem, UFMG – 2017

	Região de origem									
	África		América do Norte		América Latina e Caribe		Ásia		Europa	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Aprender e aprimorar a língua portuguesa	2	11,8% <sup>45</sup>	3	100%	28	65,1%	1	100%	23	82,1%
Conhecer aspectos da cultura brasileira (futebol, carnaval, religião etc.)	4	23,5%	2	66,7%	24	55,8%	-	-	22	78,6%
As universidades brasileiras são respeitadas em meu país de origem	7	41,2%	-	-	30	69,8%	-	-	1	3,6%
A cultura e os costumes brasileiros são parecidos com os do meu país de origem	6	35,3%	-	-	11	25,6%	-	-	6	21,4%
Trabalhar no Brasil após o término do programa de intercâmbio	4	23,5%	1	33,3%	11	25,6%	-	-	4	14,3%
O curso que desejo fazer não existe em meu país de origem	8	47,1%	2	66,7%	2	4,7%	-	-	-	-
Conheço outras pessoas de mesma nacionalidade no Brasil	4	23,5%	1	33,3%	5	11,6%	-	-	1	3,6%
O Brasil é próximo geograficamente do meu país de origem	2	11,8%	-	-	9	20,9%	-	-	-	-
O custo de vida no Brasil é menor que em meu país de origem	1	5,9%	1	33,3%	2	4,7%	-	-	5	17,9%
Tenho familiares no Brasil	3	17,6%	1	33,3%	1	2,3%	-	-	-	-
Não informou	3	17,6%	-	-	-	-	-	-	1	3,6%
<b>Respondentes</b>	<b>17<sup>46</sup></b>	<b>-<sup>47</sup></b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>43</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>28</b>	<b>-</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários

<sup>45</sup> A porcentagem descrita, em cada caso, é proporcional ao número total de respondentes para cada região geográfica de origem, conforme descrito na linha 'Respondentes'.

<sup>46</sup> O valor descrito refere-se ao número total de respondentes para cada região geográfica.

<sup>47</sup> O percentual total da tabela é diferente de 100%, porque os estudantes puderam escolher mais de uma alternativa como resposta.

Aprender e melhorar as habilidades linguísticas em português foi o fator motivador mais significativo para os alunos europeus: 82,1% apontaram essa como a razão principal. Silva (2013, p. 99) observou em seu estudo, com estudantes estrangeiros em São Paulo e Belo Horizonte, que o aprendizado do idioma estrangeiro “está associado ao diferencial no currículo” e promove uma distinção positiva em relação aos seus pares não-móveis. De forma similar, um estudo conduzido por Budke (2008, p. 48) com alunos *Erasmus* na Alemanha evidenciou o papel central que o aprendizado de um idioma em contexto nativo tem para os estudantes. Os pesquisados pela autora disseram que uma das “principais razões para partir para um país estrangeiro é melhorar o seu nível de língua”. Em direção congruente, o relatório *Youth on the Move*<sup>48</sup> demonstrou que, para 6 em 10 (57%) dos entrevistados, melhorar as habilidades em língua estrangeira foi a maior ou a segunda principal razão para a participação em mobilidade no exterior (GALLUP, 2011).

Tomando em consideração o respeito angariado pelas instituições brasileiras nos países de origem dos estudantes, vê-se que essa foi uma motivação citada principalmente pelos alunos latino-americanos e caribenhos (69,8%) e pelos africanos (41,2%). O trabalho investigativo dirigido por Ballatore e Blöss (2008, p. 71) demonstrou que, dentre os estudantes *Erasmus* investigados, além do desejo declarado de “viver no exterior por um período suficientemente longo”, existem estratégias distintivas e promocionais. A imagem de “grandeza e prestígio”, associada a universidades estrangeiras, representa, a esse respeito, um dos fatores motivadores considerados significativos pelos estudantes.

Nesse sentido, no depoimento de Rubén, um aluno paraguaio, que faz parte do *corpus* da nossa pesquisa, percebemos claramente a sua motivação diretamente relacionada ao prestígio associado à instituição estrangeira e as boas possibilidades em relação ao crescimento profissional e acadêmico. Para esse estudante, a “experiência de mobilidade acadêmica no Brasil se constitui em um diferencial no currículo” (SILVA, 2013, p. 98):

**Pesquisador:** Por que você decidiu fazer esse intercâmbio aqui no Brasil, (...) quais são as razões, pessoais, profissionais, acadêmicas?

**Rubén:** (...) [vim] mais pelo profissional e acadêmico, [o] Brasil comparado com Paraguai [tem] um nível muito alto, é um dos países melhores, se nota a diferença, a educação... (Rubén / Contabilidade / Paraguai)

---

<sup>48</sup> O relatório foi produzido a pedido da Comissão Europeia e investigou, em 2011, 30.312 sujeitos de 27 países membros da União Europeia.

Para 33,3% dos alunos da América do Norte e para 23,5% dos africanos, conhecer outras pessoas que já tenham experiência internacional, notadamente os conterrâneos, é um fator importante. Sabe-se que conhecer pessoas próximas, sobretudo, membros da família, que já tenham tido experiências internacionais é um fator propulsor para a mobilidade bastante significativo (GOMES, 2002). As “experiências prévias de mobilidade”, isto é, o conjunto de experiências pregressas de viagens ao exterior ou de contato com indivíduos estrangeiros ou ainda com sujeitos nacionais que tiveram experiências internacionais, compõem o chamado “capital de mobilidade”, descrito por Murphy-Lejeune (2003). O relato de Alain demonstra como as experiências prévias do irmão formaram um componente motivador importante para sua vinda ao Brasil:

**Alain:** Eu não pensava realmente (...) em sair [do meu país]. Foi aí que meu irmão veio, começou a contar a experiência dele e tal, e acabou de uma certa forma me induzindo. (Alain / Farmácia / R.D. do Congo)

Na mesma perspectiva, Martina relata ter sido motivada a vir para a América Latina ao tomar conhecimento das experiências prévias de outras pessoas que já haviam participado de mobilidade discente no continente. Ela destaca inclusive o aspecto acolhedor do continente e da espírito mais coletivo dos latino-americanos:

**Pesquisador:** E por que América Latina?

**Martina:** (...) outras pessoas fizeram [intercâmbio] na América Latina e pensaram muito bem [da experiência], essa coisa acolhedora das pessoas... mais coletivo, não tanto individualista... Eu não queria ir para a Europa ou Estados Unidos. Aqui é forte (...) essa mentalidade mais coletiva, não tão individualista quanto na Europa. (Martina / Psicologia / Espanha)

As socializações advindas da experiência em mobilidade internacional influenciaram substancialmente as motivações dos sujeitos nos casos citados. Como colocam Maiworm e Teichler (1996, p. vii), “o impacto de um período de estudo no exterior pode se estender muito além do ano acadêmico em que ocorre e pode afetar muito mais vidas do que apenas aquelas diretamente envolvidas”. Nessa mesma linha, Filgueira<sup>49</sup> (2014, p. 116) notou que “relatos de experiências seja de familiares ou mesmo de pessoas conhecidas (...) se apresentam como influência na escolha [da] respectiva universidade e localidade onde está situada”.

---

<sup>49</sup> A autora pesquisou alunos africanos vindos de Cabo Verde e de Guiné-Bissau integrantes do Programa Estudantes-Convênio de Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

### 4.3 A escolha pela UFMG

Tabela 35 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para a mobilidade na UFMG, UFMG – 2017

	N	%
Há um acordo ou convênio de intercâmbio entre a UFMG e minha universidade de origem	59	64,1% <sup>50</sup>
A UFMG está bem classificada nos rankings de universidades	48	52,2%
A UFMG é muito reputada na minha área de estudos	38	41,3%
A UFMG é uma instituição respeitada em meu país de origem	27	29,3%
Conheço outras pessoas de minha nacionalidade na UFMG	9	9,8%
Conheço outros alunos que estudam na UFMG	6	6,5%
As aulas são ministradas em idioma que conheço	3	3,3%
Não informou	6	6,5%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

A razão mais significativa (64,1%) apontada pelos respondentes para elegerem a UFMG como universidade de destino é a existência de um convênio ou acordo entre as duas instituições envolvidas. O apoio institucional, traduzido na gratuidade do ensino e na concessão de auxílios administrativos, financeiros e de manutenção, é visto pelos usuários como algo importante, um componente motivador decisivo na escolha da universidade de destino. Para Silva *et al.* (2013, p. 245), “o convênio pode facilitar a decisão do estudante que decide participar de um programa de mobilidade, pela aproximação e pelo conhecimento existentes, principalmente em relação a aspectos burocráticos ou financeiros relacionados ao programa”.

Alain conta que escolheu a UFMG ao verificar, nas regras do programa de convênio, que o ensino na universidade era gratuito. Ou seja, sem ter que arcar com os custos de mensalidades e taxas, ele teria sobra financeira para se sustentar, pagar aluguel, alimentação etc. Similarmente, Théo coloca a gratuidade do ensino como condição vital:

**Alain:** Vi pelo programa que eu não precisava pagar para estudar. Eu diria que a primeira razão foi estudar numa universidade de graça, conhecida

<sup>50</sup> O percentual total da tabela é diferente de 100%, pois os estudantes puderam escolher mais de uma alternativa como resposta. O percentual descrito em cada opção é proporcional ao total de respondentes ao questionário (N=92).

internacionalmente, já me dava todas as razões pra mim vir aqui. Claro, que eu falava francês, podia ir pra França. Mas na França eu teria que pagar a escola. (Alain / Farmácia / R.D. do Congo)

**Théo:** Brasil não estava nos planos [de estudos no exterior], o plano original era ir para Canadá, em Quebec. Gosto do Canadá, além de preferir a língua falada no Quebec, que é o francês. Meus pais me convenceram a vir ao Brasil. O ensino superior no Brasil é gratuito enquanto que no Canadá é pago. A decisão pelo Brasil foi pelos custos, pela gratuidade do ensino. (Théo / Engenharia Civil / R.D. do Congo)

Com relação ao fato de que a UFMG possui boas classificações em rankings de universidades, depreende-se que esse foi o segundo motivo mais reportado, somando 52,2% do total. Os estudos sobre mobilidade internacional têm evidenciado que “os estudantes que procuram o ensino superior transfronteiriço em geral saem de países onde o sistema educacional é menos desenvolvido para países onde as universidades são mais desenvolvidas” (VARGHESE, 2008, p. 23)<sup>51</sup>. Percebe-se que os discentes demonstraram ter certo “senso claro de uma hierarquia global de universidades” (FINDLAY; KING, 2010, p. 28), como sublinha Alain, aluno congolês que cursava Medicina no seu país de origem:

**Alain:** Pesquisando, acabei vendo que... eu acho que na época era a segunda melhor universidade do país, depois da USP. Eu acho que tem esse motivo também. (...) É..., “estou indo pra uma das melhores universidades do Brasil”. Quando eu vi o ranking internacional também a UFMG tava lá. (...) as universidades brasileiras são mais cotadas, internacionalmente falando. Hoje se a gente for olhar para alguns rankings mundiais, a gente consegue achar as universidades brasileiras. (...) Eu tava na melhor universidade do meu país, a Universidade Kinshasa na capital Kinshasa. Eu fazia o curso de Medicina lá, mas quando tive essa oportunidade de fazer o curso de Farmácia [no Brasil], eu de uma certa forma não pensei duas vezes, digamos assim. (Alain / Farmácia / R.D. do Congo)

No que diz respeito a assim considerada alta qualidade acadêmica da UFMG em certas áreas específicas de estudo, verifica-se que essa foi a terceira razão mais citada pelos estudantes (41,3%). O depoimento de Amaya, aluna colombiana do curso de Engenharia Elétrica na UFMG, evidencia a importância, para ela, da qualidade acadêmica em sua área de ensino ao explicar as razões que a levaram a vir para a UFMG:

---

<sup>51</sup> O autor realizou um survey com 560 estudantes do Reino Unido que estudavam em universidades estrangeiras, além de aplicar questionários e entrevistas em profundidade com estudantes de 16 instituições em 6 países diferentes. Realizou ainda uma pesquisa por questionário eletrônico com estudantes de graduação do Reino Unido em mobilidade nos EUA, Austrália e Alemanha.

**Amaya:** (...) na Colômbia é muito conhecida a universidade aqui [de] Engenharia. Se escuta que é muito boa, então também por isso. (Amaya / Engenharia Elétrica / Colômbia)

Outra razão importante apontada por Alain são as possibilidades abertas no campo acadêmico, em termos de participação em atividades de iniciação científica, pouco comuns em seu país:

**Alain:** [no Congo] não tem tantas pesquisas. Aqui eu tenho aproveitado bastante as pesquisas. Eu tenho participado bastante de iniciações científicas, monitorias, estágios e tal. Isso são possibilidades... Aqui, por exemplo, eu tive possibilidade de fazer estágios [também]. (Alain / Farmácia / R.D. do Congo)

A tabela 36 apresenta as motivações para vir à UFMG de acordo com a região geográfica de origem do estudante:

Tabela 36 – Distribuição dos estudantes estrangeiros de acordo com a motivação para a mobilidade na UFMG por região geográfica de origem, UFMG – Í2017

	Região de origem									
	África		América do Norte		América Latina e Caribe		Ásia		Europa	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Há um acordo ou convênio de intercâmbio entre a UFMG e minha universidade de origem	3	17,6% <sup>52</sup>	3	100%	29	67,4%	1	100%	23	82,1%
A UFMG está bem classificada nos rankings de universidades	9	52,9%	-	-	24	55,8%	1	100%	14	50%
A UFMG é muito reputada na minha área de estudos	8	47,1%	-	-	22	51,2%	-	-	8	28,6%
A UFMG é uma instituição respeitada em meu país de origem	7	41,2%	1	33,3%	14	32,6%	-	-	5	17,9%
O diploma emitido pela UFMG é reconhecido em meu país de origem	7	41,2%	1	33,3%	2	4,7%	-	-	3	10,7%
Conheço outras pessoas de minha nacionalidade na UFMG	3	17,6%	-	-	4	9,3%	-	-	2	7,1%
Conheço outros alunos que estudam na UFMG	2	11,8%	1	33,3%	3	7,0%	-	-	-	-
As aulas são ministradas em idioma que conheço	1	5,9%	-	-	1	2,3%	-	-	1	3,6%
Não informou	2	11,8%	-	-	2	4,7%	-	-	2	7,1%
<b>Respondentes</b>	<b>17<sup>53</sup></b>	<b>-<sup>54</sup></b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>43</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>28</b>	<b>-</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados extraídos dos questionários.

<sup>52</sup> A porcentagem descrita em cada caso é proporcional ao número total de respondentes para cada região geográfica de origem, conforme descrito na linha 'Respondentes'.

<sup>53</sup> O valor descrito refere-se ao número total de respondentes para cada região geográfica.

<sup>54</sup> O percentual total da tabela é diferente de 100%, porque os estudantes puderam escolher mais de uma alternativa como resposta.

A existência de acordo ou convênio entre a UFMG e instituições estrangeiras foi uma razão mobilizadora significativa para 82,1% do total dos investigados do continente europeu. Nessa mesma linha, todos os alunos norte-americanos e o estudante asiático participante da pesquisa também informaram a mesma razão. O fato de haver uma orientação institucional para realizar o intercâmbio foi apontada por Martina como um motivador vital na escolha da universidade de destino. Para ela, a indicação da professora em sua universidade de origem foi essencial:

**Martina:** Foi uma professora [da universidade de origem] que me falou que aqui a Psicologia social era boa. Então foi isso.

(...)

**Pesquisador:** Então você estava entre a Universidade de Santa Catarina e UFMG. Porque que você escolheu a UFMG?

**Martina:** [foi] isso que eu falei, que a professora recomendou. Aí eu não pensei muito mais. (Martina / Psicologia / Espanha)

No que concerne à qualidade de ensino em uma área específica da UFMG, percebe-se que essa razão foi reportada por parte significativa dos africanos (47,1%) e dos estudantes latino-americanos e caribenhos (51,2%). Apenas 28,6% dos alunos europeus marcaram essa opção. Os estudos no campo da mobilidade internacional demonstram que a “qualidade da formação, a reputação dos diplomas estrangeiros e da universidade” são componentes motivacionais frequentemente reportados pelos estudantes estrangeiros (AGENET, 2009, p. 246), como evidencia o depoimento de Rubén, aluno paraguaio do curso de contabilidade, ao comentar a qualidade da UFMG:

**Rubén:** O nível acadêmico de conhecimento, eu noto muito a diferença (...) lá onde eu estudo [no Paraguai], não tem Wifi, computador tem muito pouco. Aqui todo o tempo [os computadores] estão atualizados, o sistema mesmo é muito bom. (Rubén / Contabilidade / Paraguai)

No mesmo sentido, a aluna alemã Leah afirma que um dos fatores motivacionais significativos para ela foi a busca pelo conhecimento acadêmico específico produzido pela UFMG principalmente no contexto latino-americano:

**Leah:** (...) primeiro eu achei que ia fazer a Engenharia Elétrica, porque faço mais Engenharia Elétrica. Mas depois eu encontrei (...) a faculdade de Economia aqui, e que oferece aulas muito interessantes, porque em

Engenharia Elétrica quase tudo é o mesmo que temos na Alemanha. Mas aqui oferecem muito, não sei, sobre os sistemas econômicos alternativos, sobre a História latino-americana econômica, e todas essas coisas que não temos lá. Então eu acho mais interessante, porque eu não vou de intercâmbio só para fazer coisas que também posso fazer na Alemanha. (Leah / Relações Econômicas Internacionais / Alemanha)

Para Théo, a UFMG tem comparativamente mais exigência acadêmica, o que foi um dos motivos para que ele buscasse sua formação aqui:

**Théo:** A UFMG tem, como eu expliquei, uma exigência acadêmica bem maior, porque não aprova alunos por média ponderada de disciplinas<sup>55</sup>. (Théo / Engenharia Civil / R.D. do Congo)

Em referência ao fato de o diploma ser reconhecido nos países de origem, nota-se que é uma motivação significativa para 41,2% dos estudantes vindos da África. Ao investigar estudantes estrangeiros na França, Agulhon e Brito (2009, p. 208) demonstraram que “a qualidade do diploma e do ensino superior” são fatores mobilizadores que incentivam os estudantes a partirem em busca de uma mobilidade ascendente em seus países de origem por meio da educação superior ofertada por países estrangeiros mais prestigiados. De fato, “[foi] a percepção do valor do diploma estrangeiro que determinou a saída [dos investigados]: o valor agregado no mercado de trabalho e a compensação financeira” resultantes da experiência em mobilidade.

O depoimento de Alain, estudante congolês, evidencia a dimensão do valor do diploma como algo que guia e orienta a escolha da universidade de destino. Ele explica que o diploma brasileiro tem mais valor em seu país de origem, comparado com o valor atribuído ao mesmo documento dentro do Brasil:

**Alain:** (...) com meu diploma, se eu voltar para meu país agora, com certeza vou conseguir um emprego mais rápido, muito mais rápido do que eu conseguiria aqui.

**Pesquisador:** Com o diploma brasileiro.

**Alain:** É, porque esse diploma tem muito mais valor (...) lá do que aqui. (Alain / Farmácia / R.D. do Congo)

---

<sup>55</sup> Em sua entrevista, Théo explica que em seu país, a República Democrática do Congo, pratica-se o sistema de aprovação de disciplinas por média ponderada. Assim, é possível ser reprovado em uma disciplina por auferir pontuação inferior à média, e ser aprovado por haver obtido nota muito alta em outra. A soma de todas as notas dividida pela quantidade total de disciplinas cursadas gera a média ponderada. Caso a média ponderada seja superior a 5 pontos, o aluno é aprovado em todas as disciplinas. Pode-se, dessa forma, aprovar alunos que tiveram mau desempenho.

O relato de Alain revela “uma estratégia de investimento numa trajetória escolar de maior reconhecimento internacional do que aquela a que teria acesso nos [países de origem]”. Para ele, essa estratégia permitirá “melhorar a condição socioeconômica futura, através de oportunidades profissionais mais diversificadas” (ALVES, 2013, p. 39). Ele complementa explicando que o reconhecimento do diploma da UFMG em outros países também foi um fator mobilizador importante:

**Alain:** Eu já olhei outros cursos por fora, por exemplo, Canadá, Estados Unidos, França e tal, [e] o diploma brasileiro é reconhecido [nesses países]. (...) [meu irmão] me falou que o sistema educacional público do Brasil é muito melhor do que o nosso, o reconhecimento internacional das escolas brasileiras. Hoje, por exemplo, eu tenho o diploma aqui da UFMG, no curso de Farmácia, considerado o melhor do Brasil por dois anos seguidos... (...) Então é isso, o reconhecimento internacional, hoje eu sei que com meu diploma eu posso trabalhar tanto no meu país quanto em outros países. Coisa que meu diploma lá no meu país não me daria. (...) queria me formar numa universidade que tenha um nome. Que seja conhecida, um diploma que me dê um certo valor no mercado. Eu acho que eu consegui atingir meu objetivo. (Alain / Farmácia / R.D. do Congo)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O jogo da ciência é, em princípio, sem fim. Aquele que decide um dia que enunciados científicos não exigem outros testes, e que eles podem ser considerados como finalmente verificados, retira-se do jogo”.

(Karl Raimund Popper)

Ao longo desta investigação, buscou-se examinar o perfil social e acadêmico dos estudantes estrangeiros em nível de graduação presentes na UFMG no ano de 2017. Indagou-se ainda sobre os fatores que mobilizaram esses estudantes a eleger o Brasil e a UFMG como destino de sua estadia no exterior. Assim, a investigação teve, por fio condutor, questionamentos que inquiriram sobre o perfil dessa população pouco investigada: qual é o perfil demográfico, social, cultural e acadêmico dos estudantes estrangeiros atualmente matriculados na UFMG em nível de graduação? Quais são as condições de sua estadia (duração, financiamento etc.)? Quais são os fatores que os motivaram a selecionar o Brasil e, mais precisamente, a UFMG como destinos de sua estadia?

De forma a produzir respostas a esses questionamentos, buscou-se definir o tipo de estudante sobre o qual repousaria nosso olhar científico. Com o amparo da teoria sociológica sobre mobilidade, passamos a população a ser inquirida por filtros graduais que nos levaram à decisão de ignorar os alunos “migrantes”<sup>56</sup> para focalizar apenas nos alunos “móveis”<sup>57</sup> (ERLICH, 2012). Por outro lado, decidiu-se não investigar os alunos estrangeiros em mobilidade “espontânea”<sup>58</sup>, o que nos permitiu focalizar apenas nos estudantes participantes da mobilidade dita “institucionalizada”<sup>59</sup> (BALLATORE; BLÖSS, 2008). O debate sobre o fenômeno da internacionalização do ensino superior demonstrou ainda que se trata de uma realidade já observada desde a Idade Média, com a *peregrinatio academica* que tem em Erasmo de Roterdã sua figura emblemática, que dá, aliás, nome ao maior programa de mobilidade universitária em nível mundial na contemporaneidade.

No que concerne ao perfil dos estudantes estrangeiros investigados, verificou-se que uma pequena maioria dos discentes estrangeiros da UFMG (56,5%) é composta por alunos do

---

<sup>56</sup> Estudantes estrangeiros que procuram a formação acadêmica no exterior com o intento de estabelecer residência fixa no país escolhido.

<sup>57</sup> Estudantes estrangeiros que retornam a seus países de origem ao final da estadia no exterior.

<sup>58</sup> Estudantes que se matriculam em instituições de ensino superior fora de seu país de origem, sem o apoio de acordos intergovernamentais nem suporte institucional e/ou financeiro.

<sup>59</sup> Tipo de mobilidade que se baseia em um apoio institucional provido por meio de convênios e/ou acordos internacionais firmados pelas instituições universitárias.

sexo masculino. Esse fenômeno pode ser resultado da vinda majoritária de alunos de países menos desenvolvidos (países do Sul), pois, como demonstrado no capítulo três, outros estudos nacionais sobre estudantes estrangeiros evidenciaram que o grupo de estudantes vindos desses países é predominantemente composto por homens. A idade dos pesquisados se concentrou predominantemente entre 21 e 24 anos. Verificou-se ainda que a maioria desses estudantes é branca, proficiente em língua inglesa e tem pais com nível superior de escolaridade, características típicas de favorecimento social. Eles estão ainda concentrados no mais alto grau de renda da nossa pesquisa, o que explica o fato de que não precisam compatibilizar os estudos com o exercício de atividades remuneradas. Quando o fazem, recebem subsídios provenientes de bolsas e do exercício de atividades acadêmicas, que mais tarde podem se converter em trunfos para a inserção na pós-graduação.

Quanto à região geográfica de origem, constatou-se que a maior parte dos estudantes investigados se origina dos continentes da África e da América Latina/Caribe. Em referência às áreas de conhecimento, verificou-se uma concentração dos estudantes estrangeiros na área de Ciências Sociais Aplicadas, seguida respectivamente das áreas de Engenharia, Exatas e da Terra e Linguística, Letras e Artes. Há uma prevalência feminina nas Ciências Humanas, Letras, Artes e Sociais Aplicadas e uma maior parte de homens nas Engenharias e Exatas, áreas tipicamente masculinas. A situação de favorecimento social dessa população revela-se ainda pelo “capital de mobilidade” por ela acumulado: quase 40% dos alunos já haviam visitado algum país estrangeiro antes da vinda ao Brasil, e cerca de um quinto fizeram-no em três países estrangeiros antes da chegada ao nosso país.

A investigação revelou ainda uma hierarquização simbólica que opôs dois grupos de indivíduos investigados: de um lado, os estudantes que vinham do Norte desenvolvido e, do outro, os que provinham de países do Sul, menos desenvolvidos. Wagner (1998) explicou essa diferenciação entre os polos receptores e remetentes como uma relação de dominação – econômica e cultural – entre os países, que opõem os países ditos do Norte, nos quais sobressai o “reconhecimento internacional do nacional”<sup>60</sup> àqueles em que prepondera o “reconhecimento nacional do internacional”<sup>61</sup>, concentrados majoritariamente na parte Sul do planeta. Essa distinção proposta pela autora se mostrou vital para a análise das motivações de partida dos estudantes estrangeiros.

---

<sup>60</sup> Grau de reconhecimento que cada país recebe do conjunto dos países estrangeiros.

<sup>61</sup> Grau de reconhecimento que cada país atribui à esfera internacional.

No tocante às motivações para participar de um intercâmbio internacional, ficou demonstrado que os estudantes oriundos dos países do Norte valorizam menos o caráter instrumental<sup>62</sup> da mobilidade, e mais os aspectos identitários<sup>63</sup> (RAMOS, 2009). Considerando que esses estudantes têm, em seus países de origem, oportunidades de estudo em sistemas de ensino altamente qualificados, é compreensível que eles tenham apontado o desejo de descoberta de novas culturas (no sentido antropológico do termo) como um fator mobilizador importante. Motivação diversa fica evidente no outro polo, ou seja, o dos discentes vindos de países menos desenvolvidos. Esses últimos enxergam a estadia estudantil no exterior como uma chance de verem aprimoradas suas capacidades acadêmicas e profissionais, expressando com frequência o propósito de elevar suas condições de empregabilidade por meio da aquisição de capitais decorrentes da experiência acadêmica no exterior.

Com relação aos fatores mobilizadores da vinda ao Brasil, evidenciou-se que os estudantes de países desenvolvidos mencionaram o aprendizado da língua portuguesa como um fator bastante relevante, seguido de perto pelo interesse em conhecer a cultura brasileira. Para além do apreço pela afabilidade dos brasileiros e do interesse pelos aspectos festivos da nossa cultura, há nesse grupo de alunos uma compreensão de que é no contexto nativo que se dá o melhor aprendizado do idioma. Já os alunos vindos dos países do Sul destacaram, como motivações importantes, a boa reputação das universidades brasileiras em seus países de origem. A fala dos investigados revelou que a experiência no Brasil é considerada prestigiosa e tem grande potencial para melhorar as possibilidades de inserção exitosa na pós-graduação, inclusive em outros países estrangeiros, bem como aumentar as chances de conseguir boas colocações profissionais no retorno a seus países de origem.

No que respeita aos elementos motivadores para escolha da UFMG como instituição de ensino superior de destino, evidenciou-se que a existência de acordo ou convênio entre as instituições e o consequente apoio institucional daí advindo foram o fator mais importante para que os estudantes de países desenvolvidos viessem para a UFMG. A existência de acordo entre as universidades funciona para esse grupo de estudantes como um fator facilitador na decisão de sair de seu país rumo à aventura no exterior, notadamente porque permite que ele tenha acesso a dados sobre a universidade alvo antes mesmo da partida. Já para os alunos vindos de países em desenvolvimento, as motivações mais significativas referem-se à boa classificação da UFMG em rankings de universidades, a boa reputação da UFMG na área de estudos dos

---

<sup>62</sup> Voltado para o aperfeiçoamento das competências linguísticas, construção de uma rede de relacionamentos internacionais e aprimoramento de habilidades acadêmicas e profissionais.

<sup>63</sup> Relativos ao crescimento pessoal, ao desenvolvimento da autonomia e da “abertura” para o mundo.

discentes e o reconhecimento do diploma pelo país de origem. Outro fator relevante evidenciado pela fala desses alunos foi a gratuidade do ensino na UFMG. Com efeito, para boa parte desses estudantes, esse elemento, por si só, é suficiente para a decisão de escolha da UFMG, dada sua total falta de condição de enfrentar os gastos decorrentes da estadia em universidades de países mais desenvolvidos. A gratuidade, somada à boa reputação da universidade, seja na África, seja na América Latina/Caribe, e ao futuro que os espera em seu país de origem formam o componente motivacional mais relevante dentre os pesquisados provenientes dos países do Sul.

Diante de um objeto ainda pouco investigado, espera-se que, a partir dos resultados aqui elencados, pesquisas futuras possam esclarecer aspectos ainda não deslindados. Tendo ainda em mente a divisão entre países do Norte e do Sul proposta neste trabalho, seria interessante que se expandisse a análise da população de estudantes estrangeiros para o Brasil como um todo, utilizando-se, dentre outras fontes disponíveis, os dados emanados do Censo do Ensino Superior, divulgado anualmente. Outros estudos poderiam ainda focalizar a experiência vivida por esses estudantes em nosso país, demonstrando de que forma a estadia no exterior impacta em suas trajetórias. Ademais, poder-se-ia conhecer, por meio de uma pesquisa comparada, as dificuldades, os efeitos e os limites da internacionalização para as universidades brasileiras, tanto nos níveis administrativos como nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>64</sup>

- AGENET, Caroline. Des femmes africaines: une mobilité récente. In: AGULHON, CATHERINE; BRITO, ANGELA XAVIER DE. *Les étudiants étrangers à Paris: entre affiliation et repli*. Paris: Editions L'Harmattan, 2009, p. 203-248.
- AGULHON, Catherine. Les étudiants chinois à Paris: une affiliation partielle. *Les étudiants étrangers à Paris. Entre affiliation et repli*. Paris: Editions L'Harmattan, 2009, p. 107-155.
- AGULHON, Catherine; BRITO, Angela Xavier De. *Les étudiants étrangers à Paris: entre affiliation et repli*. Paris: Editions L'Harmattan, 2009.
- ALFRANSEDER, Emanuel; FELLINGER, Julia; TAIVERE, Marge. *E-Value-ate your exchange: Research report of the ESN Survey 2010*. Bruxelas: Erasmus Student Network AISBL, 2011.
- ALTBACH, Philip G.; ENGBERG, David. *Mobilidade global de estudantes: o cenário em mutação – Ensino Superior Unicamp*. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/mobilidade-global-de-estudantes-o-cenario-em-mutacao>>. Acesso em: 7 de fev. 2018.
- ALVES, Elisa da Palma. *Estudantes internacionais no ensino superior português: motivações, expectativas, acolhimento e desempenho: o caso dos estudantes angolanos, brasileiros e cabo-verdianos no ISCTE-IUL*. 2013. 79 f. Dissertação de Mestrado – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.
- ARIÑO, Antonio; JULVE, Inés Soler; LLOPIS, Ramón. La movilidad estudiantil universitaria en España. *RASE: Revista de la Asociación de Sociología de la Educación*, v. 7, n. 1, p. 143-167, 2014.
- BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisas de survey*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- BALLATORE, Magali. Échanges internationaux en Europe et apprentissages: L'exemple de la mobilité étudiante institutionnalisée par le programme Erasmus. *Cahiers de la recherche sur l'éducation et les savoirs*, n. Hors-série n. 3, p. 149-166, 15 jun. 2011.
- BALLATORE, Magali. *L'expérience de mobilité des étudiants ERASMUS: les usages inégalitaires d'un programme d'«échange»*. Une comparaison Angleterre/France/Italie. 2007. 419 f. Tese de Doutorado – Université d'Aix-Marseille I, Marseille, 2007.
- BALLATORE, Magali; BLÖSS, Thierry. L'autre réalité du programme Erasmus: affinité sélective entre établissements et reproduction sociale des étudiants. *Formation emploi. Revue française de sciences sociales*, n. 103, p. 57-74, 1 set. 2008a.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. v. 70.

---

<sup>64</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção estudos).

BOURDIEU, Pierre. Compreender. *A miséria do mundo*. v. 4. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 693-736.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les éditions de minuit, 1979.

BRASIL. *Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm)>. Acesso em: 12 de jan. 2018.

BRASIL: MRE/DEC. *PEC-G - Histórico do Programa*. Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>>. Acesso em: 12 de jan. 2018.

BRASIL. *O português é um dos idiomas mais falados do mundo*. Notícia. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2012/04/o-portugues-e-um-dos-idiommas-mais-falados-do-mundo>>. Acesso em: 18 de maio 2018.

BROOKS, Rachel; WATERS, Johanna. International higher education and the mobility of UK students: Motivations, Experiences and Labour Market Outcomes. *Journal of Research in International Education*, v. 8, n. 2, p. 191-209, 2009.

BROWN, Lorraine; AKTAS, Gurhan. Fear of the unknown: a pre-departure qualitative study of Turkish international students. *British Journal of Guidance & Counselling*, v. 39, n. 4, p. 339-355, 1 ago. 2011.

BUDKE, Alexandra. Contacts culturels et identités ethniques des étudiants Erasmus en Allemagne. In: DERVIN, FRED; BYRAM, MICHAEL. *Échanges et mobilités académiques: quel bilan?* Paris: Editions L'Harmattan, 2008, p. 43-63.

CABRAL, Frederico Matos Alves. *Os estudantes africanos nas instituições de ensino superior brasileiras: o Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G)*. 2015. 204 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CAMPUS FRANCE. Le genre et la mobilité étudiante internationale. *Les Notes*, n. 52, 2016.

CAMPUS FRANCE. *Les Chiffres Clés - Février 2017*. Disponível em: <<https://www.campusfrance.org>>. Acesso em: 9 de jun. 2017.

CAMPOS, Geraldo Adriano Godoy De; LIMA, Manolita Correia. Mobilidade Acadêmica Internacional e a Transformação das Práticas Pedagógicas na Direção da Transculturalidade-a experiência de estudantes originários dos países de língua portuguesa. *Ensino Superior*, v. 45, 2012. Acesso em: 11 de abr. 2016.

CARLOS SUBUHANA. *Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro*. 2005. 211 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CATTAN, Nadine. Genre et mobilité étudiante en Europe. *Espace populations sociétés. Space populations societies*, n. 2004/1, p. 15-27, 1 jul. 2004.

CGE. *Conférence des Grandes Ecoles*. Disponível em: <<http://www.cge.asso.fr/>>. Acesso em: 6 de dez. 2016.

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. *História das universidades*. São Paulo: Unesp, 1996.

CÓ, João Paulo Pinto. *Filhos da independência: etnografando os estudantes Bissau-guineenses do PEC-G em Fortaleza-CE e Natal-RN*. 2011. 115 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

COSTA, Bianca Silva. *Viagem de (auto)descobrimto: experiências de mobilidade estudantil de graduação no programa ESCALA/AUGM/UFRGS*. 2014. 231 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

COULON, Alain; PAIVANDI, Saeed. *Les étudiants étrangers en France: l'état des savoirs*. Paris: Université de Paris 8, 2003.

COMISSÃO U. E. *Erasmus–Facts, Figures & Trends. The European Union support for student and staff exchanges and university cooperation in 2012/2013*. Bruxelas: EU Commission, 2014.

COMISSÃO U. E. *Erasmus–Facts, Figures & Trends. The European Union support for student and staff exchanges and university cooperation in 2013/2014*. Bruxelas: EU Commission, 2015.

COMISSÃO U. E. *The Bologna Process and the European Higher Education Area - Education and training - European Commission*. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/education/policy/higher-education/bologna-process\\_en](https://ec.europa.eu/education/policy/higher-education/bologna-process_en)>. Acesso em: 16 de jun. 2018.

CUNHA, Luiz Antônio Constant Rodrigues. *A universidade temporã: o ensino superior da Colônia à Era Vargas*. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2007.

DERVIN, Fred; BYRAM, Michael. *Échanges et mobilités académiques: quel bilan?* Paris: Editions L'Harmattan, 2008.

DERVIN, Fred; BYRAM, Michael. Le sens caché de la mobilité des étudiants Erasmus. In: DERVIN, MICHAEL BYRAM FRED (Org.). *Echanges et mobilités académiques: quel bilan?* Logiques sociales. Paris: L'Harmattan, 2008, p. 15-35.

DESIDÉRIO, Edilma de Jesus. *Migração internacional com fins de estudo: o caso dos africanos do programa estudante-convênio de graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro*. 2006. 220 f. Dissertação de Mestrado – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2006.

ENDRIZZI, Laure. La mobilité étudiante. *Veille scientifique et technologique INRP*, n. 51, p. 25, 2010.

ENDRIZZI, Laure. La mobilité étudiante, entre mythe et réalité. In: LATOUR, MARION. *La mobilité des étudiants en Europe, 25 ans du programme Erasmus*. Sèvres: Centre de ressources et d'ingénierie documentaires, 2012.

ENNAFAA, Ridha; PAIVANDI, Saeed. *Les conditions de vie et d'études des étudiants étrangers en France*. Paris: Observatoire national de la Vie Etudiante, 2007a.

ENNAFAA, Ridha; PAIVANDI, Saeed. Venir étudier en France. Enquête sur les parcours des étudiants étrangers. *OVE infos*, n. 17, p. 8, 2007b.

ERLICH, Valérie. *Les mobilités étudiantes*. Paris: Documentation française, 2012. (Panorama des savoirs).

EUROPEAN PARLIAMENT. *Erasmus Mundus (2004-08)*. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=URISERV%3Ac11072>>. Acesso em: 20 de jun. 2016.

EYEBIYI, Elieth P.; MAZZELLA, Sylvie. Introduction: Observer les mobilités étudiantes Sud-Sud dans l'internationalisation de l'enseignement supérieur. *Cahiers de la recherche sur l'éducation et les savoirs*, n. 13, p. 7-24, 2014a.

EYEBIYI, Elieth P.; MAZZELLA, Sylvie. *Observer les mobilités étudiantes Sud-Sud*. , n. 13. [S.l: s.n.], 2014b.

FILGUEIRA, Maria Goretti Medeiros. *Vozes d'África Transatlântica: trajetórias estudantis de Cabo Verde e da Guiné-Bissau-programa de estudantes-convênio de graduação/Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. 2014. 317 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014.

FINDLAY, Allan; KING, Russell. *Motivations and Experiences of UK Students Studying Abroad*. BIS Research Paper., n. 8. Dundee: University of Dundee, 2010.

FRANÇA. *Lei nº 2010-873 de 27 de Julho de 2010 relativa à ação externa do Estado*. 2010-873. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000022521532>>. Acesso em: 6 de dez. 2016.

GALLUP. *Youth on the Move: Analytical Report*. Flash Eurobarometer. Budapeste: European Commission, 2011.

GARNEAU, Stéphanie. *Les mobilités internationales à l'ère de la globalisation: une comparaison sociologique des carrières spatiales et des socialisations professionnelles d'étudiants français et québécois*. 2006. 334 f. Tese de Doutorado – Université Lumière-Lyon 2, Lyon, 2006.

GIRET, Jean-François; VAN DE VELDE, Cécile; VERLEY, Élise. *Les vies étudiantes*. Paris: La Documentation Française, 2016. (Études & recherches).

GOMES, Catarina Barbosa Torres. *O programa de mobilidade internacional Ciência Sem Fronteiras na perspectiva das desigualdades de oportunidades educacionais*. 2016. 203 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016

GOMES, José Manuel Sita. *Estudantes na terra dos outros: A experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil*. 2002. 180 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

GONZÁLEZ, Carlos Rodríguez; MESANZA, Ricardo Bustillo; MARIEL, Petr. The determinants of international student mobility flows: an empirical study on the Erasmus programme. *Higher Education*, v. 62, n. 4, p. 413-430, 2011.

HARFI, Mohamed; MATHIEU, Claude. *Etudiants et chercheurs à l'horizon 2020: Enjeux de la mobilité internationale et de l'attractivité de la France*. Paris: Commissariat général du Plan: La documentation française, 2005.

HATAKENAKA, Sachi. *Internationalism in higher education: A review*. Londres: Higher Education Policy Institute London, 2004.

HEFCE. *International student mobility*. HEFCE Issues Paper. Final Report, n. 30. Londres: Higher Education Funding Council for England, 2004.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. Héritage et transmission dans la sociologie de Pierre Bourdieu. *Idées économiques et sociales*, n. 166, p. 6-14, 2011.

KING, Russell; RUIZ-GELICES, Enric. International student migration and the European 'year abroad': effects on European identity and subsequent migration behaviour. *International Journal of Population Geography*, v. 9, n. 3, p. 229-252, 2003.

KNIGHT, Jane. Modèle d'internationalisation ou comment faire face aux réalités et enjeux nouveaux. In: OCDE. *L'enseignement supérieur en Amérique latine La dimension internationale: La dimension internationale*. Paris: Organization de Coopération et de Développement Économique, 2005, p. 11-45.

KRUPNIK, Seweryn; KRZAKLEWSKA, Ewa. *Exchange students' rights. Results of Erasmus student network survey 2006*. [S.l.]: Erasmus Student Network, 2007.

LARSEN, Kurt; VINCENT-LANCRIN, Stéphan. Le commerce international de services d'éducation: est-il bon? est-il méchant? *Politiques et gestion de l'enseignement supérieur*, n. 3, p. 9-50, 2002.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na idade média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LIMA, Manolita Correia. Mobilidade mundial de estudantes. *GVexecutivo*, v. 8, n. 2, p. 66-69, 2009.

LIMA, Manolita Correia. O Sistema de Educação Superior Francês: entre a Internacionalização e a Mundialização. In: CONGRESSO DO INSTITUTO FRANCO-BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS, 2007, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: [s.n.], 2007.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Betioli. A Internacionalização da educação Superior nos EUA: Principais Características. *Internext*, v. 3, n. 2, p. 162-180, 2009.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Betioli. *Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda, 2011.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. *Revista Avaliação*, v. 14, n. 3, p. 583-610, 2009.

MAIWORM, Friedhelm; TEICHLER, Ulrich. *Study Abroad and Early Career: Experiences of Former ERASMUS Students*. Higher Education Policy. n. 21. Bristol: Jessica Kingsley Publishers, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Hildete Pereira; OLIVEIRA, André Barbosa. A produção científica brasileira no feminino. *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 301-331, 2006.

MELO, Ticiana Telles. *Mobilidade estudantil internacional de partida na UFC: experiências e formação no programa Duplo Diploma*. 2008. 269 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MINAYO, María C. de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. “O mito atlântico”: *relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de construção e reconstrução de suas identidades étnicas*. 2006. 207 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 20, n. 38, p. 125-139, 2012.

MURPHY-LEJEUNE, Elizabeth. *L'étudiant européen voyageur, un nouvel étranger*. Paris: Didier, 2003.

NGOMANE, Yara Neusa. *Estudantes Moçambicanos em Belo Horizonte: uma discussão sobre a construção identitária e de redes de sociabilidade*. 2010. 102 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n. 1, p. 213-231, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Cosmopolitismo científico e educação dos filhos – o caso das famílias de ex-bolsistas no exterior*. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice; AGUIAR, Andrea. La formation des élites et l'internationalisation des études: peut-on parler d'une “bonne volonté internationale”? *Education et sociétés*, v. 21, n. 1, p. 105-119, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; AGUIAR, Andrea Moura de Souza; RAMOS, Viviane Coelho Caldeira. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. *Educação & Sociedade*, v. 29, n. 103, p. 355-376, 2008.

NUS. *Students Studying Abroad and the European Higher Education Area*. London: National Union of Students, 2010.

OECD. *Education at a Glance 2017*. Paris: OECD Publishing, 2017. (OECD Indicators).

OECD. *Education at a Glance 2015*. Paris: OECD Publishing, 2015. (OECD Indicators).

OCDE. *L'enseignement supérieur à l'horizon 2030 - Volume 2: Mondialisation*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development, 2011. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/content/book/9789264075405-fr>>. Acesso em: 28 de jul. 2015.

OECD. Qui sont les étudiants en mobilité internationale et où choisissent-ils d'étudier? *Regards sur l'éducation*, p. 328-357, 8 set. 2009.

OJIMA, Ricardo *et al.* Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. *PerCursos*, v. 15, n. 28, p. 166-189, 2014.

PEIXOTO, Maria Denize Santos. Mobilidade acadêmica internacional: um estudo sociológico a partir da experiência da universidade federal de Uberlândia. In: XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2011.

PRADO, Ceres Leite. *Intercâmbios culturais: como práticas educativas em famílias das camadas médias*. 2002. 343 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

QUINTANA, María Jesús Mures *et al.* El programa Erasmus en los estudios económico-empresariales : análisis y valoración. *Pecunia: Revista de la Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales, Universidad de León*, v. 0, n. 9, p. 129-156, 2009.

RAMOS, Viviane Coelho Caldeira. *Perfil e motivações dos estudantes participantes do "Programa de Mobilidade Discente Internacional para a Graduação" da UFMG*. 2009. 137 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RAZAFIMAHEFA, Lala; RAYNAL, Jean-Claude. Dynamique des réseaux de mobilité étudiante entre pays du Sud: attractivité, compétitivité et multipolarité. *Cahiers de la recherche sur l'éducation et les savoirs*, n. 13, p. 25-52, 31 maio 2014.

RIMBERT, Pierre; STIENNE, Agnès. *La circulation internationale des cerveaux*. Disponível em: <<https://www.monde-diplomatique.fr/cartes/circulationdescerveaux>>. Acesso em: 8 de jun. 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia; ANDRADE, Leandro Feitosa. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: a tensão entre raça/etnia e gênero. *Cadernos Pagu*, n. 31, p. 419-437, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon. A educação de nível superior no Censo 2010. *Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (USP)*, 2012.

SILVA, Claudia Cristiane dos Santos. *Mobilidade corpórea de estudantes internacionais: as motivações dos estudantes internacionais acolhidos por instituições de educação superior localizadas em São Paulo e Belo Horizonte*. 2013. 162 f. Dissertação de Mestrado – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2013.

SILVA, Claudia Cristiane dos Santos; LIMA, Manolita Correia. A percepção do estudante internacional sobre seu acolhimento em Instituições de Educação Brasileiras. [S.d.].

SILVA, Claudia Cristiane dos Santos; LIMA, Manolita Correia; RIEGEL, Viviane. Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, v. 6, n. 3, p. 232-251, 2013.

SOUTO-OTERO, Manuel. The socio-economic background of Erasmus students: A trend towards wider inclusion? *International review of education*, v. 54, n. 2, p. 135-154, 2008.

STALLIVIERI, Luciane; PILOTTO, Daísa Ziglioli; GONÇALVES, Roberto Birch. Análise da adaptação cultural de estudantes internacionais sob o ponto de vista das Teorias da Curva “U” e da curva “W”. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, v. 8, n. 3, p. 26-47, 2015.

TEICHLER, Ulrich. Temporary Study Abroad: the life of ERASMUS students. *European Journal of Education*, v. 39, n. 4, p. 395-408, 2004.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Educação e universidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

TERRIER, Eugénie. *Mobilités et expériences territoriales des étudiants internationaux en Bretagne: interroger le rapport mobilités spatiales - inégalités sociales à partir des migrations étudiantes*. 2009. 479 f. Tese de Doutorado – Université Rennes 2 ; Université Européenne de Bretagne, Rennes, 2009.

UFMG: DRI. *Relatório Final de Gestão - 2014-2018*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

UFMG:DRI. *Bracol — Bramex. DRI*. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/dri/programas/aluno-da-ufmg/editais-anteriores/bramex/>>. Acesso em: 6 de jul. 2018.

UFMG: DRI. *UFMG Do Mundo. Universidade Federal de Minas Gerais*. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/dri/ufmgdomundo/>>. Acesso em: 20 de fev. 2018.

UNESCO. *Global education digest 2012: comparing education statistics across the world*. Montreal: Institut de statistique de l’UNESCO, 2012.

UNESCO: UIS. *UNESCO Institute for Statistics*. Disponível em: <<http://data.uis.unesco.org/#>>. Acesso em: 21 de abr. 2016.

VARGHESE, N. V. *Globalization of higher education and cross-border student mobility*. Paris: Citeseer, 2008.

VOSSSENSTEYN, Hans *et al.* *Améliorer la participation au programme ERASMUS - Think Tank*. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2010.

VOURC’H, Ronan; ZILLONIZ, Sandra. *Les étudiants et leurs conditions de vie en Europe*. Paris: Observatoire nationale de la vie étudiante, 2008.

WAGNER, Anne-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation*. Paris: La Découverte, 2007. (Repères Sociologie).

WAGNER, Anne-Catherine. *Les nouvelles élites de la mondialisation: une immigration dorée en France*. Paris: Presses universitaires de France, 1998.

WIELEWICKI, Hamilton de Godoy; OLIVEIRA, Marlize Rubin. Internacionalização da educação superior: processo de Bolonha. *Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 18, n. 67, p. 215-234, 2010.

ZANTEN, Agnès Van; DARCHY-KOECHLIN, Brigitte. La formation des élites – Introduction. *Revue Internationale d'Éducation*, n. 39, p. 19-23, 2005.

## **APÊNDICE A – Questionário aplicado aos estudantes estrangeiros na UFMG (2017)**

Este questionário é parte de uma pesquisa em nível de mestrado da Faculdade de Educação (Sociologia da Educação) intitulada “Mobilidade internacional discente: perfis e motivações do estudante estrangeiro na UFMG”. A referida pesquisa tem como objetivo compreender o perfil e analisar as motivações dos alunos estrangeiros na UFMG. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial.

### **A. Em qual nível você estuda na UFMG?**

- a. Graduação
- b. Mestrado
- c. Doutorado

### **B. Você é estudante estrangeiro(a) e está estudando atualmente na UFMG?**

- a. Sim
- b. Não

### **C. Como você veio para a UFMG?**

- a. Eu vim para a UFMG através de algum convênio, programa ou intercâmbio internacional
- b. Eu vim para a UFMG por meios próprios (não participo de nenhum intercâmbio/convênio internacional)

## **3 Sexo**

- 3.1 Masculino
- 3.2 Feminino

## **4 Idade atual**

## **5 Cor**

- 5.1 Branco
- 5.2 Preto
- 5.3 Amarelo
- 5.4 Pardo
- 5.5 Indígena
- 5.6 Outro (especifique)

## **6 Em relação ao seus irmãos, você é (caso não tenha irmãos, passe para a próxima questão):**

- 6.1 Sou filho único
- 6.2 Caçula (irmão mais jovem)
- 6.3 Filho do meio
- 6.4 Primogênito (irmão mais velho)
- 6.5 Outro (especifique)

**7 País de nascimento**

**8 Em qual país você morava antes de vir ao Brasil?**

**9 Quando você chegou ao Brasil?**

**10 Neste momento, você exerce alguma atividade remunerada?**

- 10.1 Não
- 10.2 Sim, trabalho fora da universidade
- 10.3 Sim, trabalho dentro da universidade (estágio, bolsas, monitoria etc.)
- 10.4 Outro (especifique)

**11 Neste momento, você recebe algum benefício ou auxílio financeiro?**

- 11.1 Sou o principal responsável pelo meu próprio sustento
- 11.2 Minha família financia todas as minhas despesas
- 11.3 Minha família financia parte das minhas despesas
- 11.4 Recebo bolsa de estudos do governo brasileiro
- 11.5 Recebo bolsa de estudos do governo do meu país de origem
- 11.6 Recebo bolsa de estudos de organização brasileira
- 11.7 Recebo bolsa de estudos de organização do meu país de origem
- 11.8 Recebo bolsa por participação em atividades acadêmicas/de extensão na UFMG
- 11.9 Recebo outro tipo de auxílio ou bolsa (alimentação, transporte, moradia, saúde, odontológico etc.). Especifique:

**12 Qual é a sua renda mensal aproximada aqui no Brasil, em Reais?**

- 12.1 Não sei / prefiro não informar / prefiro não responder
- 12.2 Até R\$ 937
- 12.3 De R\$ 938 a R\$ 1.874
- 12.4 De R\$ 1.875 a R\$ 2.811
- 12.5 De R\$ 2.812 a R\$ 3.748
- 12.6 Acima de R\$ 3.748

**13 Qual é a nacionalidade do seu pai?**

**14 Qual é a nacionalidade da sua mãe?**

**15 Qual é grau de instrução do seu pai?**

- 15.1 Sem escolarização
- 15.2 Alfabetização
- 15.3 Ensino primário (básico, fundamental)
- 15.4 Ensino secundário/médio (*high school*)
- 15.5 Ensino superior (graduação)
- 15.6 Mestrado
- 15.7 Doutorado
- 15.8 Não sei / prefiro não informar

**16 Qual é grau de instrução da sua mãe?**

- 16.1 Sem escolarização
- 16.2 Alfabetização
- 16.3 Ensino primário (básico, fundamental)
- 16.4 Ensino secundário/médio (*high school*)
- 16.5 Ensino superior (graduação)
- 16.6 Mestrado
- 16.7 Doutorado
- 16.8 Não sei / prefiro não informar

**17 Qual é a profissão do seu pai?**

**18 Qual é a profissão da sua mãe?**

**19 Qual é a renda mensal aproximada da sua família em Dólares Americanos (US\$)?**

- 19.1 Não sei / prefiro não informar / prefiro não responder
- 19.2 Até \$300
- 19.3 De \$301 a \$600
- 19.4 De \$601 a \$900
- 19.5 De \$901 a \$1.200
- 19.6 Acima de \$1.200

**20 Em relação a sua moradia:**

- 20.1 Resido em moradia estudantil pertencente à UFMG
- 20.2 Resido em república com outros estudantes
- 20.3 Moro sozinho
- 20.4 Outro (especifique)

**21 Neste momento, você mora com quem?**

- 21.1 Moro sozinho

21.2 Moro com pessoas da minha região de origem (África, América do Sul, Europa etc.)

21.3 Moro com brasileiros

21.4 Moro com estrangeiros (exceto brasileiros)

21.5 Moro com brasileiros e estrangeiros

21.6 Outro (especifique)

**22 Com qual idade você entrou no curso de graduação?**

**23 Você participa de qual programa/convênio de intercâmbio internacional com a UFMG?**

**24 Qual é o nome do seu curso na UFMG?**

**25 Qual é seu idioma nativo?**

**26 Qual era seu nível linguístico em língua portuguesa antes de vir ao Brasil?**

26.1 Não sabia português

26.2 Básico

26.3 Intermediário

26.4 Avançado

**27 Qual é seu nível linguístico em língua portuguesa neste momento?**

27.1 Básico

27.2 Intermediário

27.3 Avançado

**28 Descreva abaixo seu nível de proficiência nos seguintes idiomas que você domina (Deixe em branco os idiomas que não conhece):**

	<b>Básico</b>	<b>Intermediário</b>	<b>Avançado</b>
<b>IDIOMAS</b>			
Alemão			
Espanhol			
Francês			
Inglês			
Italiano			
Japonês			
Mandarim			
Português			
Russo			
Outro:			

**29 Além do português, em que idiomas você tem aulas na UFMG?**

29.1 Nenhum

29.2 Inglês

29.3 Espanhol

29.4 Francês

29.5 Outro (especifique)

**30 Como é sua comunicação com colegas e professores?**

30.1 Não consigo me comunicar ou compreender o português

30.2 Consigo me comunicar em português apenas sobre assuntos básicos (detalhes pessoais simples, onde moro, necessidades básicas)

30.3 Consigo me comunicar na maioria das situações cotidianas, mas não sou fluente em português

30.4 Consigo me comunicar fluentemente em português

**31 Vir ao Brasil era sua primeira opção para intercâmbio?**

31.1 Não

31.2 Sim

**32 Descreva abaixo as viagens a países estrangeiros que você fez antes de vir ao Brasil. (Caso não tenha feito outras viagens, deixe os campos em branco e passe para a próxima questão.)**

	País	Duração (1 a 12 meses)	Motivos: 1. Estudos 2. Estudo de línguas 3. Turismo 4. Trabalho	Sozinho ou acompanhado?  1. Sozinho 2. Com minha família 3. Com pessoas que conheço (amigos, colegas)
<b>EXEMPLO</b>	Brasil	<u>4</u> meses	2	3
Viagem 1		<u>      </u> meses		
Viagem 2		<u>      </u> meses		
Viagem 3		<u>      </u> meses		
Viagem 4		<u>      </u> meses		
Viagem 5		<u>      </u> meses		

**33 Você foi influenciado por alguém a participar em intercâmbios internacionais? Escolha todas as alternativas verdadeiras:**

- 33.1 Não
- 33.2 Sim, pelos meus pais
- 33.3 Sim, pelos meus irmãos
- 33.4 Sim, por colegas de universidade
- 33.5 Sim, por amigos
- 33.6 Sim, por companheiro afetivo
- 33.7 Outro (especifique)

**34 Quais fatores foram importantes em sua decisão de fazer um INTERCÂMBIO INTERNACIONAL? Escolha todas as alternativas verdadeiras:**

- 34.1 Obter qualificação acadêmica
- 34.2 Obter qualificação profissional
- 34.3 Melhorar minhas oportunidades de trabalho (empregabilidade)
- 34.4 Pretendo desenvolver uma carreira internacionalizada
- 34.5 Desenvolver competências linguísticas
- 34.6 Conhecer culturas e pessoas de diferentes regiões do mundo
- 34.7 Aprender a viver sozinho(a), desenvolver autonomia
- 34.8 Outro (especifique)

**35 Quais fatores foram importantes em sua decisão de vir ao BRASIL? Escolha todas as alternativas verdadeiras:**

- 35.1 O curso que desejo fazer não existe em meu país de origem
- 35.2 As universidades brasileiras são respeitadas em meu país de origem
- 35.3 Pretendo trabalhar no Brasil após o término do programa de intercâmbio
- 35.4 Tenho interesse no aprendizado e no aprimoramento da língua portuguesa
- 35.5 A cultura e os costumes brasileiros são parecidos com os do meu país de origem
- 35.6 Quero conhecer aspectos da cultura brasileira (futebol, carnaval, religião etc.)
- 35.7 Já conheço outras pessoas de mesma nacionalidade no Brasil
- 35.8 O custo de vida no Brasil é menor que em meu país de origem
- 35.9 Tenho familiares no Brasil
- 35.10 Escolhi o Brasil porque é próximo geograficamente do meu país de origem
- 35.11 Outro (especifique)

**36 Quais fatores foram importantes em sua decisão de vir para a UFMG? Escolha todas as alternativas verdadeiras:**

- 36.1 A UFMG tem muita qualidade na área específica que estudo
- 36.2 A UFMG é uma instituição respeitada em meu país de origem

- 36.3 A UFMG está bem classificada em um *ranking* de universidades
- 36.4 O diploma emitido pela UFMG é reconhecido em meu país de origem
- 36.5 Há um acordo ou convênio de intercâmbio entre a UFMG e a minha universidade
- 36.6 Conheço outras pessoas de mesma nacionalidade na UFMG
- 36.7 Conheço pessoas que estudam na UFMG
- 36.8 As aulas são ministradas em idioma que conheço (exceto o português)
- 36.9 Outro (especifique)

**37 Quais das pessoas abaixo foram responsáveis pelo seu acolhimento na UFMG?**

- 37.1 Não fui acolhido por nenhuma pessoa
- 37.2 Fui acolhido por colegas na UFMG
- 37.3 Fui acolhido por professores da UFMG
- 37.4 Fui acolhido por funcionários da UFMG (exceto equipe da DRI)
- 37.5 Fui acolhido pela equipe da Diretoria de Relações Internacionais da UFMG
- 37.6 Fui acolhido por brasileiros (exceto pessoas da UFMG)
- 37.7 Fui acolhido por pessoas da minha região de origem
- 37.8 Fui acolhido por estrangeiros (exceto brasileiros e pessoas da minha região origem)
- 37.9 Outro (especifique)

**38 Como considera seu rendimento geral nas disciplinas cursadas até o momento?**

- 38.1 Obtive mais de 90% de rendimento
- 38.2 Obtive entre 80% a 89% de rendimento
- 38.3 Obtive entre 70% a 79% de rendimento
- 38.4 Obtive entre 60% a 69% de rendimento
- 38.5 Obtive entre 40% a 59% de rendimento
- 38.6 Obtive abaixo de 39% de rendimento
- 38.7 Não sei / prefiro não informar

**39 Quais foram as principais dificuldades que você teve até agora?**

- 39.1 Até o momento, não tive dificuldades
- 39.2 Sinto falta da minha família
- 39.3 Sinto falta do meu país de origem
- 39.4 Não consigo me adaptar à cultural local (costumes, alimentação, hábitos locais etc.)
- 39.5 Dificuldades relacionadas à moradia (aluguel, segurança do local, tipo de residência etc.)
- 39.6 Dificuldades acadêmicas (didática, material, idioma de ensino)
- 39.7 Dificuldades financeiras
- 39.8 Dificuldade com altas exigências acadêmicas

- 39.9 Dificuldades de relacionamento social
- 39.10 Dificuldades administrativas (burocracia, documentos, vistos etc.)
- 39.11 Dificuldades de ordem racial/étnica (discriminação, preconceito racial)
- 39.12 Outro (especifique)

**40 Nesta sua estadia, já participou em algum dos eventos abaixo no Brasil ou no exterior?**

- 40.1 Nenhum
- 40.2 Congresso
- 40.3 Mesa-redonda
- 40.4 Palestra
- 40.5 Seminário
- 40.6 Colóquio
- 40.7 Outro (especifique)

**41 Com respeito aos seus amigos e colegas, você considera que:**

- 41.1 Tenho mais amigos e colegas brasileiros
- 41.2 Tenho mais amigos e colegas do meu país de origem
- 41.3 Tenho mais amigos e colegas da minha região (África, América do Sul, Europa etc.)
- 41.4 Tenho mais amigos e colegas estrangeiros (exceto brasileiros)

**42 Com respeito às relações amorosas, indique a opção que melhor descreve sua situação atual**

- 42.1 Não tenho parceiro afetivo no momento
- 42.2 Estou me relacionando com pessoa de mesma nacionalidade
- 42.3 Estou me relacionando com brasileiro(a)
- 42.4 Estou me relacionando com pessoa de outra nacionalidade (não é brasileiro)

**43 Você se sente adaptado ao Brasil?**

- 43.1 Sim, me sinto totalmente adaptado
- 43.2 Sim, me sinto parcialmente adaptado
- 43.3 Não me sinto adaptado
- 43.4 Não sei / prefiro não informar

**44 Você se sente acolhido pelos brasileiros?**

- 44.1 Sim, me sinto totalmente acolhido
- 44.2 Sim, me sinto parcialmente acolhido
- 44.3 Não me sinto acolhido
- 44.4 Não sei / prefiro não informar

**45 Ao terminar seu intercâmbio na UFMG, o que você pretende fazer?**

- 45.1 Vou terminar meu curso em meu país de origem
- 45.2 Vou tentar fazer pós-graduação na UFMG
- 45.3 Vou tentar fazer pós-graduação no Brasil
- 45.4 Vou tentar fazer pós-graduação em outro país
- 45.5 Vou fazer intercâmbio em outro país
- 45.6 Vou tentar conseguir emprego no Brasil
- 45.7 Outro (especifique)

**CONVITE:**

Iremos entrevistar algumas pessoas na próxima fase desta pesquisa (via Skype ou presencialmente). Caso você queira participar das entrevistas, deixe aqui um e-mail para contato e seu telefone (WhatsApp). Sua participação será muito apreciada.

E-mail: \_\_\_\_\_

Telefone (WhatsApp): \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com estudantes estrangeiros

1. Já viajou antes ao exterior? (*Onde? Quando? Razões?*)
2. Já fez outro intercâmbio internacional? (*Onde? Razões?*)
3. Foi influenciado por alguém a fazer intercâmbio? (*Amigos, familiares, colegas, professores*)
4. Conhecimento de idiomas estrangeiros (*Quais? Aprendizagem. Papel do português*)
5. Por que decidiu fazer intercâmbio?
6. De que forma você tomou conhecimento sobre o intercâmbio no Brasil?
7. Por que você escolheu o Brasil? (*Primeira opção?*)
8. Por que escolheu a UFMG como destino de intercâmbio? (*Fatores acadêmicos, profissionais*)
9. Principais diferenças entre o Brasil e seu país de origem.
10. Principais dificuldades no intercâmbio.
11. Principais dificuldades linguísticas.
12. Diferenças e aprendizados entre a chegada e o momento atual.
13. Expectativas foram realizadas?
14. Projetos depois do intercâmbio.

**ANEXO A – Convênios de intercâmbio discente de graduação na UFMG**

<b>País</b>	<b>Instituição</b>	<b>Vigência</b>	
ALEMANHA	Albert-Ludwigs-Universität Freiburg – Uni Freiburg	14/04/15	14/04/20
ALEMANHA	Deutscher Akademischer Austausch Dienst – DAAD ("Serviço Alemão de IN Acadêmico")	11/11/14	11/11/19
ALEMANHA	Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg – FAU	22/07/14	22/07/19
ALEMANHA	Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg – FAU	22/08/14	22/08/19
ALEMANHA	Friedrich-Schiller-Universität Jena – Uni Jena	29/11/16	29/11/21
ALEMANHA	Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover - Uni Hannover	12/06/13	12/06/18
ALEMANHA	Hochschule für angewandte Wissenschaften Würzburg- Schweinfurt – FHWS	28/11/16	28/11/21
ALEMANHA	Hochschule für Musik und Theater Rostock – HMT Rostock	03/12/12	03/12/17
ALEMANHA	Hochschule für Technik und Wirtschaft Dresden – HTW Dresden	22/10/13	22/10/18
ALEMANHA	Hochschule Karlsruhe – Technik und Wirtschaft – HS Karlsruhe	23/12/14	23/12/19
ALEMANHA	Hochschule Rhein-Waal – HSRW	21/11/13	21/11/18
ALEMANHA	Hochschule Ruhr West – HRW	04/10/17	04/10/22
ALEMANHA	Hochschule Schmalkalden – HS	23/01/17	23/01/22
ALEMANHA	Hochschule Ulm - HS Ulm	22/11/11	22/11/20
ALEMANHA	Karlsruhe Institute of Technology – KIT	24/01/13	24/01/18
ALEMANHA	Leibniz-Institut für Zoo-und Wildtierforschung - IZW	30/03/17	30/03/22
ALEMANHA	Ludwig-Maximilians Universität München – LMU München	18/09/13	18/09/18
ALEMANHA	Ostbayerische Technische Hochschule Regensburg – OTH	10/01/14	10/01/19
ALEMANHA	Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule Aachen – RWTH	11/06/15	11/06/20
ALEMANHA	Ruhr-Universität Bochum – RUB	29/11/11	29/11/21
ALEMANHA	Technische Hochschule Köln – TH Köln	28/02/14	28/02/19
ALEMANHA	Technische Universität Clausthal – TU Clausthal	06/99	IND
ALEMANHA	Technische Universität Dresden – TUD	24/09/09	28/01/18
ALEMANHA	Technische Universität Ilmenau - TU Ilmenau	22/06/15	22/06/20
ALEMANHA	Universität Augsburg - Uni-Augsburg	02/12/13	02/12/18
ALEMANHA	Universität Augsburg - Uni-Augsburg	20/09/16	20/09/20
ALEMANHA	Universität Bielefeld - Uni-Bielefeld	17/08/15	17/08/20
ALEMANHA	Universität des Saarlandes – UDS	24/01/14	24/01/19
ALEMANHA	Universität Potsdam – UP	09/03/12	09/03/22
ALEMANHA	Universität zu Köln – UzK	22/02/11	22/02/21
ALEMANHA	Westfälische Hochschule Zwickau – WHZ	27/06/16	27/06/21
ANGOLA	Universidade Onze de Novembro – UON	06/12/16	06/12/21
ANGOLA	Universidade Onze de Novembro – UON	31/10/11	31/10/22
ARGENTINA	Inst. Universitario de Ciencias de la Salud Fundación H.A. Barceló	02/10/14	02/10/19
ARGENTINA	Universidad de Buenos Aires – Facultad de Agronomía	08/03/13	08/03/18
ARGENTINA	Universidad del Aconcagua – UDA	14/02/17	14/02/22

ARGENTINA	Universidad Nacional de Avellaneda – UNDAV	24/06/16	24/06/21
ARGENTINA	Universidad Nacional de Córdoba – Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano – UNC-ESCOMB	04/07/16	04/07/19
ARGENTINA	Universidad Nacional de Jujuy – UNJ	17/02/17	17/02/22
ARGENTINA	Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco – UNP	13/01/14	13/01/19
ARGENTINA	Universidad Nacional de La Plata – UNLP	25/05/16	25/05/21
ARGENTINA	Universidad Nacional de Quilmes – UNQ	17/05/13	17/05/18
ARGENTINA	Universidad Nacional de Rosario – Facultad de Odontología – FODONTO	24/05/17	24/05/20
ARGENTINA	Universidad Nacional de San Luis – UNSL	28/06/15	28/06/20
ARGENTINA	Universidad Nacional de Tucumán – UNT	14/09/17	14/09/22
ARGENTINA	Universidad Nacional del Litoral – UNL	17/06/14	17/06/19
ARGENTINA	Universidad Tecnológica Nacional – Facultad Regional Gral. Pacheco - UTN-FRGP	05/08/13	05/08/18
ÁUSTRIA	Montanuniversität Leoben – MUL	02/03/17	02/03/22
BÉLGICA	Institut des hautes études des communications sociales – IHECS	21/03/13	21/03/19
BÉLGICA	Université catholique de Louvain – UCL	21/08/15	21/08/20
BÉLGICA	Université de Liège – Ulg	30/10/17	30/10/22
BOLÍVIA	Universidad Mayor Real y Pontificia de San Francisco Xavier de Chuquisaca – USFX	21/11/16	21/11/21
BOLÍVIA	Universidad Privada Franz Tamayo - UNIFRANZ	24/05/16	24/05/21
CANADÁ	Université Laval – UL	15/11/12	15/11/17
CANADÁ	University of Alberta – Ualberta	08/07/14	08/07/19
CHILE	Pontificia Universidad Católica de Valparaíso – PUCV	13/01/17	13/01/22
CHILE	Universidad Austral de Chile – UACH	30/01/17	30/01/22
CHILE	Universidad Católica del Norte – UCN	07/04/14	08/03/21
CHILE	Universidad de Antofagasta – UA	13/10/15	13/10/20
CHILE	Universidad de Santiago de Chile – USACH	05/08/15	05/08/18
CHILE	Universidad de Talca – UtaIca	24/06/13	24/06/18
CHILE	Universidad Finis Terrae – UFT	22/09/13	22/09/23
CHINA	North China University of Water Conservancy and Electric Power – NCWU	08/09/17	08/09/22
CHINA	University of Macau – UM	17/06/16	17/06/19
COLÔMBIA	Pontificia Universidad Javeriana – PUJ	08/05/15	08/05/20
COLÔMBIA	Universidad Antonio Nariño – UAN	08/02/11	08/02/21
COLÔMBIA	Universidad de Antioquia - U. de A.	11/11/14	11/11/19
COLÔMBIA	Universidad de Caldas – UdeC	16/12/14	16/12/19
COLÔMBIA	Universidad de Córdoba – UNICÓRDOBA	29/04/13	29/04/18
COLÔMBIA	Universidad de Cundinamarca – UdeC	01/11/16	01/11/21
COLÔMBIA	Universidad de Medellín - U. de M.	30/01/17	30/01/22
COLÔMBIA	Universidad del Cauca – Unicauca	29/08/17	29/08/22
COLÔMBIA	Universidad del Norte – Uninorte	10/04/13	10/04/18
COLÔMBIA	Universidad del Rosario – UR	11/12/13	11/12/18
COLÔMBIA	Universidad del Tolima – UT	27/11/09	27/11/19
COLÔMBIA	Universidad del Valle – Univalle	30/01/17	30/01/22
COLÔMBIA	Universidad Francisco de Paula Santander - UFPS	30/03/17	30/03/22
COLÔMBIA	Universidad Industrial de Santander – UIS	31/01/12	31/01/22
COLÔMBIA	Universidad Militar Nueva Granada – UMNG	22/10/13	22/10/18

COLÔMBIA	Universidad Nacional de Colombia – UNAL	21/12/12	21/12/17
COLÔMBIA	Universidad Nacional de Colombia – UNAL	21/12/17	21/12/22
COLÔMBIA	Universidad Pedagógica Nacional – UPN	23/01/17	23/01/22
COLÔMBIA	Universidad Santo Tomás – USTA	21/07/14	21/07/19
COLÔMBIA	Universidad Surcolombiana – USCO	19/06/13	19/06/18
COLÔMBIA	Universidad Tecnológica de Pereira – UTP	12/02/14	01/12/19
COREIA DO SUL	Hankuk University of Foreign Studies – HUFS	31/08/17	31/08/22
COREIA DO SUL	Hanyang University	28/09/17	28/09/22
COREIA DO SUL	Jeju National University – JEJUNU	05/01/15	05/01/20
COSTA RICA	Universidad Nacional, Costa Rica – UNA	05/05/17	05/05/22
DINAMARCA	Københavns Universitet – KU (Universidade de Copenhague)	03/06/15	03/06/20
ESLOVÊNIA	Univerza v Ljubljani - UniLj (Universidade de Ljubljana)	24/01/2014	24/01/19
ESPAÑA	Universidad Autónoma de Madrid – UAM	26/10/16	26/10/21
ESPAÑA	Universidad de Granada – UGR	15/05/15	15/05/20
ESPAÑA	Universidad de Granada – UGR	07/01/15	07/01/20
ESPAÑA	Universidad de Huelva – UHU	12/06/15	12/06/20
ESPAÑA	Universidad de La Laguna – ULL	30/01/13	30/01/18
ESPAÑA	Universidad de León – Ule	30/08/13	30/08/18
ESPAÑA	Universidad de Navarra – UNAV	08/09/14	08/09/19
ESPAÑA	Universidad de Salamanca – USAL	15/06/15	15/06/20
ESPAÑA	Universidad de Santiago de Compostela – USC	17/10/12	17/10/22
ESPAÑA	Universidade de Sevilla – US	10/11/13	10/11/18
ESPAÑA	Universidade de Sevilla – US	13/11/13	13/11/18
ESPAÑA	Universidad de Zaragoza – Unizar	28/12/12	18/12/17
ESPAÑA	Universitat de Barcelona – Facultad de Dret	31/07/17	31/07/21
ESPAÑA	Universitat de Girona – UdG	10/11/15	10/11/18
ESPAÑA	Universitat de Girona - Escola Universitària ERAM – UdG-ERAM	31/07/17	31/07/22
ESPAÑA	Universitat de les Illes Balears – UIB	12/07/17	12/07/22
ESPAÑA	Universitat de Vic – Universitat Central de Catalunya – UVic-UCC	31/08/15	31/08/20
EUA	California State University, Chico – CSU, Chico	06/03/15	06/03/20
EUA	Florida Atlantic University – FAU	10/09/12	10/09/18
EUA	Framingham State University – FSU	11/10/16	11/10/19
EUA	George Washington University – GWU	22/09/17	22/09/22
EUA	Southeast Missouri State University – SEMO	19/07/13	19/07/18
EUA	Southern Utah University – SUU	24/05/16	24/05/21
EUA	University of Arizona – UA	03/08/17	03/08/22
EUA	University of North Carolina at Wilmington – UNCW	21/11/16	21/11/21
EUA	University of Texas at Austin – UT Austin	07/07/17	07/07/22
EUA	University of the Incarnate Word – UIW	09/02/11	09/02/21
EUA	Virginia International University – VIU	20/05/15	20/05/20
EUA	Wayne State University – WSU	07/02/12	07/02/22
FINLÂNDIA	Kajaani University of Applied Sciences – KAMK	23/11/15	23/11/20
FINLÂNDIA	Karelia University of Applied Sciences (Antiga "North Karelia University of Applied Sciences")	22/12/13	22/12/18
FINLÂNDIA	University of Jyväskylä – JYU	01/04/14	01/04/19
FRANÇA	Communauté Université Grenoble-Alpes – ComUE	15/01/14	15/01/19

	Grenoble		
FRANÇA	Communauté Université Grenoble-Alpes – ComUE Grenoble-Alpes – École nationale supérieure d'architecture de Grenoble – ENSAG	26/06/12	26/06/22
FRANÇA	École d'ingénieur généraliste en informatique et technologies du numérique – EFREI	21/02/14	21/02/19
FRANÇA	École internationale des sciences du traitement de l'information – EISTI	27/06/17	27/06/22
FRANÇA	École nationale supérieure d'architecture et de paysage de Lille – ENSAPL	25/08/14	25/08/19
FRANÇA	École nationale supérieure de chimie de Montpellier – ENSCM	18/11/16	18/11/21
FRANÇA	Institut des sciences et technologies de Paris ("ParisTech")	02/09/15	02/09/20
FRANÇA	Institut Mines-Télécom	18/12/14	18/12/19
FRANÇA	Institut polytechnique UniLaSalle	04/12/15	04/12/20
FRANÇA	Université Clermont Auvergne - UCA (antiga Université Blaise Pascal, Clermont-Ferrand II – UBP)	14/12/16	14/12/21
FRANÇA	Université d'Angers – UA	09/07/13	09/07/18
FRANÇA	Université de Bordeaux – Ubx	20/05/16	20/05/21
FRANÇA	Université Lille 1 – Sciences et Technologies - UL1; Université Lille 2 – Droit et Santé – UL2; Université Lille 3 – Sciences Humaines et Sociales – UL3	31/03/17	31/03/22
FRANÇA	Université de Poitiers – UP	26/10/15	26/10/20
FRANÇA	Université de Rennes 1	05/10/11	05/10/21
FRANÇA	Université de Rennes 1	09/03/12	09/03/20
FRANÇA	Université de Rouen-Normandie	09/02/15	09/02/18
FRANÇA	Université de Technologie de Compiègne – UTC	31/01/17	31/01/22
FRANÇA	Université de Technologie de Troyes – UTT	01/04/16	01/04/21
FRANÇA	Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines – UVSQ	22/09/16	22/09/21
FRANÇA	Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne	16/04/15	16/04/20
FRANÇA	Université Paris 3 – Sorbonne-Nouvelle	06/12/11	05/12/21
FRANÇA	Université Paris 7 – Diderot	07/12/16	16/01/19
FRANÇA	Université Paris 11 – Sud	02/02/16	02/02/21
FRANÇA	Université Paris 12 - Est Créteil Val-de-Marne – UPEC	26/04/16	26/04/21
GUINÉ-BISSAU	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa na Guiné- Bissau – INEP	06/10/17	06/10/22
HOLANDA	Avans Hogeschool (Universidade de Ciências Aplicadas de Avans)	11/06/15	11/06/20
HOLANDA	De Haagse Hogeschool –THUAS (Universidade da Haia de Ciências Aplicadas)	22/02/17	22/02/22
HOLANDA	Fontys Hogescholen – FUAS (Universidade de Ciências Aplicadas de Fontys)	11/12/15	11/12/20
HOLANDA	HAS Hogeschool – HAS (Universidade HAS de Ciências Aplicadas)	29/06/15	29/06/20
HOLANDA	Hogeschool Zeeland – HZ (Universidade da Zelândia de Ciências Aplicadas)	06/07/15	06/07/20
HOLANDA	Radboud Universiteit Nijmegen – RU	20/02/17	20/02/22
HOLANDA	Vrije Universiteit Amsterdam – VU	20/08/14	20/08/19
ÍNDIA	Indian Institute of Technology Bombay – IITB	15/11/16	15/11/21
ÍNDIA	Manipal University	13/03/17	13/03/22
IRLANDA	Maynooth University – MU	01/07/16	01/07/21

ISRAEL	ORT Braude Academic College of Engineering – ORT Braude	25/08/15	25/08/20
ITÁLIA	Alma Mater Studiorum - Università di Bologna – UNIBO	17/07/14	17/07/19
ITÁLIA	Università Ca' Foscari de Venezia – UNIVE	09/07/14	09/07/19
ITÁLIA	Università degli Studi di Cagliari – UNICA	18/04/13	18/04/18
ITÁLIA	Università degli Studi di Napoli L'Orientale - L'Orientale	02/10/13	02/10/18
ITÁLIA	Università degli Studi di Padova – UNIPD	02/03/15	02/03/18
ITÁLIA	Università degli Studi di Roma "La Sapienza" – La Sapienza	28/02/17	28/02/22
ITÁLIA	Università degli Studi di Roma "Tor Vergata" - UTV	14/07/14	14/07/19
ITÁLIA	Università degli Studi di Siena – UNISI	24/08/16	24/08/21
ITÁLIA	Università di Camerino – UNICAM	27/06/16	27/06/21
ITÁLIA	Università di Trento – UniTrento	04/09/17	04/09/22
JAPÃO	Kyushu University - Faculty of Science, Graduate School of Science and School of Science	26/02/16	26/02/21
MÉXICO	Centro Mexicano para la Música y las Artes Sonoras – CMMAS	14/09/16	14/09/21
MÉXICO	Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey – ITESM	20/08/14	20/08/19
MÉXICO	Tecnológico de Estudios Superiores de Chimalhuacán – TESCHI	15/01/16	15/01/21
MÉXICO	Universidad Autónoma de Ciudad Juárez – UACJ	26/08/13	26/08/19
MÉXICO	Universidad Autónoma de San Luis Potosí – UASLP	09/11/16	09/11/21
MÉXICO	Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo – UAEH	01/11/13	01/11/18
MÉXICO	Universidad Autónoma del Estado de México – UAEM	14/07/05	14/07/20
MÉXICO	Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM	13/11/15	07/04/19
MÉXICO	Universidad Politécnica de Aguascalientes – UPA	24/06/16	24/06/21
MOÇAMBIQUE	Escola Superior de Jornalismo – ESJ	10/10/13	10/10/18
MOÇAMBIQUE	Universidade Politécnica de Moçambique – POLITÉCNICA	27/04/15	27/04/20
NORUEGA	Universitetet i Oslo – UiO (Universidade de Oslo)	03/08/15	03/08/20
PERU	Centro de Estudios Literarios Antonio Cornejo Polar – CELACP	30/08/16	30/08/21
PERU	Universidad César Vallejo – UCV	01/02/13	01/02/18
PERU	Universidad Nacional Mayor de San Marcos – UNMSM	04/07/13	04/07/18
PERU	Universidad Peruana Cayetano Heredia – UPCH	31/03/16	31/03/21
PERU	Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas – UPC	29/09/16	29/09/21
PERU	Universidad San Ignacio de Loyola – USIL	03/06/15	03/06/20
PORTUGAL	Centro Hospitalar Cova da Beira – CHCB	28/03/14	28/03/19
PORTUGAL	Escola Superior Gallaecia – ESG	02/12/11	02/12/21
PORTUGAL	Instituto Politécnico de Beja – IPBeja	16/01/17	16/01/22
PORTUGAL	Instituto Politécnico de Bragança – IPB	28/10/13	28/10/18
PORTUGAL	Instituto Politécnico de Leiria – IPL	26/10/16	26/10/21
PORTUGAL	Instituto Politécnico de Setúbal – IPS	02/03/15	02/03/20
PORTUGAL	Instituto Politécnico do Porto – IPP	28/10/11	28/10/21
PORTUGAL	Instituto Universitário de Lisboa – IUL	10/11/15	10/11/20
PORTUGAL	Universidade da Beira Interior – UBI	16/01/17	16/01/22
PORTUGAL	Universidade de Coimbra – UC	23/02/15	23/02/18
PORTUGAL	Universidade de Évora – UEVORA	02/06/09	27/04/19
PORTUGAL	Universidade de Lisboa – Faculdade de Arquitetura	04/10/17	04/10/22

PORTUGAL	Universidade de Lisboa – Instituto Superior de Agronomia - ULisboa-ISA	09/02/17	09/02/22
PORTUGAL	Universidade de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – ULisboa-ISCSP	30/06/16	30/06/21
PORTUGAL	Universidade de Lisboa – Instituto Superior de Economia e Gestão – ULisboa-ISEG	18/07/16	18/07/21
PORTUGAL	Universidade de Lisboa – Instituto Superior Técnico – ULisboa-IST	23/06/15	23/06/20
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Ualg	06/02/14	06/02/19
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Departamento de Ciências Biomédicas e Medicina - UAlg-DCBM	08/11/16	06/02/19
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e Comunicação – UAlg-ESEC	29/03/12	29/03/22
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Escola Superior de Saúde – UAlg-ESS	17/05/12	17/05/22
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Faculdade de Ciência e Tecnologia – UAlg-FCT	15/11/11	15/11/21
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UAlg-FCHS	25/07/12	25/07/22
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Faculdade de Economia – UAlg-FE	25/11/11	25/11/21
PORTUGAL	Universidade do Algarve – Instituto Superior de Engenharia – UAlg-ISE	09/01/12	09/01/22
PORTUGAL	Universidade do Minho – UM	06/03/15	06/03/18
PORTUGAL	Universidade do Porto – Faculdade de Engenharia – FEUP	31/03/17	31/03/20
PORTUGAL	Universidade do Porto – Faculdade de Letras	11/09/17	11/09/22
PORTUGAL	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT	07/09/16	07/09/21
REINO UNIDO	Cardiff University	24/04/17	24/04/22
REINO UNIDO	King's College London – KCL	26/05/17	26/05/22
REINO UNIDO	University of Kent	11/11/15	11/11/20
REINO UNIDO	University of Leeds	04/10/14	04/10/19
REINO UNIDO	University of Nottingham	15/01/13	15/01/18
REINO UNIDO	University of Southampton	25/01/17	25/01/22
REINO UNIDO	University of Strathclyde	18/11/14	18/11/17
REP. TCHECA	University of Hradec Králové – UHK	25/07/17	25/07/22
ROMÊNIA	Universitatea Babeş-Bolyai, Cluj-Napoca - UBB	25/08/16	25/08/21
ROMÊNIA	Universitatea de Ştiinţe Agricole şi Medicină Veterinară a Banatului din Timişoara – Banat's University of Agricultural Sciences and Veterinary Medicine from Timişoara – USAMVBT	02/08/16	02/08/21
ROMÊNIA	Universitatea de Vest din Timişoara – UVT	30/01/17	30/01/22
RÚSSIA	Innopolis University	04/09/15	04/09/20
RÚSSIA	Tomsk State University – TSU	17/01/17	17/01/22
RÚSSIA	Tyumen State University – TSU	28/12/16	28/12/21
RÚSSIA	Ural Federal University – UrFU	08/11/16	08/11/21
SAN MARINO	Università degli Studi della Repubblica di San Marino – UNIRSM	26/12/16	26/12/21
SUÉCIA	KTH Royal Institute of Technology – KTH	09/11/16	09/11/19
SUÉCIA	Linköping University – LiU	19/05/16	19/05/21
SUÍÇA	Haute École de Gestion de Genève – HEG	04/03/14	04/03/19
SUÍÇA	Université de Neuchâtel	25/04/16	25/04/21

UCRÂNIA	Bogomolets National Medical University – NMU	26/10/16	26/10/21
URUGUAI	Universidad de la República – Udelar	10/07/15	10/07/20
VENEZUELA	Universidad Católica Andrés Bello – UCAB	31/07/17	31/07/22
VENEZUELA	Universidad Central de Venezuela – UCV	18/02/14	18/02/19
VENEZUELA	Universidad Centroccidental Lisandro Alvarado – UCLA	30/07/13	30/07/18

Fonte: UFMG: DRI, 2018.

**ANEXO B – Decreto nº 7.948 (Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G)**



**Presidência da República Casa Civil**

**DECRETO Nº 7.948, DE 12 DE MARÇO DE 2013**

Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G.

**A PRESIDENTA DA REPÚBLICA**, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, **caput**, inciso VI, alínea “a”, da Constituição,

**DECRETA:**

**CAPÍTULO I**

**DAS DISPOSIÇÕES  
GERAIS**

Art. 1º O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G destina-se à formação e qualificação de estudantes estrangeiros por meio de oferta de vagas gratuitas em cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior - IES brasileiras.

Parágrafo único. O PEC-G constitui um conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, preferencialmente com os países em desenvolvimento, com base em acordos bilaterais vigentes e caracteriza-se pela formação do estudante estrangeiro em curso de graduação no Brasil e seu retorno ao país de origem ao final do curso.

Art. 2º O PEC-G será implementado conjuntamente pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Ministério da Educação, nos termos deste Decreto.

§ 1º Compete ao Ministério das Relações Exteriores coordenar os procedimentos relativos à implementação do PEC-G junto a governos estrangeiros por intermédio das missões diplomáticas e repartições consulares brasileiras.

§ 2º Compete ao Ministério da Educação coordenar os procedimentos referentes à adesão das IES ao PEC-G, oferta das vagas, seleção e matrícula dos candidatos e acompanhamento do programa.

§ 3º Os Ministérios das Relações Exteriores e da Educação não interferirão em questões de natureza acadêmica, de atribuição exclusiva das IES integrantes do programa.

**CAPÍTULO**

**II DAS**

## VAGAS

Art. 3º As IES interessadas participarão do PEC-G por meio de termo de adesão específico a ser firmado com o Ministério da Educação.

Art. 4º O Ministério da Educação estabelecerá, anualmente, o total de vagas por curso ofertadas no âmbito do PEC-G após indicação da disponibilidade das IES participantes.

§ 1º O Ministério da Educação poderá solicitar às IES a oferta de vagas adicionais para atender estudantes candidatos ao PEC-G e o expresse nos acordos de cooperação internacional.

§ 2º No âmbito do PEC-G, somente poderão ser ofertadas vagas em cursos oferecidos em período diurno ou integral.

## CAPÍTULO III

### DAS

### INSCRIÇÕES

Art. 5º O calendário e processo seletivo do PEC-G serão anualmente regulamentados por edital expedido pelo Ministério da Educação, com a anuência do Ministério das Relações Exteriores.

Art. 6º Poderão se inscrever no PEC-G os estudantes estrangeiros:

I - residentes no exterior e que não sejam portadores de visto permanente ou qualquer outro tipo de visto temporário para o Brasil;

II - maiores de 18 e preferencialmente até 23 anos;

III - que firmarem Termo de Responsabilidade Financeira, em que assegurem ter meios para custear as despesas com transportes e para subsistência no Brasil durante o curso de graduação;

IV - que firmarem Termo de Compromisso, em que se comprometam a cumprir as regras do PEC-G;

e V - que apresentarem certificado de conclusão do ensino médio e Certificado de Proficiência

em

Língua Portuguesa para Estrangeiros – Celpe-Bras.

§ 1º Excepcionalmente, o candidato que não tiver concluído o ensino médio na data da inscrição poderá apresentar o certificado de conclusão do ensino médio no ato da matrícula na IES.

§ 2º O candidato originário de país em que não haja aplicação do Celpe-Bras poderá realizá-lo no Brasil, uma única vez, após conclusão do curso de Português para Estrangeiros preparatório para o exame Celpe-Bras, em IES credenciadas.

§ 3º O candidato reprovado no Celpe-Bras aplicado no Brasil, na forma do § 2º, não poderá ingressar no PEC-G, vedada a prorrogação de seu registro e do prazo de estada no Brasil, conforme disposto na Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e no Decreto nº 86.715, de 10 de dezembro de 1981.

§ 4º É vedada nova inscrição no PEC-G ao candidato selecionado que deixar de efetuar sua matrícula inicial na IES sem justificativa.

Art. 7º Após divulgação do resultado da seleção, as missões diplomáticas e as repartições consulares

brasileiras concederão aos candidatos selecionados o visto temporário de estudante, na forma da legislação aplicável.

§ 1º A condição migratória regular no Brasil, que compreende a obtenção do visto e a atualização do registro de estrangeiro, é de responsabilidade do estudante-convênio, e é indispensável para efetivação da matrícula e, posteriormente, para a inscrição em disciplinas a cada início de período letivo.

§ 2º A IES zelará pelo cumprimento das obrigações previstas no § 1º, provendo os documentos necessários para o registro do estrangeiro, vedada a inscrição em disciplinas de estudante-convênio em situação migratória irregular.

## CAPÍTULO IV

### DA MATRÍCULA, DOS PRAZOS E CUMPRIMENTO DO PROGRAMA

Art. 8º A apresentação do estudante-convênio para matrícula deverá obedecer ao calendário escolar da IES para a que foi selecionado.

Parágrafo único. Compete à IES verificar a documentação e a regularidade da situação migratória do estudante-convênio para efetivação e registro de matrícula.

Art. 9º O estudante-convênio poderá solicitar mudança de curso ou de Instituição, atendidos os critérios e as normas regimentais das IES participantes do PEC-G.

§ 1º A mudança de curso poderá ocorrer uma única vez e exclusivamente ao término do primeiro ano de estudos, atendidos os critérios e as normas regimentais da IES.

§ 2º O estudante deverá obedecer ao prazo regulamentar para integralização curricular.

§ 3º A matrícula para obtenção de nova habilitação, vinculada ao mesmo curso, somente será permitida se for respeitado o prazo regulamentar de conclusão do curso inicial.

§ 4º Em caso de estudante-convênio beneficiário de bolsa de estudos ou auxílio financeiro, a mudança de curso ficará condicionada à manifestação favorável da instituição concedente, governamental ou privada.

§ 5º A IES deverá comunicar, imediatamente, a mudança de curso ao Ministério da Educação e ao Ministério das Relações Exteriores.

Art. 10. A transferência do estudante-convênio deve observar as exigências da IES recipiendária, e o os critérios estabelecidos pelo art. 49 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ressalvadas as vedações previstas nos incisos VI e VII do **caput** do art. 12.

§ 1º A transferência para prosseguimento de estudos no mesmo curso deverá ser feita entre IES participantes do PEC-G uma única vez, exclusivamente ao fim do primeiro ano de estudos.

§ 2º A IES, ao aceitar a transferência, deverá providenciar imediatamente a expedição dos documentos referentes à transferência para a Polícia Federal, para atualização do registro, nos termos da Lei nº 6.815, de 1980.

§ 3º Compete à IES recipiendária comunicar o fato ao Ministério da Educação e ao Ministério das Relações Exteriores.

Art. 11. É vedada a participação de estudantes do PEC-G em programas de mobilidade acadêmica que implique deslocamento do estudante, com alteração das condições de matrícula, com mudança temporária de sede ou de país.

Art. 12. Será desligado do Programa o estudante-convênio que:

I - não efetuar matrícula no prazo regulamentar da IES;

II - trancar matrícula injustificadamente ou abandonar o curso;

III - não obtiver a frequência mínima exigida pela IES em cada disciplina;

IV - for reprovado por três vezes na mesma disciplina;

V - for reprovado em mais de duas disciplinas, ou número de créditos equivalente, no mesmo semestre, a partir do 2º ano ou do 3º semestre do curso;

VI - obtiver transferência para IES não participante do PEC-G, ou que não atenda ao disposto no art. 10;

VII - obtiver novo ingresso em IES por meio de processo seletivo que não seja o do PEC-G;

VIII - obtiver, durante o curso, visto diferente daquele indicado no art. 7º ou condição migratória diversa; ou

IX - apresentar conduta imprópria, constatada por processo disciplinar, no âmbito da IES.

§ 1º Entende-se como conduta imprópria aquela que atente contra as normas disciplinares da IES e da legislação brasileira, e manifestações ostensivas de transgressão de normas de convivência social.

§ 2º O trancamento geral de matrícula não será permitido, exceto por motivo de saúde, própria ou de parente em primeiro grau, inclusive por afinidade, comprovado junto à IES.

§ 3º Estendem-se ao estudante-convênio as normas aplicáveis aos integrantes do corpo discente de cada IES compatíveis com este Decreto, incluídas as que tratam do jubramento e demais hipóteses de desligamento do curso.

§ 4º Compete à IES comunicar o desligamento do estudante-convênio à Polícia Federal, ao Ministério da Educação e ao Ministério das Relações Exteriores.

## CAPÍTULO V

### DISPOSIÇÕES

#### FINAIS

Art. 13. É vedado ao estudante-convênio o exercício de atividade remunerada que configure vínculo empregatício ou caracterize pagamento de salário ou honorários por serviços prestados.

Parágrafo único. É permitida a participação do estudante-convênio em estágio curricular, atividades de pesquisa, extensão e de monitoria, obedecida a legislação referente a estrangeiros residentes temporários.

Art. 14. É garantida ao estudante-convênio assistência médica, odontológica e farmacêutica pelo Sistema Único de Saúde - SUS, nos termos de convênio firmado entre o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Saúde sem prejuízo da adesão do estudante a um plano de saúde complementar.

Parágrafo único. Em caso de falecimento, doença grave ou incurável que impeça a continuação dos estudos, o Ministério das Relações Exteriores poderá arcar com os custos relativos ao traslado do estudante-convênio para o país de origem, se houver impedimento financeiro do estudante e disponibilidade de recursos

orçamentários do Ministério.

Art. 15. As instituições participantes do PEC-G poderão, nos termos da lei, conceder auxílio financeiro destinado ao estudante-convênio, por prazo limitado e durante o curso, a título de custeio de moradia, transporte ou alimentação, em qualquer caso condicionado ao bom aproveitamento acadêmico.

Art. 16. O vínculo do estudante-convênio com o PEC-G cessa com a conclusão do curso e colação de grau.

§ 1º Compete à IES informar a relação dos estudante-convênio graduados à Polícia Federal, ao Ministério da Educação e ao Ministério das Relações Exteriores, imediatamente após a colação de grau.

§ 2º É vedada a extensão da estada do estudante-convênio no Brasil além do prazo legal indicado no Estatuto do Estrangeiro.

Art. 17. O estudante-convênio receberá, obrigatória, pessoal e gratuitamente, seu diploma, ementas e histórico escolar, legalizados, na missão diplomática brasileira onde se inscreveu no PEC-G.

Art. 18. As IES que oferecerem vagas no curso de Português para Estrangeiros preparatório para o exame Celpe-Bras aos estudantes-convênio deverão fazê-lo mediante assinatura de Termo específico, a ser firmado com o Ministério da Educação, assegurando as condições e o cumprimento do Programa.

Art. 19. Os estudantes-convênio contemplados neste Decreto estão isentos de indicação ao Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE, integrante do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, instituídos pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004.

Art. 20. O Ministério da Educação e o Ministério das Relações Exteriores manterão atualizadas as respectivas páginas eletrônicas sobre o PEC-G, onde constarão informações adicionais e demais assuntos de interesse.

Parágrafo único. É da responsabilidade do estudante-convênio manter-se informado sobre obrigações e compromissos decorrentes da participação no PEC-G por meio de consulta regular aos portais eletrônicos do Ministério das Relações Exteriores, do Ministério da Educação e das IES.

Art. 21. Ato conjunto dos Ministros de Estado da Educação e do Ministério das Relações Exteriores disporá sobre a operacionalização do PEC-G

Art. 22. Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 23. Fica revogado o Decreto nº 55.613, de 20 de janeiro de 1965.

Brasília, 12 de março de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF

*Antonio de Aguiar Patriota Aloizio Mercadante*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 13.3.2013

**ANEXO C – Resolução Normativa do Conselho Nacional de Imigração sobre Estudante Estrangeiro**

**RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 49 DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000<sup>65</sup>**

Disciplina a concessão de visto a estrangeiros que venham estudar no Brasil no âmbito de programa de intercâmbio educacional.

O CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO, instituído pela Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, resolve:

Art. 1º Ao estrangeiro que pretenda vir ao Brasil para estudar em curso regular, no âmbito de programa mantido por entidade dedicada ao intercâmbio estudantil, poder-se-á conceder o visto temporário previsto no item I do art. 13 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980.

Parágrafo único (Revogado)

Art. 2º O pedido de visto deverá ser instruído com os seguintes documentos:

I - da entidade de intercâmbio estudantil:

- a) ata de constituição;
- b) (Revogado)
- c) Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas.

II - do estudante estrangeiro:

- a) da entidade de intercâmbio estudantil atestando sua inclusão no programa;
- b) comprovante de matrícula ou reserva de vaga na instituição de ensino brasileira em que pretende estudar;
- c) de recursos financeiros compatíveis com a viagem e a estada;
- d) autorização dos pais para deixar o país de origem, se menor; e
- e) endereço completo do local de hospedagem do aluno bem como qualificação dos responsáveis.

---

<sup>65</sup> Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/Estrangeiros/default.htm>. Acesso em: 12 de julho de 2018.

Art. 3º O visto a que se refere esta Resolução Normativa será solicitado no exterior às Missões diplomáticas, Repartições consulares de carreira ou Vice- consulados, e terá validade de até 1 (um) ano, improrrogável.

Art. 4º Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogada a Resolução Normativa nº 40, de 28 de setembro de 1999, publicada no Diário Oficial nº 194-E, de 8 de outubro de 1999, Seção I, pág. 17.

**ALVARO GURGEL DE ALENCAR**

**Presidente do Conselho Nacional de Imigração**